

Nº 12

[417]

CORREIO BRAZILIENSE

DE MAIO, 1809.

Na quarta parte nova os campos afa,
E se mais mundo houvera la chegára.

CAMOENS, C. VII. e. 14.

POLITICA.

Documentos Officiaes Relativos a Portugal.

*Copia de uma carta do Secretario de Guerra Lord Castle-
reagh ao General Wellesley; datada de Londres 30 de
Junho, de 1809.*

SENHOR.

A occupação de Hespanha e Portugal pelas tropas de França, e a inteira usurpação dos seus respectivos Governos, por aquella Potencia, determinou S. M. a mandar, que um corpo de suas tropas, como se refere á margem (7.816 homens) fosse preparado para o serviço, e empregado debaixo de vossas ordens, para se oppor aos designios do inimigo, e subministar ás naçoens Hespanhola e Portugueza todo o adjutorio possivel, para expulsar o jugo da França.

Inclusas recebereis as communicaçoes, que fizeram os Deputados do Principado das Asturias, e do Reyno de Galiza, ao Governo de S. M., junctamente com a resposta que S. M. mandou que se desse ao seu petitorio de soccorros. Tambem incluo uma relação dos provimentos, que ja se despacháram para o porto de Gijon, para o uso do povo das Asturias.

Como os Deputados das sobredictas Provincias não desejão que se empregue corpo algum das tropas de S. M., na quella parte da Hespanha d'onde elles são delegados ; mas antes tem instado, como mais conveniente para causar uma diversaõ poderosa em seu favor, sobre a importancia de dirigir os esforços das forças Britanicas á expulsaõ do inimigo de Portugal ; para que assim a insurrecção contra os Francezes, se possa fazer geral por todo aquelle Reyno, assim como em Hespanha ; juga-se por isso conveniente, que a vossa attençaõ se dirija immediatamente a este objecto.

A difficuldade de voltar para o Norte com uma frota de transportes, nesta estaçaõ do anno, faz necessario que vós, em primeiro lugar procedais, com o armamento debaixo das vossas ordens, para o cabo de Finisterre. Vos ireis adiante em um vaso, bom veleiro, para a Coruña, onde achareis os melhores meios de saber o estado actual das cousas, tanto em Hespanha, como em Portugal ; e de julgar até que ponto o corpo immediatamente debaixo das vossas ordens, seja separado, seja reforçado pelo Major General Spencer, se pode considerar como força sufficiente, para emprehender uma operaçaõ contra o Tejo. Se for a vossa opiniaõ, pela informaçaõ que recebereis, que a enterpreza, de que se trata, se não pode executar, sem esperar reforços daqui, communicareis confidencialmente ao Governo Provisional de Galiza, de que he importante aos interesses da causa communi, que o vosso armamento se habilite a anchorar ao norte do Tejo, até que se possa reforçar com mais tropas daqui ; e fareis com elle arranjamientos, para ter permissaõ de ir a Vigo, onde se julga que podeis ficar, com não menos segurança do que na enseada de Ferrol ; e donde podeis partir para o Sul com mais facilidade do que deste ultimo porto. No caso de ireis a Vigo, mandareis ordem ao Major General Spencer, se elle tiver chegado ao Tejo, para que venha ter com vosso áquelle lugar, em

consequencia das ordens inclusas (vid. carta ao General Spencer de 30 de Junho de 1809) e igualmente mandareis para ca toda a informaçã, que possa habilitar os Ministros de S. M. a tomar medidas, para reforçar daqui o vosso corpo.

Na consideraçã da possibilidade de naõ serem as vossas forças, juncto ás do General Spencer, sufficientes para a operaçã, tem-se ordenado, que se prepare para o serviço um corpo addicional de 10.000 homens, que se espera estará prompto a partir daqui a tres semanas. Incluo a informaçã que possuímos, a respeito das forças do inimigo em Portugal, e diz-se que uma grande parte dellas se moveo para Almeida, ou para a fronteira do Nordeste. Vos sem duvida podereis obter informações mais recentes, na Coruña, e para vos ajudar nisso se ordenou ao Coronel Browne, que fosse ter ao Porto, e que vos encontrasse de fronte do cabo de Finisterre, para vos dar todas as noticias que pudesse obter. Um official de engenheiros, que conhece as defensas do Tejo, foi tambem mandado para o Tejo, para fazer observaçoens, e preparar informaçã, para a vossa consideraçã, a respeito da execuçã do proposto ataque sobre o Tejo. Elle vos mandará tambem o resultado de suas indagaçoens á paragem de Finisterre, deixando-se ficar no Tejo até a vossa chegada.

Vos sois authorizado a dar as mais distinctas seguranças ao Povo Hespanhol e Portuguez, de que S. M., mandando uma força para sua assistencia, naõ tem em vista outro objecto se naõ subministrar-lhes o mais illimitado, e desinteressado apoio; e em quaesquer arranjamens, que vos tenhaes de entrar com uma ou outra naçã, no proseguimento da causa commum, obrareis sempre com a maior liberalidade, e confiança; e debaixo do principio de que os esforços de S. M. se devem dirigir a ajudar os povos de

Hespanha e Portugal, a restabelecer e manter, contra a França, a independencia, e integridade de suas respectivas monarchias. Na rapida successão, em que se deve esperar que os acontecimentos succederaõ uns aos outros, vista a situação em que se acham Portugal e Hespanha, he necessario deixar muito ao vosso juizo e decizaõ, sobre o terreno. S. M. he benignamente servido confiar-vos a mais plena discriçaõ, para obrar segundo as circumstancias, em beneficio de seu serviço; e podeis estar descansado, que as vossas medidas seraõ favoravelmente interpretadas, e receberaõ o mais cordeal apoio.

Vós facilitareis, o mais que for possivel, as communicacões entre as respectivas Provincias, e colonias de Hespanha; e reconciliareis, com o vossos bons officios, quaesquer altercaçoes, que se possaõ originar entre elles, na execuçaõ do fim commum. Se occorrer alguma divisaõ séria de sentimento, a respeito da natureza do Governo provisõnal, que deve obrar, durante o presente interregno, ou a respeito do Principe, em cuja pessoa se considera depositada a authoridade legal, vos evitareis, quanto for possivel, tomar parte alguma em taes discussões, sem a expressa authoridade de vosso governo. Como tudo vós intimareis ás pessoas em authoridade, que, para ser consequentes com a asserçaõ da sua independencia, naõ podem reconhecer, que o Rey, ou Principe das Asturias, possua ao presente authoridade alguma, nem podem considerar, como valido, acto algum practicado por elles, até que elles voltem para dentro do paiz, e tenham o poder de obrar livremente: que nunca se podem considerar com liberdade de obrar á sua vontade, em quanto forem obrigados a acquiescer á continuacão das tropas Francezas, em Portugal e Hespanha. A inteira, e absoluta evacuaçaõ da Peninsula, pelas tropas de França, visto o que se tem passado, he a unica segurança da independencia da Hespanha; e a unica base,

sobre que a nação Hespanhola se deve persuadir a tratar, ou depôr as armas.

Tenho a honra de ser, &c.

CASTLEREAGH.

Ao Ten. General Cavalleiro
Arthuro Wellesley, &c.

Downing Street, 17 de Sept. 1808.

SENHOR! Qualquer que seja o desgosto, que S. M. tenha, neste momento, vendo a convenção concluida aos 30 do passado, em tanto quanto diz respeito aos interesses immediatos da Gram Bretanha, S. M. com tudo suspende o seu juizo final, sobre toda ésta parte do caso, até que esteja de posse de informação ulterior.

S. M. não pode deixar de advertir, com peculiar dôr, e mortificação, naquelles artigos em que se fizéram estipulaçoens, que profundamente tocávam a sensibilidade, e interesses de seus alliados, e que S. M. não pode deixar de desapprovar fortemente. Entre estes artigos o 5º. áa Convenção definitiva, que no presente momento se suppoem estar mais immediatamente em progresso de execução, tem sido objecto de peculiar anxiedade para S. M., em tanto quanto a ultima parte delle poderá ter tal construcção, que protega o exercito Francez, em tirar, debaixo da mascara de propriedade particular, os roubos, que elle taõ vergonhosamente adquirio em Portugal. S. M. não deseja de nenhum modo suppor, que ao tempo em que vós rati ficasteis a Convenção, se contemplava o tolerar tal abuso, ou que vós considerasteis, que tal construcção, se podia candidamente applicar á palavra “propriedade.”

Nesta explicação do artigo parece concordar o Capt. Dalrymple, a quem vós me referisteis para as explicaçoens. Na supposição de que tal he o verdadeiro sentido deste artigo, S. M. me ordena exprimir o seu anxioso cuidado,

qualquer que seja a difficuldade de uma efficaç distincção, que se adoptein todas as precauçoens possiveis, para se guardar contra um abuso, tão revoltante á sensibilidade do Principe Regente de Portugal, e seus subditos; e vós imprimireis no espirito de vosso successor, o cuidado que S. M. tem, de que um Aliado, para cuja protecção e libertação de seus territorios e povo, S. M. tem tão seheitamente feito os maiores esforços, não seja exposto a uma injuria tão offensiva, com a approvação de um exercito Britanico.

Terho a hora de ser, &c.

(Assignado) CASTLEREAGH.

Ao Ten. Gen. Cav. Hew Dalrymple.

Extracto de uma carta do General Wellesley ao Secretario de Guerra Lord Castlereagh.

Quartel General das Caidas 16 de Agosto, 1808.

MY LORD! Marchei de Laveos aos 10, e se ajunctáram a mim, em Leyria, aos 12, as tropas Portuguezas, commandadas pelo General Bernardino Freire, em numero de 5 a 6.000 homens; mas sinto ter de informar a V. S., que me não acompanháram mais adiante. Desde a minha chegada a este paiz, o General Bernardino Freire, e os outros officiaes Portuguezes, exprimíram o seu desejo de que o Commissariato Britanico, sustentasse as tropas Portuguezas dos armazens Britanicos durante a campanha; particularmente em uma sessão que tive com elles no Porto, na noite de 24 de Julho, e n'outra em Montemor o Velho aos 7 do corrente, em ambas estas occasioens eu lhe disse expressamente que éra impossivel supprir as suas necessidades dos provimentos Britanicos; que estes provimentos se formáram com as vistas somente do consumo dos Inglezes, e isso para um breve espaço de tempo; e que éra uma proposição de natureza nova requerer, que um exercito desembarcando de seus navios não sómente supprisse ao seu consumo de carne; mas igualmente supprisse o exercito do Estado, a

quem éra mandado a auxiliar. Eu dise aos officiaes Portuguezes, porém, que me parecia naõ havia ter necessidade de appellar para o paiz para o provimento de paõ, durante a marcha para Lisboa; mas que me seria preciso carne, vinho, e forragem; e tudo isto o Bispo do Porto se obrigára a dar-me.

Antes de marchar para Leyria, instáram comigo os officiaes Portuguezes, para que me adiantasse com brevidade, a fim de segurar um armazem, que se tinha formado naquelle lugar, segundo o que eu entendi, para a uso das tropas Britanicas; e o eu adiantar-me certamente salvou o armazem de cair nas mãos do inimigo: mas deste armazem nada recebi, e foi inteiramente applicado ao uso do exercito Portuguez. Com tudo na noute em que o exercito Portuguez chegou a Leyria, recebi alguns recados mui extraordinarios, relativamente aos seus suprimentos; e em uma conversação, que tive, essa noite, com o General Freire, exprimio elle a sua anxiedade nesta materia. Communicou-se-lhe o plano de marcha para a manhã seguinte, e se fixou a hora de partida das tropas Portuguezas. Mas em vez de fazer a marcha, como se tinha concordado, me mandou o General Freire uma proposição para um novo plano de operaçoens, que punha as tropas Portuguezas a certa distancia do exercito Inglez, por Ruslo e Thomar, endereçando-se a Santarem; a menos que eu naõ concordasse em dar de comer a todos elles; e o pretexto para adoptar este plano éra a provavel falta de provimentos no caminho, que eu me propunha seguir, e a sua abundancia no outro caminho que propunham; e que as tropas Portuguezas estaríam em situação, de cortar a retirada dos Francezes de Lisboa. Na minha resposta eu notei a inefficacia, e perigo deste plano, e pedi ao General, que me mandasse mil homens de infantaria, e toda a sua cavallaria, e as suas tropas ligeiras, que eu me obrigava a sustentallas; e lhe recommendei, ou que se ajunctasse a mim com o resto, ou

que em todo o caso ficasse em Leyria ou Alcobaça; ou em outra parte, na minha retaguarda, onde ao menos estariam as suas tropas em segurança. Elle me mandou as tropas que lhe pedi, em numero de 1.400 infantes, e 260 de cavallo; mas participou-me, que fazia tenção de preservar no seu proposto plano de operaçoens, quanto ao resto do seu exercito; não obstante havello eu informado de que tenho achado recursos no paiz, plenamente adequados á subsistencia de suas tropas.

Tenho particularizado, nesta forma, a V. S. as circumstancias que occorrêram, porque estou certo que não fôram ellas as que occasionáram a separaçãõ do exercito Portuguez do de S. M. Deve haver, no armazem de Leyria, paõ para as tropas Portuguezas, para dous dias. Eu achei em Alcobaça bastante para lhes durar um dia; e podia obter-se ainda mais; este lugar teria subministrado amplos provimentos.

O Gen. Freire foi informado deste estado dos recursos, e comtudo persiste no seu plano; e eu confesso que o não posso attribuir a outra causa, senão ás suas apprehençoens, as quaes porém nunca elle me deo a entender, de que nos não somos assaz fortes para o inimigo. Eu estou convencido de que elle não pode ter motivo pessoal para a sua conducta; porque eu tenho sempre estado com elle em termos da maior cordialidade; eu supprio de armas, muniçãõ, e pederneiras, e tenho feito ao seu exercito tudo quanto está no meu poder; e só no dia antecedente me communicou elle a alteraçãõ do seu plano, para a marcha de seu exercito, que elle voluntariamente poz debaixo do meu commando. Havendo achado recursos, no paiz, mais amplos do que esperava, eu teria certamente apprehendido sustentar o seu exercito, segundo os seus desejos; porque considero de importancia, mais por motivos politicos do que militares, que as tropas Portuguezas acompanhem a nossa marcha; mas achei que o Commissariato Britanico está

taõ mal composto, e incapaz de distribuir mesmo ás tropas Britanicas os amplos provimentos, que se lhes tem procurado, que naõ desejo sobrecarregallo com o cuidado adicional, de providenciar e distribuir provimentos ao exercito Portuguez. Alem disto, como ja expliquei a V. S. eu naõ creio que o motivo, que se alegou, he a causa da determinação, que tenho referido, &c. &c. &c.

Carta secreta do Gen. Dalrymple ao Secretario de Guerra.

Quartel General de Cintra, 3 de Sept. 1809.

MY LORD. Logo depois que se concluiu o acordo para uma suspenção de armas, mandei uma copia ao Gen. Freire, que commanda o exercito Portuguez, e bem depressa conheci, tanto pelo seu modo, na primeira visita, como por uma conversação que tive com o Major Aires Pinto de Souza, um official de sua confiança, que mandou residir, por algum tempo, no meu Quartel General; que havia alguma cousa de enfado; e eu suspeito ser, que o Governo Provisional do Porto naõ foi de forma alguma lembrado nesta transacção. Sem entrar mui profundamente neste delicado objecto, éra facil o demonstrar que a convenção, de sua natureza uma medida militar, entre os commandantes dos exercitos oppostos, e que naõ se referiam aos Governos Francez ou Inglez; e que o Duque de Abrantes naõ éra exactmente a pessoa a quem eu me dispuzesse a submeter a questão da pretensão da Juncta do Porto ao Governo de Portugal; Mostrei com tudo o meu desejo de que, se o General tinha algumas observaçoens a fazer sobre os artigos, que haviam formar a base da Convenção, ou algumas estipulaçoens a propor, que o fizesse por escripto sem perca de tempo. Isto nunca o Gen. fez, ainda que, mais de uma vez, entrei na materia, com o Major Aires Pinto de Souza; e tudo continuava sem asperezas até que a convenção se concluiu.

quando repentinamente percebi no rosto e mançiras daquelle official, visiveis signaes de descontentamento.— Tenho a honra de incluir para a informação de V. S. a correspondencia, que ultimamente houve sobre ésta materia, que explica os allegados motivos de queixa, assim como a sua justiça. Eu disse motivos allegados; porque elles certamente differem materialmente do que o Senhor Pinto de Souza, exprimio em sua conversação, ná ultima vez que fallamos, &c. &c. &c.

(Incluso na acima, em Francez.)

Torres Vedras, 1 de Sept. 1809.

SENHOR! O Coronel Murray me mostrou hontem, por ordem de V. S. os artigos da capitulação concluida, entre os exercitos Britanico e Francez: hontem mesmo dei parte ao Gen. em Chefe do exercito Portuguez; e em consequencia das minhas instrucçoens, considerando, por uma parte, que a capitulação entre os dous exercitos Inglez e Francez, está definitivamente concordada; e que, por outra parte, o Gen. Bernardino Freire de Andrade seria de alguma sorte responsavel, ante o Governo provisorio de Portugal, se não tractasse de obter para os habitantes do Reyno de Portugal tudo quanto lhes pudesse ser util, e honroso ao Estado; e reflectindo mais que, na capitulação que V. Ex.^a foi servido fazer-me ver, não ha um so artigo em que o exercito Portuguez seja considerado, e que não obstante isto, se acha um artigo que garante aos Francezes a restitução dos officiaes civis, que o exercito Portuguez fez prisioneiros, creio ser do meu dever, em virtude das instrucçoens que tenho recebido, apresentar a V. Ex.^a as perguntas seguintes.

1. Até que ponto se estende a garantia offercida aos Francezes, sobre a restitução dos officiaes civis, que estão em nosso poder?

2. Se succeder, que o Governo Provisorio de Portugal, reprovando a conducta do Gen. Freire, por não haver tomado parte nos arranjos feitos com os Francezes, ordenasse movimentos avançando, em combinaçãõ, com o exercito Hespanhol do Alemtejo; se, neste caso, o exercito Inglez se não opporia a isso?

3. Se succeder, que, pelos arranjos feitos entre o exercito Britanico e Francez, a honra e a dignidade da nação Portugueza, e a authoridade de S. A. R. o Principe parecerem de alguma sorte comprometidas; tomaraõ os Generaes Inglezes sobre si, não responder?

Espero que V. Ex.^a se persuadirá, que nenhum motivo particular guia a minha penna; que faço justiça aos sentimentos de amizade e lealdade da nação Britanica; e pessoalmente, pelo que me toca, confesso a V. Ex.^a que me tem muito honrado, com o amigavel acolhimento, que de V. Ex.^a tenho recebido: mas V. Ex.^a deve sentir muito bem, que o publico não julgará da nossa conducta particular; mas sim do que tiver um character authentico, e não haverá outro meio de evitar a malevolencia do publico, se não obter de V. Ex.^a uma resposta tal, que todo o povo Portuguez saiba, que o General a quem elle confiou a direcção de suas forças, não cedeo senão á urgencia das circumstancias, e á necessidade absoluta de não commetter o exercito debaixo de suas ordens. Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) AYRES PINTO DE SOUZA.

Ao Gen. Hew Dalrymple, &c. &c.

Quartel General de Cintra, 2 de Sept. 1808.

SENHOR. Em resposta á vossa carta datada de hontem, permittime que vos lembre, que aos 23 do mez passado mandei ao Gen. Bernardino Freire uma copia dos artigos do Acordo para uma suspenção de hostilidades en-

tre os exercitos hostís, que devia servir de base á convenção proposta para a evacuação de Portugal pelo exercito Francez. Em resposta á carta, que se refere a estes artigos do Acordo, o General podia, como cousa ordinaria, fazer as observaçoens, ou recommendar as estipulaçoens que julgasse proprias, e estou certo que vós me fareis a justiça de assegurar ao General, e ao Governo Portuguez (se for necessario) que eu vos aconselhei, e até vos instei, que recommendasseis a S. Ex.^a o fazer-me o favor de me dar plenamente os seus sentimentos, nesta materia, em quanto as negociaçoens estávam em progresso. Como os meus desejos, neste ponto, jamais fôram satisfeitos; e como eu nunca recebi uma só palavra de commento do General Freire, relativamente á base em que se funda a presente Convenção, espero que serei escusado em exprimir alguma admiração, a ésta tardia queixa, sobre termos que já estão fixos, e concordados, e a cujo respeito a honra dos Commandantes do exercito e frota Britanica, está empenhada, em tanto quanto a sua influencia, e poder se pode suppor que se estende, segundo as leis da guerra, communs, e conhecidas.

(Assignado) HEW DALRYMPLE.

Ao Major Ayres Pinto de Souza.



Quartel General de Cintra, 2 de Sept. 1808.

SENHOR! Tive a honra de transmittir V. Ex.^a, aos 23 do mez passado, varios artigos concordados para base de uma convenção, para a evacuação de Portugal pelo exercito Francez; e agora incluo uma copia da mesma convenção, ratificada pelo General em Chefe Francez. Eu recebi o original deste papel antes de hontem, mui cedo; mas como o General Francez omittio accidentalmente o pôr a sua assignatura á Convenção (assignando-se somente no fim dos artigos addicionaes) fui obrigado a tor-

nar-lha a mandar, a fim de corrigir este erro ; que poz fóra do meu poder transmittir-vos a copia authentica inclusa, taõ cedo como eu desejava. Eu comtudo não perdi tempo em fazer que o Coronel Murray communicasse confidencialmente a substantia de tudo ao Major Ayres Pinto de Souza, que, sem duvida, não perderia tempo em communicar o mesmo a V. Ex.^a Desejarei muitissimo receber de V. Ex.^a a participaçãõ da posiçãõ que vós desejaes que o exercito Portuguez occupe, até o embarque das tropas Francezas ; e ha muitas miudezas de importancia a arranjar, sobre o que eu desejarei conferir com V. Ex.^a quando lhe for conveniente.

(Assignado) HEW DALRYMPLE.

Ao General Bernardino Freire, &c.

Relatorio dos Commissarios Inglezes, nomeados em Lisboa, para Executar a Convenção de Cintra.

Lisboa, 18 de Sept. de 1808.

Os commissarios, para executar a Convenção de 30 de Agosto, fõram informados á sua chegada a Lisboa, de que individuos do exercito Francez estãvam vendendo, e preparando para embarcar, propriedade, que montava a grande somma, e que havia sido roubada da maneira mais singular, sem permissãõ reconhecida do Gen. Junot. Recebêram tambem informaçãõ de que a prata das Igrejas, resultado das contribuiçoens extraordinarias, que montava a 40.000 libras, se tinha derretido em barras, estava ainda nas mãõs dos differentes administradores Francezes, aparentemente com a intençãõ de ser levada para a França : que a somma de cerca de 25.000 libras se havia tirado do desposito publico da Cidade de Lisboa, aos 29 de Agosto, e foi posta no mesmo dia no thezouro do Reyno ; e removida dahi aos 2 de Septembro ; em directa violaçãõ da Convençãõ, para o fim de entrar na caixa militar do

exercito : foi tambem provado, que, com ainda mais vergonhoso despejo das estipulaçoens do tractado, se tiráram effeitos dos armazens publicos para apetrechar as tropas Francezas, e para pagar dividas, por ordem expressa do Gen. Junot, subsequente á ratificaçãõ, montando á somma, como depois se verificou, a cerca de 16.000 libras.

Sobre a questãõ da propriedade roubada, os Commissarios, depois de alguma discussãõ, persuadíram ao Gen. Kellermann, a concordar com elles, em pensar, que a restituiçãõ de taes effeitos éra igualmente exigida pelo respeito devido á honra de ambos os exercitos, e pelo espirito da Convençaõ, e foi por sua recommendaçãõ, que o Gen. Junot publicou ao seu exercito as ordens que aqui vãõ junctas. Estas ordens naõ produziram effeito algum, posto que as reclamaçoens dos habitantes de Lisboa, crescíam todas as horas ; e muitas das que se apresentáram aos Commissarios éram para effeitos de grandissimo valor. Houve muitas correspondencias com o General Kellermann a este respeito, tanto de viva voz, como por escripto. Todas as communicaçõens do General éram marcadas com o subterfugio, e profissoens vagas ; e os commissarios fôram por fim obrigados a insistir no estabelicimento de um comité para inquirir sobre as reclamaçoens apresentadas pelos Portuguezes, e que lhes seriam subministradas para este fim ; com plena authoridade de citar as pessoas, e ordenar a restituiçãõ.

A Cidade de Lisboa foi informada da instituiçãõ deste Comité, pela proclamaçãõ inclusa, assignada pelos Commissarios de ambas as partes. Os trabalhos do comité tem prodazido os melhores effeitos ; continuáram os do comité até que todos os Francezes deixáram o Tejo ; e obtivéram restituiçãõ de propriedade publica, e particular, a uma grande somma, segundo o relatorio do deputado Britanico deste Comité, o Ten. Coronel Trant, cujo zelo, e actividade, neste serviço, fôram de grande merecimento.

A respeito da prata das Igrejas os Commissarios não acháram artigo, no tractado, que os authorizasse a reclamar: mas como o primeiro artigo claramente designa o que he que o exercito Francez tem permissão de levar com sigo; e como a prata, em barras, e ainda o dinheiro até uma somma limitada, não se pode bem dizer que he caixa militar; elles submettêram as suas opinioens, sobre ésta materia, ao Quartel General, em 5 de Septembro, e as cartas incluzas; uma que contem a intelligencia que o Coronel Murray dá á Convenção; e a outra as instrucçoens do Commandante em Chefe; fizéram com que elles informassem ao General Kellermann, que esta prata se não podia levar em vasos Britanicos; porém não authorizando a Convenção aos Commissarios o apprehendella, foi concordado, que se applicasse para o pagamento das dividas, contrahidas pelo exercito Francez em Portugal; e nesta maneira se dispoz actualmente della; e por isso ficou a somma em Portugal, que éra o objecto dos Commissarios. O General Kellermann retractou o consentimento que dera, no principio, ás proposiçoens que se lhe fizéram sobre ésta materia; appellou para a decisaõ do Commandante em Chefe das tropas Britanicas; e foi em consequencia desta altercação, e na presença de S. Ex.^a e do Coronel Murray, que se concordou, por ambos as partes, na explicação da Convenção, que vai inclusa, aos 10 de Septembro, em Oeiras.

Os Commissarios pediram a restitução de 25.000 Libras tiradas do Deposito Publico, pouco, depois da sua chegada a Lisboa; requerêram tambem, que se desse satisfacção completa aos Directores dos armazens, donde se haviam removido effeitos subsequentemente aos 30 de Agosto: foi reconhecida a justiça destes petitorios, e se fizéram promessas de pagamento immediato, tanto ao principio como foi aos 7 de Septembro. Estas promessas com tudo não estavam preenchidas quando o Genera

Junot se embarcou; e quando se lhe requereu que as executasse, representou o General Kellermann aos Commissarios, que a somma de dinheiro, que existia na caixa militar, não chegava a 60.000 libras, que a explicação da Convenção reconhecia ser uma racionavel caixa militar; e que, nestas circumstancias, elle considerava como annullado o acordo, em que se tinha entrado, de refundir as sommas extrahidas do Deposito Publico, e restituir ou dar uma compensação pelos artigos tirados dos armazens publicos. A validade deste raciocinio não foi, por consequencia, admittida; e os Commissarios se applicaram ao Almirante Cavalleiro Carlos Cotton, para detér a segunda divisaõ dos Francezes, assim como o General Junot, até que estes pontos se arranjassem satisfactoriamente. Depois de muito litigio e discussaõ, concordou o General Kellermann, que as 40.000 libras que se requeriam para estes dous objectos, fossem suppridas pela caixa militar. Durante os tres ultimos dias que o Gen. Junot esteve no rio, deo o General Kellermann repetidas ordens ao Pagador geral para este fim; mas essas ordens fõram sempre evadidas, com frivolos pretextos, por aquelle sugeito; e os commissarios se vïram obrigados a ordenar-lhe, que desembarcasse no arsenal, com a sua caixa, e entaõ foi o dinheiro effectivamente pago.

Algumas caixas de historia natural, tiradas do Museo Real, fõram restituidas sem grande difficuldade, assim como tambem um numero de livros, colligidos das livrarias publicas, e das de Anadia, e Anjeja, para o uso particular do General Junot. Repetidas vezes se reclamou uma biblia de grande valor, e asseveráram os que tinham a guarda della, que certamente estava ao alcance, no momento em que os commissarios a pedïam. Mas elles nunca pudéram obter a sua restituizaõ; havendo o General Junot autorizado ao General Kellermann a dar a sua palavra de honra, por escripto, de que se tinha mandado para a França.

Concluimos este relatório referindo, que o comportamento dos Francezes, têm sido assignalado pelo mais vergonhoso desrespeito da honra e probidade, mostrando publicamente a sua intenção, de levar com sigo o seu roubado despojo, e deixar por pagar dividas reconhecidas; e finalmente elles somente tem pago, o que fôram obrigados a repôr, e se lhes não permittio levar; ainda que os Commissarios Britanicos representáram ao General Kellermann, que, quaesquer que fossem as palavras, nunca podia ser o espirito da Convenção, que um exercito, a titulo de caixa militar, ou de outro algum modo, levasse com sigo o dinheiro publico, deixando por pagar dividas publicas: e appelláram para que elle obrasse com justiça, pela honra do exercito, e nação Franceza: e com tudo, indifferente ás obrigaçoens da honra e da justiça, o exercito Francez levou com sigo uma somma consideravel na caixa militar; deixando de pagar dividas, em grande somma.

(Assignado) W. C. BERESFORD,
Major General.
PROBY, Ten. Coronel.

A. S. Ex.^a o Tn. Gen. Cav. Hew Dalrymple.

—◆—

Documentos Officiaes relativos a Hespanha.

Resumo do manifesto dos procedimentos do Conselho Real de Castella, relativos aos importantes acontecimentos, que tem occorrido desde Outubro passado.

A nação ja está informada do fatal decreto de 30 de Outubro; desgraçado monumento da mais atroz malicia, cuja lembrança existirá até que deixem de existir as ideas do que he justo e honroso. Seria facil áquelles que o dictáram, naquelle tempo, tirar a vida ao nosso amado e legitimo Principe, agora nosso Rey, por algum daquelles execraveis, e atraçoados meios, que a malignidade sug-

gere; mas não éra isto bastante para a sua vaidade, elles quizéram cubrir a mais atroz e barbara conducta debaixo da especiosa mascara de justiça. Esta idea estava talvez connexa com outras, sobre que não he necessario demorar-nos por agora: baste lembrar a firmeza com que os Ministros, que compunham a Juncta do Tribunal Real em S. Lourenço, protegéram a innocencia, como a primeira epocha da conducta, e procedimentos do Conselho, nas mais delicadas circumstancias, em que jamais se achou.

Os que arrogáram a si o supremo poder, concebéram immediatamente um descontentamento geral contra este tribunal: são bem sabidos os perigos, que ameaçávam qualquer resistencia a seus desejos. Entretanto as tropas Francezas vinham entrando no Reyno, aparentemente como amigas e alliadas; mas por fim causáram suspeitas, até aos mais descuidados, de tão máos projectos, que não éra facil penetrar. A protecção de um Principe perseguido; a occupação do Reyno de Portugal; a defeza das costas; e a conquista de parte da Africa; éram objectos que se apresentávam á expectação publica; em quanto se fazia saber, em nome d'El Rey, que se havíam concertado planos da mais vantajoza natureza, entre os dous Governos; e éram os vassallos exortados a tratar as tropas do Alliado, não meramente com civilidade, mais com affeição. O Conselho observou, que, mesmo em tempo da maior segurança, a confidencia com que elles éram recebidos sería imprudentissima, tanto por causa de seu numero, como da posição que tomáram; e, sobre tudo, que éra contrario á maxima constante de não receber as forças de um Alliado, superiores em numero ás nossas, e de lhes permittir tomar a força dos castellos e fortalezas. Mas este tribunal foi obrigado a suffocar as suas agitaçoens; porque não estava nos limites do seu poder constitucional, o tomar conhecimento de negocios desta natureza; alem disso, éra perigoso manifestar apprehensoens, em quanto havia pro-

babilidade, de que o objecto destas tropas estrangeiras fosse generoso; ou de que por meio de ligações de familia, se mantivessem os interesses de um mais digno Principe, contra os projectos, que poderia haver concebido o que então tinha as redeas do Governo.

Approximáram-se da capital as tropas Francezas; e Suas Magestades e o Valido manifestáram symptomas de inquietação, real ou fingida. Falláram de tardios planos de defenza, e alternadamente da fugida de Suas Magestades, e Familia Real, umas vezes para a Andaluzia, outras vezes para a America; tudo éra desordem e confusão: mas o que principalmente excitou a attenção da lealdade hespanhola, foi a sorte do seu joven, e amado Principe. Nesta situação dos negocios, ás 7 horas e meia na manhã de 16 de Março, D. Carlos Velasco, principal Secretario na secretaria do Estado maior General, foi ter com o illustrissimo Presidente, Governador interino, e o informou de que os Cabeças daquella repartição tinham recebido um decreto do Gran Almirante e Generalissimo, em que se lhe mandava dar as ordens necessarias, para remover desta Capital, para a Real residencia de Aranjuez, o Corpo das guardas Reaes de Corpus, os batalhoens das guardas Reaes Hespanholas e Vallonas, com os esquadroens ligeiros dos Carabineiros Reaes, e outros Corpos pertencentes á guarnição; e dirigindo que o illustrissimo Presidente fizesse publicar um edicto, assegurando ao povo, que ésta medida éra meramente um acto de precaução, para prevenir quaesquer perigos em uma cidade aberta, visto que a alliança, entre El Rey nosso Soberano e o Imperador dos Francezes, existia inalteravel. Velasco acrescentou, que os seus superiores o tinham mandado ao illustrissimo Senhor, em quanto se preparava uma notificação official, para que elle pudesse dictar, expedir, e fazer affixar o Edictal. O Governador, que não conhecia Velasco, suggerio, que elle escrevesse, e assignasse, a communicação, que acaba-

va de fazer, e foi com o papel ao Conselho. O Conselho considerou as fataes consequencias da partida de S. M., o provavel objecto da qual éra nada menos do que remover totalmente as tropas deste lugar. Reflectiram no que acabava de succeder em Portugal, onde as tropas Francezas pretextáram com a fugida da Raynha e Familia Real, para se apossarem da quelle Reyno; e onde em vez de concluir, da abdicação do Soberano reynante, o restabelecimento da nação nos seus direitos originarios; os Francezes não so inferíam, que qualquer tinha o direito de o occupar, mas tambem, que elles tinham adquirido um titulo á propriedade particular, e compellíram os donos a resgattalla, por taes principios do direito das gentes, quaes nação alguma ja mais soube, nem ambição alguma tinha concebido até aquella hora. Alem disto o conselho tremia de medo pela segurança do Principe, e se propoz a impedir, ou retardar, ao menos quanto possivel fosse a partida das tropas, com a intenção de que durante este intervallo, e entre a diversidade de planos precipitados formados para o momento, podíam haver tempo para reflectir nos resultados da partida de S. M.; ou ao menos, que poderíam facilitar a fugida do Principe; para aquál se disse positivamente que ja se haviam adoptado algumas medidas secretas, e éra isso objecto de desejo uniyersal. Para este fim, entreteve o Conselho os Chefes do Estado Maior General, durante quasi todo aquelle dia, porque se não separáram senão ás 4 horas da tarde. Com tudo viéram a adoptar uma resolução, que foi significar aos dictos chefes, pelo illustrissimo Senhor, que éra a determinação do Conselho que o Edictal, proposto pelo Commandante em Chefe, se não publicasse, até que S. M. lesse um relatorio, que se havia de apresentar em Suas Reaes mãos, e determinasse então o que fosse de sua Real intenção.

Neste relatorio informou o Conselho a El Rey das razões que o leváram a ésta resolução, tambem advertiram

ás pretendidas razões, que se dávam para a sua partida, disséram-lhe tudo que julgáram conveniente, e, em tanto quanto as circumstancias admittissem, fazello abandonar este designio, e diminuir a confiança, que tinha nos conselhos daquellas pessoas, que tinham tal influencia sobre a sua Real vontade; rogaram a S. M. pelo modo mais brando, que se, contra a opiniaõ geral do estado de amizade, e confiança, com o Imperador dos Francezes, havia occorrido alguma cousa de novo, que fizesse julgar necessarias, medidas extraordinarias, S. M., antes de tomar alguma resoluçaõ decisiva sobre aquelle ponto, ou outro, que pudesse alterar o systema actual politico e militar, S. M. consultasse um numero competente de seus bem informados vassallos, devotos do seu Soberano, e da sua patria; os quaes em corporação pudessem propor a S. M. depois de plena consideraçaõ de circumstancias, tudo quanto julgassem conveniente; acrescentando, que, se depois de tantos signaes de confiança, com que S. M. e os nobres Reys seus antepassados, tinham honrado este conselho, elle merecia ser consultado sobre ésta importante materia, que elle lhe daria a sua opiniaõ com brevidade, sinceridade, e fidelidade, tendo somente em vista o que devíam a seu Deus, a S. M. e seus vassallos. As tropas partíram na mes na noite para Aranjuez, antes de se tomar decizaõ alguma sobre o relatorio, e sem que se publicasse o edictal. Os acontecimentos que se seguíram saõ notorios.

Por uma ordem Real, de 3, e outra de 4 de Abril, mandou o Conselho preparar os artigos de accusação contra o Principe da Paz, para o fim de o processar immediatamente; porém aos 21 a Juncta de Governo dirigio um Decreto ao Conselho, dizendo, que S. M. havíã posto o Principe da Paz, á disposiçaõ do Imperador dos Francezes, e tinha dado ordens para a sua immediata soltura. O conselho foi requerido, que publicasse este documento na forma

usual. O sentimento, que teve o Conselho, lendo este decreto, não foi inferior ao que manifestou toda a nação. Por esta circumstancia, ficaram elles mais convencidos da opiniaõ, que começavam a formar, das difficuldades que successivamente se lhe oppunham á administração da justiça. Em uma palavra previram grandes males, que conduziam a consequencias incalculaveis.

Nestas delicadas circumstancias, julgou o conselho que era necessario suspender a publicação, e fez uma representação a S. M. e á Suprema Juncta. Informou a ésta deque o povo de Madrid, bem assim como toda a nação, tinha ouvido as seguranças que S. M. déra, tanto ao tempo da prisão do Principe da paz, como ao despois, que a sua pessoa seria sugeita áquella sentença, que a justiça pronunciasse, sobre as accusações de seus delictos publicos: e mais, que El Rey, pay, o promettêra por seu Real Decreto; em que propoz a S. A. Serenissima, entaõ Principe das Asturias, que tomaria medidas para designar o processo, que ao despois se referio ao Conselho: que a pessoa accusada tinha attrahido a si o odio universal do publico, o qual não deixaria de manifestar muito desgosto em sua soltura, visto que desejavam muito todos a sua condemnação. O Conselho admoestou a S. M. que a affeição, que o povo lhe tinha mostrado, podia gradualmente vir ser menos vehemente; e, com o andar do tempo, ameaçar a segurança da mesma Juncta.

S. M. El Rey, recebendo uma copia deste memorial, remetteo a seguinte resolução.—“ Eu approvo a conducta do Conselho, em não publicar a ordem, que lhe mandou o Governo, relativa á entrega da pessoa do Principe da Paz.”—Não obstante isto, a Juncta, no emtanto, entregou o preso, e communicou ao publico ésta desagradavel novidade em duas gazetas extraordinarias, aos 22, e ao Conselho por um Decreto, que se dizia fundado n'um Edicto Real, transmittido por D. Pedro Cevallos.

O Conselho então passou a referir uma variedade de particulares de pouco interesse, sobre a soltura dos cúmplices de D. Manuel de Godoy, por ordem da Suprema Juncta, e o levantamento do sequestro em seus effeitos; medida que não quizeram authorizar com as formalidades das leis.

Ao tempo em que se fa concertando, em Bayonna, o perfido plano que se havia formado, a arrogancia do Principe Murat, e seus conselheiros, se fez cada dia mais conspicua em Madrid. O Conselho sentia cada dia novas inquietações. Frustrando-se repetidas vezes as suas esperanças, da volta immediata do joven Monarcha; a partida dos Reaes Pais, a assignalada indiferença, que se manifestava abertamente a sua A. Serenissima o Infante D. Antonio, presidente da Suprema Juncta de Governo; o tom ameaçador, em que o Gram Duque de Berg, e, em uma palavra, todos os Francezes, adiantavam de dia em dia as suas pretensões; tudo lhes fazia temer os mais tristes resultádos. Foi neste estado dos negocio que se affectou darem-se alguns passos, para restituir ao throno o Real Pay.

Aos 20 de Abril, entre as duas e tres horas da tarde, o Impressor Eusebio Alvares de la Torre foi ter com o Governador, e o informou, de que alguns Francezes lhe pediram, que imprimisse algumas copias de uma proclamação, que exprimia a intenção dos Reaes Pais de tornar a subir ao throno. O Impressor informou ao Governador, a quem primeiro referio o facto, que elle accedêra aos seus desejos, por não querer que elles soubessem a inimizade, que tinha áquelle partido; e para poder dar melhor conta da natureza da Proclamação. Em consequencia desta informação José Tumiel, e Antonio Bibac, que se diziam ser dependentes do General Grouchi fóram presos. Madrid sabe os perigos que correo naquella noite, pelo

immense concurso de habitantes, encontrados com os Francezes nas ruas do Arenal, La Zarza, e Puerta del Sol

Os symptomas de mutuo odio foram logo manifestos, e mui particularmente entre os soldados, e por fim cresceu a tal ponto, que o Gram Duque de Berg ja não recommendava a estes, que tivessem sentimentos alguns de unanimidade ou boa intelligencia com o povo. Elle com tudo fez uma queixa formal, em uma carta, ao Infante D. Antonio, datada de Madrid 23 de Abril; na qual elle diz: — Eu declaro a V. A. R., que a Hespanha não pode continuar a estar sujeita a tal estado de anarchia. O exercito que eu commando, não deve, nem pode deshonrar-se ao ponto de deixar impunes taes desordens.” No dia em que ésta carta foi entregue ao Conselho, se noticiou uma Proclamação, que annunciou D. Carlos IV. como Rey; e que o Imperador dos Francezes não queria reconhecer Fernando VII. Esta novidade indignou, como éra de esperar, o povo. Logo despois veio o terrivel dia de 2 de Maio. A perca dos Hespanhoes chegou a 104 mortos, 54 feridos, e 35 extraviados. A perca dos Francezes foi consideravelmente maior, não obstante a generosa conducta de alguns Hespanhoes, que escondêram, e salváram muitos, que havíam sido desarmados.

No dia seguinte mandou a Juncta uma deputação ao Gram Duque, em ordem a segurar as vidas dos prisioneiros Hespanhoes; porque parece que as limitadas esperanças de perda sômente aos militares, que obravam com authoridade legal, debaixo de seus respectivos superiores; e que elle exprimio em uma ordem militar, em que resolveo dar a morte, indistinctamente, e sem processo, a maior parte dos prisioneiros, que não éram soldados. Pelos esforços da sobredicta deputação, se revogou a ordem; mas, não obstante isto, aos 4 e 5 do mesmo mez alguns poucos fôram fuzilados, e ainda nos dias seguintes—ou

isto nascesse de remissaõ no Duque, em naõ examinar o completo preenchimento dos seus ajustes, ou procedesse da ferocidade de alguns officiaes subalternos, naõ obedecendo ás suas ordens.

Quando os Francezes fõram tomados na Officina de Imprensa da rua Zarra, como se alludio acima, principiou o Conselho a entrar mais profundamente na consideraçaõ dos negocios publicos; por consequencia tomou a resoluçaõ de que se desse ordem a todas as Provincias de Hespanha, para armar um corpo de homens, á proporçaõ da sua populaçaõ: e o numero do todo, segundo o calculo do Conselho podia subir a 300.000 homens. Depois de muitas consultas, porêm, com o Infante D. Antonio, e algumas communicaçoes com pessoas, que tînham vindo com instrucçoes confidenciaes de Fernando VII. e D. Pedro Cevallos, se abandonou ésta resoluçaõ, porque éra tendente a arriscar a pessoa d'El Rey, e por em perigo prematuramente, a segurança, e independencia do Reyno. D. Antonio porêm se obrigou a transmittir instrucçoes particulares aos Capitaens Generaes das Provincias, para tomarem todas as medidas, consistentes com a prudencia, para augmentar a força militar.

Aos 13 e 14 de Abril dirigio a Juncta dous Decretos ao Conselho, ordenando, que mandasse uma circular a todos os tribunaes, em que se lhes recommendasse, o assegurar nas suas respectivas jurisdicçoes, o mais cordeal tractamento ás tropas Francezas. O Conselho apprehendendo, que a circular, nos termos que se dezejava, destruiria as preparaçoens defensivas, que se faziam; remetteo uma longa consulta á Juncta, sobre a materia dos seus decretos; referindo os muitos sacrificios que o povo da Hespanha tinha feito, e particularmente a paizanagem que ainda os faiza, para a accommodaçãõ das tropas Francezas; como uma prova de que elles naõ necessitavam exhortaçoes extraordinarias, para tractar os Francezes com

o maior grão de bondade; e mostrava também os perigos que podiam resultar de uma tentativa, para reprimir aquelle alto espirito de lealdade, e affeição, para com seu Soberano, com que o povo estáva animado. Foi aos 26 de Mayo que o Conselho recebeu a primeira noticia official dos movimentos patrioticos nas Provincias. Nesse dia recebeu o Presidente uma ordem do Gran Duque de Berg, para convocar, sem demora, os membros, consultar nas medidas mais proprias, que se deviam tomar, relativamente aos procedimentos de Valencia. O Conselho respondeu a esta ordem por uma consulta, representando a inefficacia de quaesquer resoluçoens ou proclamaçoens, que se pudessem dirigir aos Valencianos; porque estes o não considerávam em estado de liberdade.

Por um Decreto de 3 de Maio, se havia submittido ao Conselho um memorial do Cap. General de Catalunha, referindo os meios a que tinha recorrido, por subscriçoens, e outros modos, para soccorrer os pobres e indigentes de Barcelona, e requerendo a approvaçã daquelle corpo. O Conselho tomando em consideraçã todas as circumstancias do estado de Barcelona, ficou convencido de que isto só éra um pretexto da parte do Capitaõ General, para obter os fundos necessarios, com que se provesse de armas. Elles portanto approvãram instantaneamente o seu procedimento, sem fazer aquellas previas indagaçoens, que as formalidades do costume exigiam. Aos 14 registrou o Conselho e despachou um decreto, que lhe havia sido communicado no dia antecedente; permittindo aos Catalaens o uso de armas. Esta celeridade foi mui opportuna; porque aos 20 fõram elles informados de que se dispensaria com a publicaçã do decreto, se ainda se não tinha feito.

Aos 4 de Mayo annunciou a Juncta de Governo ao Conselho, que julgãvam conveniente nomear um dos juizes de Policia, Ministro do Conselho, e não escrupuli-

zárám offerecer tres pessoas á sua attenção, de entre os quaes podiam fazer a escolia. Eram estes os Sñr. D. Domingos Fernandez Campomanes, D. Thomaz Moyano, e D. Alfonzo Duran Barazabal. A penas foi o primeiro destes eleito, quando, aos 11, se recebeu um decreto do Gram Duque, ordenando a formação de uma juncta de Policia, que teria o dicto Sñr. Campomanes por Presidente, e dous outros, chamados Raimond e Emenard, em qualidade de Commissarios. O Conselho naõ annuo a isto, citando, em justificação de sua conducta, as leis de Millones, que prohibem a todos, que naõ forem naturaes do paiz, o obter ou possuir officios de Magistrados principaes, Prefeitos, ou Conselheiros Privados, nem mesmo outros de uma classe inferior, que tem parte no Governo Politico, ou Administracção publica da Justiça. Assim se fechou a porta aos validos do Gram Duque, e assim se obviáram aquelles males, que indubitavelmente cahirãam sobre o Estado, se elles tivessem a permissaõ de influir nos ramos de administracção publica. Assim ficou Madrid livre das ciladas, que se lhe armávam, e assim continuou a gozar de seus Magistrados.

O Conselho se fez sempre surdo ás repetidas solicitaçoens do Imperador dos Francezes, que em consideracção dos renunciados direitos de seu amado Principe Fernando, queria, que elle authorizasse com a sua sancção, e reconhecesse Jozé Napoleaõ como seu Rey. O Conselho arguiu, que uma renuncia da coroa era cousa, em taes circumstancias, inteiramente absurda, e incompativel com as leis da constituição, que a havia conferido; que era monstruoso o suppor, que tanto os Reaes pais, como seu filho podiam dispor da Soberania da sua Nação; ou que acto algum, que elles fizessem seria considerado como obrigatorio, visto o tempo, a situaçãõ, e as circumstancias, em que estãvam postos. Taes eram os seus sentimentos, quando tivéram a mortificaçãõ de receber o seguinte ex-

tracto de uma carta do Imperador dos Francezes, ao Gram Duque de Berg, datada de 7 de Mayo, de 1808.

“ O tractado com El Rey Carlos IV. e o Principe das Asturias me tem cedido todos os direitos ao throno Hespanhol.”

Em outra carta datada de 8, e que foi communicada confidencialmente, pelo Gram Duque de Berg, á Juncta do Governo, e ao Conselho de Castella, o Imperador, depois de exprimir exactamente, o que se contem acima, diz: “ E eu quizêra saber a opiniaõ do Conselho de Castella, relativamente á eleiçaõ de um novo Soberano, que deve ser da minha familia, a fim de que a uniaõ das duas naçoens possa ser perpetua, e que as cabeças, assim como o povo possam ter um e o mesmo interesse.”

O Conselho formou uma Consulta, na mesma noite, e resolveo pedir a S. M. Imperial, escusallo de fazer a designaçã que elle desejava. Quando se achou que as persuasoens de nada valãam, nem moviam os Membros, da firme resoluçaõ, que tinham adoptado, não houve artificios, que se não tentassem, para o trazer á execuçaõ do desejado objecto. Em uma das sessoens fixadas para a consideraçaõ e discussaõ deste negocio, com o partido opposto, um Ministro do Conselho, desejando conservar a mais estricta mantença de seus direitos, perguntou; se o que se desejava, que elle fizesse, tinha sido communicado em uma ordem por escripto. O Senhor Caballo respondeo, que não; porque éra confidencial, e não admittia isso. O Membro observando entãõ, que se tal éra o caso, elle, por um, não daria o seu consentiméto, se o Conselho tomasse isso em deliberaçaõ, foi severamente ameaçado de revolucionista, e se lhe disse que seria tractado como tal.

Uma das principaes razoens que o Conselho deo, para não prestar o seu consentimento ás incessantes importunaçoens da vontade do Imperador, éra que elles consideravam isto, como materia não pertencente á sua repartir

ção ; que sobre questoens de direito, estávam sempre promptos a dar a sua opiniaõ. O Conselho, porém, em um caso, observou, que, na supposiçaõ de que os tractados de abdicacaõ e cessaõ fossem validos ; e que o throno de Hespanha se devolvesse a um ramo de familia Imperial, éra da sua opiniaõ que El Rey de Napoles Josè Napoleaõ lhe parecia ser a pessoa mais propria para tal dignidade. Aos 30 de Maio se ajunctou o Conselho para receber do Senhor Penuela o Decreto e Proclamaçaõ relativa á Convoçaõ da Junta de Bayona.

Havendo-se retirado o Sñr. Pinuela, deliberou o Conselho, e resolveo, que se suspendesse a publicaçaõ do dicto decreto, e proclamaçaõ, e que se fizesse immediatamente um relatorio, explicando a sua conducta, para ser submettido a S. A. Serenissima o Gram Duque de Berg. Observou o Conselho, que este corpo nem nunca tinha, nem podia ter, conforme as leis, tomado sobre si a representacaõ nacional ; e que elles éram consequentemente, segundo as mesmas leis, excluidos da eleiçaõ de seus Soberanos : que qualquer innovaçaõ que acontecesse na successaõ ao throno, éra isso de todo pertencente á naçaõ ; e que havendo uma successaõ, sem as devidas formas, se deviareputar nulla, e de nenhum effeito, segundo a actual constituiçaõ da Monarchia. Esta resposta espirituosa attrahio ao Conselho grande indignaçaõ ; foram os membros ameaçados de que se lhes faria um processo por sedicaõ ; e no dia seguinte receberam a seguinte.

Illustrissimo Senhor! S. A. Serenissima o Tenente General do Reyno, requer e demanda do Conselho Publico, que elle immediatamente faça imprimir e circular as ordens de S. A. Serenissima, que lhe fõram communicadas hontem, com o decreto e proclamaçaõ do Imperador dos Francezes, datado de Bayonna, em 25 deste mez, &c.

Todos os dias recebia o Conselho cartas de Sebastiaõ Pinuela, exprimindo a necessidade que havia de se con-

formar com o que lhe éra requerido; e os Membros do Conselho, por fim, confessando-se influidos pelas razoens, que exprimio o Presidente da Juncta em Bayonna, e assim mais pela requisição de José Napoleaõ, mandou que se imprimissem os documentos sem a ordem.

Aos 7 de Julho recebeo o Conselho um decreto de José Napoleaõ, com uma copia de nova Constituiçaõ, e uma lista dos Ministros de gabinete, com ordem de remetter isto aos Fiscaes. Continuaram-se a mandar ordens ao Conselho até os 27 de Julho: e os seus Membros tivéram maiores difficuldades a combater, do que a naçaõ pode julgar. Eram ameaçados com a perça da sua authoridade; mas elles antes quizéram perdella de todo, do que conservalla estando poluta. Perseguiçaõ, morte, desterro, fizéram-se familiares aos seus ouvidos; mas a consciencia da sua integridade, os soccorreo em todos estes trabalhos. Tal éra o estado dos negocios, quando aos 29 do mesmo mez, tivéram a inesperada felicidade de observar a repentina partida dos Francezes. O omnipotente Moderador dos acontecimentos humanos, por um acto Supremo de sua benigna providencia, livrou o conselho do imminente perigo que o ameaçava; remunerando assim a pureza de suas intençoens, e firme lealdade, que, entre todos os seus trabalhos, e difficuldades, conservou inviolavel, até o presente momento; e durante os nove mezes, que decorréram desde o lamentavel caso do Escurial.

Jose Napoleaõ partio com o seu exercito, sem que o Conselho, ou corporaçã dos Alcaides lhe tivesse prestado o juramento; na introducçaõ, e em todas as outras occasioens lhe fez todas as honras, que este Tribunal estava acostumado a practicar, como signal de respeito, aos Principes estrangeiros. Grande, porem, foi a alegria do Conselho, em taõ assignalada libertaçã. Aos 4 de Agosto, mandou o Conselho uma carta circular ás Junetas Supremas, recommendando-lhe uma milicia geral, para segurar

a tranquilidade publica. Madrid, 22 de Agosto, de 1808.
Assignado por ordem do Conselho.

*França.**Relatorio de S. Ex.^a o Ministro dos negocios estrangeiros,
a S. M. o Imperador e Rey.*

SENHOR! As vossas armas vencedoras vos haviam feito senhor de Vienna; a maior parte das provincias Austriacas esteve occupada pelos vossos exercitos. A sorte do Imperador estava nas vossas maos. O Imperador de Austria veio visitar a V. M. em seu acampamento, pedio-vos que puzesseis fim ao conflicto, taõ fatal aos que o causáram. Offereceo deixar-vos, de entaõ em diante, sem vos interromper no Continente, para que pudesseis empregar todas as vossas forças na guerra contra a Inglaterra; e reconheceo, que a sorte das armas vos tinha dado o direito de exigir tudo o que vos convinha. Jurou-vos elle amizade, e gratidaõ eterna. V. M. foi sensivelmente tocado por este lugubre exemplo da mutabilidade dos negocios humanos: vos não podieis, sem profunda commiseração, ver um Monarcha, outrora taõ poderoso, despojado de seu poder e grandeza. Mostrasteis-vos generoso, ao mesmo tempo, á Monarchia, ao Soberano, e á Capital. Vós podieis conservar as vossas extensas conquistas; mas desteis á Austria a maior parte dellas. Surgio de novo o Imperio de Austria. Fixou-se a coroa na frente do seu Soberano. A Europa não pode ver sem admiração, este acto de magnanimidade, e generosidade.

V. M. não exigio o tributo de gratidaõ que lhe era devido. O Imperador de Austria se esqueceo bein depressa do juramento de amizade eterna. Reestabelecido no seu throno, e certamente desencaminhado por conselhos perfidos, não teve outro objecto, senaõ ajunctar uma vez mais as suas forças, e preparar-se para nova luta, todas as vezes que a pudesse renovar com vantagem. A gerra com a Prussia patenteou logo estes insidiosos designios. A Austria deo-se pressa em ajunctar um exercito na Bohemia, mas a victoria de Jena frustrou os seus projectos. Ainda fraça, e destituida de homens, artilleria, e armas, ella defferio para outro periodo a execuçaõ de seus planos hostis. O tratado de Tilsit finalizou esta guerra: os vencedores exercitos de V. M., que cercavam a Alemanha, ficáram na inacção: elles rodeavam o territorio Austriaco. Certamente se uma politica ambiciosa tivesse influido as vistas de V. M.; se a debilitação

da Monarchia Austriaca, tivesse sido o vosso desejo, e se este desejo tivesse sido o grande objecto que procuraveis, V. M., que não tinha nem inimigo, nem movimento, que temesse no Continente; e que estava á frente de 400.000 homens, que occupavam o Gran Ducado de Austria, Silesia, e Saxonia, todos promptos para obrar contra a Austria, V. M. a podia chamar a dar conta de sua suspeitosa conducta, durante a guerra com Prussia, e da entrega de Cataro aos Montenegrinos, que por virtude do tractado de Presburgo se devia render á França. V. M. se mostrou indulgente á fraqueza; V. M. não deu ouvidos ao seu resentimento, nem ao conselho de uma politica triumphante. V. M., desejando anciosamente uma paz maritima, e dirigindo-se a este fim directamente; para accelerar o seu alcance, manifestou muito desejo de pôr fim ás disputas, que ainda subsistiam com a Austria. Concluiu-se um tractado em Fontainebleau, em Outubro de 1807. V. M. tornou a dar Brannau, ainda que não foi a Austria que o pôz de posse de Cataro. Fixáram-se os limites de ambos os Imperios na Italia. Por incio de uma troca veio o Isonzo á ser o limite; que parece que a natureza tem anticipado, em ordem a prevenir contestaçoens. Montefalcone, tão importante para a segurança de Trieste, foi cedido aos Austriacos, e isto provou, que não havia intenção de usurpar o seu territorio. Reconheceo-se que já não havia motivo de controversia, entre V. M. e o Imperador de Austria. Desde então não havia pretensões, nem queixas, mas tudo eram signaes da mais perfeita harmonia. V. M. pensou, que podia perdoar uma guerra, que a Austria tinha excitado sem provocação; e o seu fim, que produziu honra ás armas de França. Vos entreteveis as esperanças de uma paz, que não fosse mais interrompida.

A horrivel expedição contra Copenhagen, e as Ordens em Conselho de 11 de Novembro, prováram que os Inglezes não soffreriam Potencias neutras. A sua conducta indignou a toda a Europa. O Imperador de Austria, desejando mostrar, que participava deste sentimento, mandou retirar o seu Embaixador de Londres, e fechou todos os seus portos aos Inglezes. Logo depois arrebutáram as perturbaçoens em Hespanha, a instigação da Inglaterra. El Rey Carlos IV. foi expulsado do seu throno por seu filho; que era aconselhado pelo Duque del Infantado, e outros adherentes de Inglaterra? e cujo objecto era romper a conexão entre França e Hespanha. V. M. desejou prevenir esta perigosa aquisição ao vosso inimigo, e oppor-se aos seus projectos. Quando o infeliz Rey Carlos, profundamente afflicto com o golpe que havia recebido, e conspiração de que fôra victima, desejou resignar os seus direitos, V. M. os aceitou, em

ordem a restabeleber, o que Luiz XIV. effectuou, e tornar a atar os laços, que, por um seculo, conserváram a paz entre os dous paizes. O fanatismo dos frades, e as intrigas dos Inglezes, puzéram algumas das provincias Hespanholas em estado de rebelião. Entaõ se vio distinctamente, o que se havia observado, só em meio, antes da batalha de Jena. As chamas da dissençaõ, e da guerra, que se tinham levantado no Sul, inspiráram á Anstria a esperança de que éra chegado o momento, em que se podia annihilár o tractado de Presburgo. Arrou-se ella, e se effectuou um systema, que naõ obstante professar que éra meramente defensivo; produzio estes numerosos batalhoens, com que a Austria agora ameaça a Alemanha. Chamou-se toda a populaçaõ. Os Principes Austriacos corrêram de provincia em provincia, disseminando proclamaçoens, como se a monarchia estivesse em perigo de ser arruinada por um inimigo.

Logo que V. M. soube destes movimentos, fez V. M. com que se fizessem queixas; inteiramente no espirito de paz, que o Embaixador de Austria naõ podia desentender. Voltando de Bayonna a Paris, declarou V. M. os seus sentimentos, em pessoa, ao Embaixador, em uma conversaçãõ, que resouu por toda a Europa, e que em parte nenhuma deixou duvidas sobre os seus pacíficos designios. Com tanta integridade e boa fé, quanta generosidade, e bons desejos, representou V. M. a Mr. von Metternich, que estes armamentos, principados sem causa racional, e continuados inconsideradamente, trariam com sigò uma guerra, contraria á vontade de V. M. e á do Imperador de Austria, e ainda mesmo de seus Ministros, no caso de que elles adoptassem vistas pacíficas. He taõ grande o effeito que produzem os sentimentos fortes, inspirados ao povo, que nem aquelles mesmos que os suggeríram os podem ao despois reprimir, uma vez que estaõ excitados.

Talvez, senhor, teria sido politica sabia, naquelle momento; o obrigar a Austria a desarmar-se, ameaçando-a com toda a força dos victoriosos exercitos, que a cercávam por todos os lados. V. M. teria certamente feito isto, se naõ tivesse plena confiança na sua alliança com a Russia, pelo que deo ouvidos ás suggestoens daquella Potencia, que esperava que a Austria voltaria, á politica solida, e a disposiçoens mais pacíficas. Alem disto o Ministro Austriaco, na quelle tempo, assegurou a V. M. que nenhuns resultados se originariam destes armamentos. O Imperador de Austria escreveu a V. M. testemunhando-lhe as suas inclinaçoens pacíficas. O Baraõ von Vincent, que trouxe ésta carta, repetio éstas protestaçoens. V. M. creio na

sinceridade desta declaração. Vos desteis ao Imperador Francisco as mais sollemnes seguranças de vossos pacificos intentos, na carta que lhe escrevesteis immediatamente despois de voltareis de Erfurth. Ao mesmo tempo que V. M., com tanta sinceridade, repetio estas seguranças, taõ bem calculadas para banir todos os temores; assim como todos os motivos de armamentos da parte de Austria, V. M. convidou aos Principes da Confederaçã a desfilar dos acampamentos, que tinham formado. V. M. evacuou os lugares de Silesia; 200.000 homens de vossas tropas deixáram a Alemanha.

Mas em vaõ mostrou V. M. toda ésta confiança. As vossas justas expectaçoens ficáram frustradas. A Austria continuou as suas preparaçoens militares, com maior zelo; naõ obstante a severidade da estaçãõ; e continuou o exercicio da milicia. A enseada de Trieste foi aberta aos Inglezes; navios de guerra accompanháram vasos Austriacos, e os conduziram a Malta; e os de Malta leváram fazendas Inglezas para o Levante. Os Insurgentes Hespanhoes fõram mui bem recebidos em Trieste. O Ministro Austriaco, em Hespanha, fez-se agente da Juncta, espalhando a sua correspondencia nos paizes estrangeiros. Os dominios Austriacos estávam inundados de libellos infamatorios, contra a França; as gazetas da quelle paiz circulávam noticias falsas, a respeito dos negocios de Hespanha. Os seus escriptores publicáram uma plena narrativa da derrota dos Francezes em Roncevalles; lamentando, sem duvida, que o Governo de V. M. exhibisse as maravilhas do Reynado de Carlos V. e naõ os seus esplendidos desastres. Juncto com estas medidas hostis e ameaçadoras, vinham os signaes de uma vontade; que servíam de designar os fins destes armamentos, assim como o espirito de systema, que a Austria adoptou.

Recebêra V. M. de Hespanha noticias de que aquelle paiz estáva subjugado; os numerosos exercitos Hespanhoes espalhados como a poeira: os Inglezes occupados em effectuar a sua retirada; e ésta retirada V. M. a expunha a eminente perigo. Um destes accidentes, a que as vicissitudes da guerra daõ lugar, trouxe ao conhecimento de V. M. a negociaçã da Juncta de Hespanha, com o Governo Austriaco; e a promessa de Austria de assistir a Juncta com 100.000 homens; uma promessa feita, sem intençaõ de a cumprir, e meramente para alimentar a coragem dos insurgentes com esperanças enganosas: finalmente, como se a Providencia, que taõ visivelmente guarda a V. M. ou para melhor dizer a França, e que vos tem conduzido, pelo meio de tantos perigos, e de taõ maravilhosa maneira tem seguido os vossos progressos; naõ desejasse descobrir, a deslealdade, e traiçãõ daquelles, que se naõ atreviam a declarar-se vossos inimigos; a de-

claração do Rey de Inglaterra de 16 de Dezembro cahio em vossas mãos. Nesta leo V. M. éstas notaveis expressoens.

“ E se entre as naçoens que gemeu debaixo da tyrannia da alliança Franceza, ou entre aquelles que mantem contra a França uma independencia dubia, e precaria, houver algumas que ainda mesmo agora hesitem, entre a ruina certa de uma inactividade prolongada; e os perigos contingentes a um esforço de se salvarem dessa ruina; a naçoens assim situadas o delusivo prospecto de uma paz entre a Gram Bretanha e França, não pode deixar de ser peculiarmente injurioso. As suas preparaçoens poderaõ affroxar pelas vaãs esperanças de voltar a tranquillidade, ou abalarem-se os seus propositos pela apprehensão de serem deixadas sós na contenda.”

Foi assim que a mesma Inglaterra avizou a V. M., a respeito das preparaçoens de Austria. Estas preparaçoens éram para frustrar o que dous Imperadores tinham feito para effectuar a paz maritima. V. M. não podia mais duvidar de que éra ameaçado com outra guerra. Violou-se o penhor dado em Erfurth. Armou-se a Austria contra o seu hemfeitor. V. M. tinha de reflectir sobre o que devia ao seu povo, e aos seus alliados. Com pezar abandonasteis o seguimento dos Ingleses. Permita-se ao Ministro de V. M. que agora he o interprete do sentimento commum, e daquelle modo de pensar, que se funda nas victorias de 15 annos, com o que nada se pode comparar, o acrescentar, que, por maiores que possam ter sido os successos dos Tenentes de V. M. quaesquer que sejam as habilidades que elles tenham mostrado, se vós estivesseis em pessoa á frente do vosso exercito, maiores successos se podiam ainda esperar; e nenhum Inglez teria voltado para a Inglaterra. V. M. fez este sacrificio á segurança de seus dominios; vós vos retirasteis para Valladolid, afim de passar as ordens, que a segurança da Hespanha requeria. Dali escreveo V. M. aos Principes da Confederação do Rheno, em ordem a que elles pudessem aprontar-se e fornecer os seus contingentes: medida, que os temores, que elles ja tinham expresso a V. M., muito ha que a fazia necessaria, e V. M. voltou a Paris.

Fez V. M. um novo esforço para evitar esta guerra; a que vós não desteis causa. Vos chamasteis a interposição do Ministro da Russia, nos negocios estrangeiros, que estava entãõ em Paris. Este Ministro por instrucçoens de V. M. visitou o Embaixador Austriaco. Elle propos um arranjamto, pelo qual os tres Imperios se unirão, em uma triple garantia, e que segurava á Austria a integridade de seu territorio, pela garantia da Russi a contra as entrepezas da França,

e da França contra as entrepresas da Rússia; e igualmente se acceitava a garantia de Austria pelas duas Potencias. He desagradavel ser obrigado a declarar, que não tivêram effeito éstas proposições, feitas por Mr. de Romanzoff. Mas V. M. esperando sempre o bom successo de seus trabalhos, e incapaz de conceber, que o zelo cego, que havia sido excitado em Austria, por um partido, vendido á Inglaterra, pudesse suffocar a voz da sabedoria, em pessoas illustres, e verdadeiros amigos daquelle paiz; não poz as suas tropas em movimento, nem as divisões das tropas da liga do Rheno; nem as que V. M. tinha no interior da França, e que sendo destinadas a objectos navaes, ou para a guarda das colonias, haviam em parte recebido ordens para marchar ao seu destino. A Austria não se conteve nos seus limites. Havia ella preparado os seus esgrinidores, durante oito mezes; tinha-os chamado a campo, e providenciado um novo exercito. Déram-se ordens no meiado de Fevereiro, para as pôr em movimento; e trazer para as fronteiras todas as tropas; toda a Monarchia se poz em armas. Muito antes da Austria ter feito a guerra á França, em Constantinopla, havia ella effectuado uma reconciliação entre a Inglaterra e Turquia; finalmente estava proxima a declarar-se abertamente.

No entanto guardava o Gabinete de Vienna um profundo silencio. Desde o tractado de Fontainebleau, não tinha feito nem representações, nem queixas. V. M. mandou que se fizesse uma queixa, sobre a morte de um Correio seu em Croatia; sobre os insultos, que se fizêram em Trieste aos Officiaes Francezes; sobre actos de violencia commettidos contra alguns de vossos vassallos Italianos. Vos esperaveis, com paciencia, o remedio destas offensas, quando o Ministro Austriaco, aos dous de Março, veio, e me annunciou, que o Imperador seu amo tinha dado ordens, para que as suas tropas se puzessem no estabelecimento de guerra. Assignava como razoes desta medida, o relatorio transmittido de Valladolid aos Principes da Confederação do Rheno, e a volta de V. M. a Paris. V. M. me encarregou de responder em uma nota, em que eu me limitei a mostrar, que, de facto, não havia motivo de differenças entre as duas Cortes, e meramente perguntei o que pedia a Austria; e no caso em que ella estivesse disposta a retroceder, annunciei outra vez a vontade de V. M., de que as nações da Europa pudessem todas gozar das bençãos da paz. Mr. Von Metternich se esforçou, na sua resposta de 12, para fazer apparecer, que era o armamento de V. M. que fazia necessario o da Austria; como se V. M. tivesse pegado em armas contra a Austria, ao momento em que vós evacuaveis Silesia, e o Ducado de Warsaw; e

que 200.000 de vossas tropas tinham procedido da Alemanha para a Hespanha.

Foi entaõ que V. M. renunciou a todos os seus projectos contra os Ingleses, e a expedição contra a Sicilia, para que se preparava El Rey de Napoles; e os embarques que se faziam em Brest, Boulogne, Flushing, e Toulon, fõram deixados por maõ. Suspendeo-se tudo, e as tropas de V. M. dirigiram a sua marcha para a Alemanha; e as da Confederaçãõ do Rheno se puzeram tambem em movimento.

Naõ: certamente naõ foi porque a França pegou em armas, que a Austria fez o seu armamento; mas pelo contrario, porque ella julgou, que a França estava enfraquecida com outra guerra; e julgou, que este era o momento favoravel, para tornar a ganhar a sua antiga influencia. Austria fez a guerra; porque, sem duvida, esperava ganhar com ella: ella faz a guerra, sem nenhum motivo de queixa, sem nenhuma proposiçãõ, sem deixar nenhuma alternativa; ella faz a guerra ao momento em que V. M. longe de a promover, naõ tem manifestado outra cousa senaõ boa vontrede a respeito da Austria, e desejos pela sua paz, e prosperidade; e ao momento em que V. M. offereceo ser garante da integridade de seu territorio; e ao momento em que o mesmo Imperador Alexandre, até em quanto declarava ao Ministro Austriaco, a sua desapprovaçãõ, da conducta do Gabinete de Vienna, renováva os seus offercimentos de garantir a sua integridade contra a França. A Austria faz guerra á França e Russia, aos dous Imperios, que lhe offerecem a sua protecçãõ. Naõ he, portanto, para sua segurança que ella recorre ás armas. Ja os tractados, que as suas necessidades estabelecêram, naõ saõ leis, para a sua conducta. Diz ella, que fõram feitos em momentos de desastres; como se as renuncias, que a victorias puzeram em força, naõ ligassem a honra e a boa fé; ainda quando a generosidade do conquistador naõ excitasse a gratidaõ. Fõram desattendidas todas as aççoens generosas, e violados todos os direitos. V. M. recebeu as novas de que o Exercito Austriaco tinha cruzado o Inn. Elle principiou a guerra. Uma carta do General Austriaco annunciou ao Commandante Erancez, que elle vinha avançando, e que tractaria como inimigo, quem se lhe opposesse aos seus progressos.

V. M. sabe que, em ordem a evitar estes inconsiderados principios da guerra, V. M. fez tudo o que a providencia, e moderaçãõ podiam dictar. V. M. desejou poupar ao seu povo uma nova desinquietaçãõ; e á humanidade um conflicto sanguinolento. Mas, como o espirito, que tem a todos os tempos animado a Austria, tem ja feito uma maxima politica daquella Potencia, o oppor um obstaculo á paz ma-

ritima, he talvez não digno de lamentar-se, que ella mesma produzisse a crise, que pode remover aquelle obstaculo. A paz maritima não podia éstar segura até que se estabelecesse immovel a paz continental; e até que os Inglezes tivessem absolutamente perdido todas as esperanças de a perturbar, com o seu ouro, e com as suas intrigas. Ao menos, seja este o resultado desta nova guerra! V. M. não pode ter zelos do poder da Austria. Vos não desejaes a sua annihilação; mas visto que ja não ha outro meio; que as vossas armas a redúzam, em substancia, á condição de uma Potencia pacífica. A paz he a conquista de que V. M. he mais digno, porque he isto o que vos mais desejaes.

SENHOR! O VOSSO povo vos ajudará neste novo conflicto. A admiravel providencia de V. M., que vos abilita a emprehender uma nova guerra, augmentando, o menos possivel, os encargos do Estado, he profundamente sentida por um povo cheio de gratidão e sensibilidade, que admira o que he grande, e que he o defensor do que he justo, e que abunda de ardor militar. Talvez sêjam necessarios novos esforços, para assegurar o successo de vossas armas, se elles anticiparem os vossos desejos. A voluntaria devoção de vossos vassallos será conforme ao amor, e admiração, que elles tem ao seu illustre Soberano. Paris, 12 de Março, de 1809.

(Assignado) CHAMPAGNY,
Ministro dos Negocios Estrangeiros.

Falla do Senado Conservativo a S. M. o Imperador e Rey: extrahida dos registros do Senado, de 18 de Abril, de 1809.

SENHOR! O Senado se apressa a offerecer a V. M. Imperial e Real o tributo de sua respeitosa gratidão, pelas importantes communicações, que V. M. foi servido fazer-lhe.

A Austria, Senhor, acaba de avançar com os seus exercitos, sobre o territorio de vossos alliados, ella começou a guerra, que apenas se atreve a proclamar.—A's preparações, tantas vezes levadas adiante com mysterio, e na obscuridade, suspendidas pelo temor, e negadas pela perfidia; succedêram o furor das facções, estas agitações

tumultuosas, éstas convulsoens violentas, que são as precussoras da queda dos thronos.—Traição, infatuação, fraqueza, erro, e presumpção, suffocáram a voz da sabedoria e déram o signal da guerra nas margens do Inn.—Elles se esqueceráram, Senhor, de quantas vezes o destino da Austria tem estado em vossas victoriosas mãos.—Senhor de Vienna, e da maior parte dos Estados Austriacos, vós podieis reter as vossas conquistas. A vossa magnanimidade pôz a coroa sobre a cabeça do Imperador Francisco.—Elle parece haver-se esquecido dos seus juramentos de gratidão. A victoria de Jena desconcertou os projectos de seus perfidos Conselheiros; e a paz de Tilsit o deixou cercado por 400.000 Francezes, a quem uma simples ordem vossa tinha ajunctado no centro de seus dominios.—Quando V. M. deixou os muros de Erfurth, a fim de trazer as suas aguias libertadoras ás praias do Tejo, vossas legioens invenciveis cercavam ainda o territorio Austriaco. A generosidade de V. M. não vos permittio duvidar da sinceridade do Gabinete de Vienna.—E com tudo, Senhor, a Austria se dava pressa a violar a palavra, que tinha empenhado em Erfurth; fez que o grito da guerra retumbasse contra o seu bemfeitor; e arranca dos seus pacificos lares os subditos de todas as classes, tristes victimas do ouro estrangeiro, que produz a corrupção. Allia-se a Austria com o inimigo do Continente, e não se envergonha de seduzir occultamente os rebeldes de Hespanha, a quem o fanatismo desencaminhou, e cujas Junctas ella engana com promessas fallazes: ella inflama, em todos os seus dominios, a imaginação de uma multidão ignorante e credula, por meio de contos ridiculos, e libellos absurdos: regeita a mediação do grande, e poderoso alliado de V. M.; recusa a duple garantia da integridade de seu territorio, offerecida por França e Russia; deixa impunes os insultos, que se fizéram a um de vossos consules; a prizaõ de alguns de vossos vassallos Italianos; o assassinio de

dous Correios de V. M. e a violencia feita aos seus despachos; negocia e effectua uma estricta alliança entre a Turquia, e a Inglaterra; e vos obriga a suspender a execuçaõ de vossos formidaveis designios, contra o author de todos os males da Europa. Com que admiraçaõ naõ saberá a posteridade, que no decurso desta conducta taõ desleal, V. M. nas suas relaçoens para com a Austria naõ tem feito petitorios, nem levantado pretensõens, ou formado queixas; e manifestou, em uma entrevista, digna de admiraçaõ, disposiçoens taõ pacificas, e sentimentos taõ magnanimos! Vos propuzesteis levantar o vosso campo de Silesia, dismantelar as fortalezas da quella provincia; e prestar todas as seguranças, que a mais zelosa previdencia podia desejar. Vos naõ deixasteis de mostrar uma moderaçaõ e paciencia, que somente pode justificar-se pelo immenso poder de S. M.; e, em uma carta, para sempre celebre, dirigisteis estas notaveis palavras ao Imperador Francisco.—“ Sejam as medidas de V. M. taes, que mostrem confidencia; e ellas a inspiraraõ. A melhor politica no momento presente he a sinceridade, e virtude. Confiai-me as vossas inquietaçoens. Quando ellas me fórem communicadas, seraõ de uma vez dissipadas.”—Vós desejasteis, Senhor, ajunctar ás vossas phalanges 30.000 Francezes da conscripçaõ do anno de 1810, chamados desde o anno passado; e de que taõ grande numero de moços se naõ tem tomado, bem como da conscripçaõ precedente.—V. M. desejou tambem, que 10.000 conscriptos dos quatro annos precedentes gozassem a distincta honra, taõ ambicionada dos valorosos, de cercar o carro triumphante de V. M. no meio das guardas Imperiaes; cujo nome traz á lembrança taõ nobres destinos, e taõ esplendida gloria.—V. M. porém naõ pede nova conscripçaõ, em ordem a conquistar Inglaterra no territorio Austriaco.—O Governo Britanico, que procura somente divertir a tempestade, que o ameaça, tem cevado

um vulcano debaixo da Austria; tem acendido as chamas. Os seus terriveis effeitos cahiraõ sobre o alliado, que elle tem seduzido.—O destino de Austria a impelle. Dentro em poucos dias deixará ella de ser instrumento do furor da Inglaterra.—V. M. estabelecerá a paz do Continente sobre bases immoveis; aquella paz, cujos grandes resultados, eterno objecto dos desejos, e sublimes concepçoens de V. M., seraõ uma paz maritima, a emancipação do commercio, e a felicidade da Europa.

Aceitai, Senhor, os votos do povo Francez pela vossa sagrada pessoa, a expressaõ da sua admiração, do seu amor, e da sua confiança; e a homenagem da fidelidade do Senado, assim como da sua reverencia a V. M. Imperial, e Real.

*Austria.**Proclamação.*

FRANCISCO, pela graça de Deus Imperador da Austria, &c. Povo da Austria! Eu deixo a minha capital para me ajunctar aos bravos defensores da patria, unidos nas fronteiras, para a protecção do estado.—Por estes tres annos passados tenho feito os maiores esforços, para vos alcançar, amados vassallos, as bençãos de uma paz permanente. Não poupei sacrificio algum, consistente com a vossa prosperidade, e com a independencia do Estado, por mais penoso que me fosse, para segurar-vos a tranquillidade, e prosperidade, por uma amigavel intelligencia com o Imperador dos Francezes.—Porém todos os meus esforços fôram inuteis. A monarchia Austriaca tinha tambem de submeter-se á illimitada ambição do Imperador Napoleaõ: e da mesma sorte elle se empenha em subjugar a Hespanha; insulta a sagrada cabeça da Igreja; apodera-se das provincias da Italia, e divide em porçoens os dominios da Alemanha. A Austria devia render homena-

gem ao *grande Imperio*, cuja formaçãõ elle annunciou em alta voz.—Eu tenho adoptado todas as medidas necessarias, para assegurar a independencia do Estado. E vós naõ somente tendes correspondido ao meu chamamento; mas o vosso amor pelo vosso paiz natal vos impellio a anticipar-me. Recebei os meus cordaes agradecimentos; elles seraõ repetidos pela minha e vossa posteridade. A propria defensa, e naõ a invasaõ he o nosso fim. Porém o Conquistador naõ permittirá ao Soberano de seu povo; forte em sua mutua confidencia, o possuir meios sufficientes de se oppôr as suas vistas ambiciosas; elle declarou-se hostil á Austria, a menos, que ella naõ largasse por maõ as medidas de defensa, e se prostrasse desarmada a seus pés. Foi regeitada ésta deshonorosa proposiçaõ; e agora as suas hostes se avãçam contra nos, dispostas á batalha.—Eu confio em Deus; no valor dos meus exercitos; na heroica conducta de meu irmaõ; que os leva á gloria; em vós meu amado povo. Os nossos esforços para esta guerra saõ grandes; mas taes devem ser; em ordem a obter mais seguramente o importante fim da propria conservaçaõ.—O que até aqui tendes feito he, inquestionavelmente, um penhor da poderosa assistencia, que tenho de receber de vós. Os que naõ pégam em armas taõbem participaraõ da protecçaõ da patria. Unanimidade, ordem, obediencia, actividade, e confidencia, constituem a fortaleza real da naçaõ. Vos a tendes mostrado ate agora; e so a isto he devido, que sahimos com melhor prospecto de bom successo, do que ja mais fizemos. Acontecimentos felizes naõ devem enervar a vossa energia; nem occurrencias desastrosas, caso aconteçãam, devem abalar a vossa firme resoluçaõ. O valor constante supera todos os perigos, aproveita todas as vantagens, e supre todas as percas. A nossa causa he justa. A providencia naõ se esquece daquelles, que se naõ esquecem de si mesmos.—Eu confio no vosso amor na vossa experimentada fidelidade

no vosso Principe, e patria. Descançai no paternal cuidado do vosso Monarcha, que acha, na vossa, toda a sua felicidade.

Vienna, 8 de Abril, 1809.

FRANCISCO.

Proclamação do Archiduque Carlos de Austria.

Povo da Alemanha! A hora da libertação está chegada. A Austria a proclama! Vos, em tempos antigos, muitas vezes lhe desteis alegres agradecimentos, pela vossa salvação; ella vem uma vez mais a salvar-vos, se vós de-sejaes ser salvos. Não imagineis, que ella jamais tirou os olhos de vós, ella, que, em tempos mais felizes, esteve tão intimamente ligada com vosco. Com profunda dôr tem ella visto o como estas cadêas, que de longo tempo se estâvam formando para o Imperio, vos fôram lançadas; como a vossa independencia se reduzio a um mero nome; como a vossa existencia ficou dependendo sómente dos caprichos de um homem, que com um fechar ou abrir de olhos hoje, pode riscar-vos a manhaã da lista das naçoens. Ella vio como fôram violentamente supprimidas as veneraveis bases da vossa constituição, o resultado do verdadeiro espirito Germanico, e que subsistio por seculos; e que tantas vezes ministrou uma efficaz protecção tanto a vossos antepassados como a vós mesmos, contra o arbitrio e despotismo; como tantos milhoens de propriedade Alemaã fôram lançados em cofres estrangeiros; como os Principes fôram esbulhados da propriedade, que lhe fôra deixada, para fundar um throno Real a um moço estrangeiro; como, para remunerar as extorsoens commettidas sobre o vosso paiz natal, foi a vossa propriedade desbaratada em profusoens, e dadivas, a arrogantes chefes estrangeiros: ella vio a humilhante baixeza, com que se vos forçou a aceitar uma lei estrangeira, como se fosseis um povo conquistado, e como os vossos filhos, moços Teutonicos, fôram levados ao combate, contra aquelle grande numero da vossa mesma nação, que não estava ainda subjugado. Ella vio

como fôram arrastados por cima dos Pyrneos, a fim de derramar o seu sangue, em Hespanha, pelos avidos planos de um estrangeiro, com a mais revoltante de todas as injustiças: mas levou isto taõ longe, que a subjugação de varios milhoens de gente, em outros tempos livre, se devia completar no curto espaço de poucos annos, em ordem a vêr levantar-se novas usurpaçoens.—A independencia de Austria até aqui segura, e a sua honra nacional; deste unico povo que ainda está livre; e das naçoens que felizmente estaõ unidas a ella, debaixo de um Monarcha, fôram tambem ameaçadas com a annihilação, a fim de as convencer, que tambem para ellas éra chegada a hora; em que devíam ficar sujeitas ao sceptro de ferro; e ao arbitrio politico de um estrangeiro; e em que o throno da adorada familia de seus principes devia ser occupado por outros estrangeiros. Em ordem a evitar ésta infamia, que se lhes preparava: e fazellos mais unidos e affeçoados a seu legitimo Soberano, o qual, Alemaens, foi ja vosso Imperador, e inflamallos com o mais subline enthusiasmo para a sua salvação, e para a vossa redempção! Povo da Alemanha! Naõ saõ exercitos usuaes os que se apressaõ a socorrer-vos; naõ; elles ardem com patriotismo, e com o aborrecimento da escravidão e da tyrannia, elles pelejaõ por si mesmos, pela liberdade, pela sua propriedade, pela existencia nacional, pela honra nacional; pelos seus direitos, e pelo seu justo Principe. A massa da nação se tem levantado em sua justa indignação, e tomou armas: déram-se as mãos como irmaõs; estes vos chámam para que levanteis a opprimida cerviz, quebreis os vossos ignominiosos ferros; e façaes tal pacto, qual convem a naçoens independentes. O momento actual naõ voltará outra vez; nem ainda em seculos; lançai mão d'elle, antes que vos fuja para sempre; imitai o illustre exemplo de Hespanha; a qual posto que victima de uma vergonhosa traição, se levantou corajosamente. Ainda quando numerosas legioens

inimigas tinham inundado os seus territorios aquelle povo altivo correo ás armas, pela honra, e direitos do seu Principe ; em quanto se acha este infamemente detido em um captiveiro estrangeiro, e privado de sua livre vontade, por traição, e debaixo da mascara de amizade ; e a nação está ainda por conquistar. Mostrai que a vossa patria, a vossa independencia, os direitos, e legislação Germanica, vos saõ ainda charos ; que vos tendes vontade, e resolução, para salvalla de uma miseravel escravidão, em ordem a transmittilla livre, e naõ debaixo de um jugo estrangeiro, á vossa posteridade. Naõ temais o sanguinolento conflicto, que deve acabar em victoria. Quem começa corajosamente tem um fim honroso. Habitantes da Alemanha, attendei á vóz patriotica da Austria, ella vos chama ás bandeiras de um Chefe Alemaõ, que tantas vezes vos conduzio á victoria. Pela ultima vez Carlos vem a soccorrer-vos—elle deseja salvar-vos, e o fará.

Inglaterra.

Tractado de paz entre a Inglaterra e a Porta Ottomana.

Em nome de Deus Misericordiosissimo.

O Objecto deste instrumento fiel, e authenticico, he o que segue.—Naõ obstante as apparencias de uma ma intelligencia, que sobreveio aos acontecimentos do tempo, entre a Sublime Porta e Corte da Gram Bretanha ; estas duas Potencias igualmente animadas, pelo desejo sincero de restabelecer a antiga amizade, que subsistia entre ellas, nomeáram para este effeito os seus respectivos plenipotenciarios, a saber ; S. M. o Majestosissimo, Poderosissimo Magnissimo Sultaõ Mahmoudan II. Emperador dos Ottomanos nomeou por seu Plenipotenciario Seyde, Mehemed-Emin-Vahad Effendi, Director e Inspector da repartição chamada *Mencoufat*, e condecorado com a graduação de Nichandji do Divan Imperial ; e S. M. O Augustissimo

e Honradissimo George III. Rey (Padichach) do Reyno unido da Gram Bretanha e Irlanda; nomeou para seu Plenipotenciario Roberto Adair, Escudeiro, Membro do Parlamento Imperial da Gram Bretanha; os quaes tendo-se reciprocamente communicado os seus plenos poderes, tem depois de muitas conferencias, e discussões, concluido a paz igualmente desejada por ambas as Potencias; e convieram nos seguintes artigos.

Art. I. Desde o momento da assignatura do presente tractado, deve cessar todo o acto de hostilidade entre a Inglaterra e a Turquia, e os prisioneiros de ambas as partes devem, em virtude desta feliz paz, ser trocados sem hesitação, em 31 dias desde a epocha da signatura deste tractado, ou antes se fór possível.

Art. II. Se na occupação da Gram Bretanha houverem lugares pertencentes á Sublime Porta, deverão ser restituídos e entregues á Sublime Porta, com todas as peças de artilheria, munições, e outros effectos, na mesma condição em que se achavam, quando fôrão occupadas pela Inglaterra; e ésta restituição deverá ser feita no espaço de 31 diass depois da assignatura do presente tractado.

Art. III. Se houver effectos e propriedades pertencentes aos negociantes Inglezes, ou sequestradas debaixo da jurisdição da Sublime Porta; elles devem ser inteiramente restituídos e entregues aos proprietarios; e igualmente se houver effectos, propriedades, ou vasos pertencentes a negociantes e subditos da Sublime Porta, sequestrados em Malta, ou em outras ilhas de S. M. Britanica; elles devem igualmente ser de todo entregues e restituídos a seus proprietarios.

Art. IV. As capitulações do tractado estipulado no anno turco 1086 da lua Djemazi-ul-Aker; bem assim como o acto relativo ao commercio do Mar Negro, e outros privilegios (midjazals) igualmente estabelecidos por actos,

em epochas subsequentes ; devem ser observados, e mantidos, como éram dantes, e como se não tivessem soffrido alguma interrupção.

Art. V. Em virtude do bom tractamento, e do favor concedido pela Sublime Porta aos negociantes Inglezes, a respeito das suas mercadorias e propriedades ; e a respeito de tudo o que os seus vasos necessitam ; assim como em todos os objectos tendentes a facilitar o seu commercio ; na Inglaterra concederá reciprocamente pleno favor, e um tractamento amigavel á bandeira, aos subditos, e aos negociantes da Sublime Porta, que daqui em diante frequentárem os Estados de S. M. Britanica, para exercitar o commercio.

Art. VI. A tarifa da Alfandega, que se fixou em Constantinopla ultimamente, sobre os antigos direitos de 3 por cento ; e especialmente o artigo, que diz respeito ao commercio do interior, seraõ observados para sempre, da maneira que fóram regulados. A Inglaterra promete conformar-se a isto.

Art. VII. Os Embaixadores de S. M. El Rey da Gram Bretanha gozaraõ plenamente das honras das outras naçoens juncto á Sublime Porta ; e reciprocamente os Embaixadores da Sublime Porta, juncto á Corte de Londres, gozaraõ plenamente de todas as honras, que se concederem aos Embaixadores da Gram Bretanha.

Art. VIII. Será permittido nomear Chabandars (Consules) em Malta, e nos Estados de S. M. Britanica, onde for necessario, para tractar e superintender os negocios e interesses dos negociantes da Sublime Porta ; o mesmo tractamento, e immunidades, que se praticam a respeito dos Consules de Inglaterra, residentes nos Estados Ottomanos, seraõ exactamente observados a respeito dos Chabandars da Sublime Porta.

Art. IX. Os Embaixadores, e Consules da Ingraterra, poderaõ, segundo o costume, servir-se dos dragomans de

que tiverem necessidade; porém como se determinou ja por um *commum accordo*, que a Sublime Porta não concederá licença de Dragoman a favor de individuos, que não exercitarem ésta funcção no lugar de seu destino; fica ajustado, segundo este principio, que daqui em diante se não concederá licença de Dragoman a nenhuma pessoa que tenha loge, ou officina nos mercados publicos; ou que tiver parte nos negocios desta natureza; e não se nomearão mais Consules Inglezes d'entre os vassallos da Sublime Porta.

Art. X. A patente de protecção Ingleza não será concedida a nenhuma pessoa d'entre os dependentes, e negociantes da Sublime Porta; e não se lhes dará algum passaporte dos Embaixadores ou Consules, sem permissão antecedente da Sublime Porta.

Art. XI. Como sempre tem sido prohibido aos navios de guerra, entrar no canal de Constantinopla; a saber no estreito das Dardanellas, e no do Mar Negro; e como ésta regra antiga do Imperio Ottomano, deve ser observada da qui em diante, em tempo de paz, para com todas as potencias quaesquer que sejaõ; a Corte Britanica promette de se conformar a este principio.

Art. XII. As ratificaçoens do presente tractado de paz, entre as altas partes contractantes, seraõ trocadas em Constantinopla no espaço de 91 dias, da data do presente tractado, ou mais cedo se possivel fôr.

CONCLUSÃO.

Para que a paz que felizmente se acaba de concluir e restabelecer, com a ajuda de Deus, e em virtude da lealdade, e sinceridade de ambas as partes, consistindo em doze artigos acima mencionados, e que a troca das ratificaçoens possa ter o seu effeito deffinitivo: Eu Plenipotenciario da Sublime Porta, munido dos plenos poderes Imperiaes, tenho assignado e sellado este instrumento; o qual,

havendo igualmente sido assignado pelo Plenipotenciario de S. M. o Padichach da Gram Bretanha segundo o theor dos mesmos plenos poderes; entreguei ao sobredicto Plenipotenciario, o presente, em troca de um instrumento inteiramente conforme; escripto em lingua Franceza, com a traducçaõ, que me foi dada de sua parte.

COMMERCIO.

Extracto da gazeta de Londres, de 29 de Abril, de 1809.

NA Corte do Palacio da Raynha aos 26 de Abril de 1809, Presente a Excellentissima Magestade d'El Rey, em Conselho. Por quanto, S. M. pela sua Ordem em Conselho, de 11 de Novembro de 1807, foi servido, pelas razoens que ahi se assignam, ordenar, que, “ todos os portos e lugares de França, e seus alliados; ou de outro qualquer paiz em guerra com S. M., e todos os outros portos ou lugares, na Europa; d'onde, posto que naõ em guerra com S. M., he excluida a bandeira Britanica, e todos os outros portos, e lugares nas colonias pertencentes aos inimigos de S. M.; fossem dahi em diante sugeitas ás mesmas restricçoens, em ponto de negocio e navegaçaõ, como se os mesmos estivessem actualmente bloqueados na maneira mais estricta e rigorosa,” e tambem prohibir, “ todo o negocio em artigos que saõ producto, ou manufactura, dos dictos paizes, ou colonias,” e porquanto S. M. naõ deseja, com tudo, sugeitar aquelles paizes, que estaõ em alliança, ou amizade com S. M., a maior inconvenientes dos-que saõ absolutamente inseparaveis da execuçaõ e effeito da justa determinaçaõ de S. M. em contrastar os designios de seus inimigos, fez certas excep-

çoens, e modificaçoens expressas em a dicta ordem de 11 de Novembro, e em certas ordens subsequentes de 25 de Novembro, declaratorias da sobredicta ordem de 11 de Novembro, e de Dezembro de 1807, e 13 de Março de 1808:

E por quanto, em consequencia de varios acontecimentos, que dizem respeito ás relaçoens entre a Gram Bretanha, e os territorios de outras Potencias, he conveniente, que varias partes e provisoens das dictas Ordens sêjam alteradas, ou revogadas; S. M. he por tanto servido, com, e pelo parecer do seu Conselho Privado, revogar, e annullar as dictas diversas Ordens, excepto no que abaixo se expressa: e tanto das dictas diversas Ordens, excepto como dicto he, fica por ésta revogado.

E S. M. he servido, com e pelo parecer de seu Conselho privado, ordenar, e fica por ésta ordenado, que todos os portos, e lugares, pelo Norte até o rio Ems, inclusivamente, debaixo do Governo que se intitula a si mesmo Reyno de Hollanda, e todos os postos e lugares debaixo do Governo de França, junctamente com as colonias, plantaçoens, e estabelicimentos na posse da quelles respectivos Governos; e todos os portos e lugares, nas partes do Norte da Italia, contando desde os portos de Orbitello, e Pesaro inclusivamente, continuaraõ sujeitos ás mesmas restricçoens, em ponto de negocio, e navegaçaõ, sem excepçaõ alguma, como se os mesmos estivessem actualmente bloqueados pelas forças navaes de S. M., da maneira mais stricta e rigorosa; e que todo o vaso que negociar destes ou para estes paizes, e colonias, plantaçoens, ou estabelicimentos; junctamente com todos os bens e mercadorias, que estiverem a bordo, seraõ condemnados como preza para os capttores.

E S. M. he outrosim servido ordenar, e fica por ésta ordenado, que ésta ordem terá effeito do dia da data desta, a respeito de qualquer navio, junctamente com sua carga, que possa ser capturado, subsequentemente a este dia, em

qualquer viagem, que he, e será legal, por ésta ordem ; posto que tal viagem, ao tempo de seu começo, fosse illegitima e prohibida, debaixo das dictas ordens antigas ; e taes navios sendo trazidos a porto, seraõ consequentemente libertados: e a respeito de todos os navios, junctamente com suas cargas, que possam ser capturados, em qualquer viagem, que éra permittida segundo as excepçoens das ordens acima mencionadas, mas que não he permittida, segundo as provisoens desta Ordem ; S. M. he servido ordenar, que taes navios, e suas cargas, não seraõ sugeitos a condemnação, salvo se tiverem recebido actual informação da presente ordem, antes de tal captura ; ou em falta de tal informação, até a expiração dos mesmos intervallos da data desta ordem, que éram concedidos para informação subentendida, nas ordens de 25 de Novembro, e 18 de Mayo de 1808, nos diversos lugares e latitudes nellas especificados. E os Muito Honrados Lords Commissarios do Thesouro de S. M., os Principaes Secretarios de Estado de S. M. os Lords Commissariõs do Almirantado, e o Juiz da Alta Corte do Almirantado, e Juizes das Cortes de Vice-Almirantado, daraõ as ordens necessarias, segundo o que o cada um delles pertencer.

LITTERATURA E SCIENCIAS.

Emancipação da America Hespanhola.

(Continuada de p. 359.)

“FACILMENTE se concederá que havia nestas propoziçoens materia bastante para incendiar os espiritos de um homem de ambição ordinaria ; e com tudo esfriou o projecto, e se renunciou a elle totalmente por meio de Miranda ; o qual principiou a temer que a revolução ia demasia-

do apressada, e demasiado longe. Na carta que elle escreveu a Brissot, em resposta á communicação deste projecto, contenta-se com expor as difficuldades. ‘ O plano, diz elle, que vós formaes na vossa carta he realmente grande, e magnifico; mas eu não sei se a execução será segura, ou ainda provavel. Pelo que diz respeito ao Continente Hispano-Americano, e suas ilhas, eu estou perfeitamente instruido, e em estado de formar uma opiniaõ exacta; mas em tudo o que pertence ás ilhas Francezas, e sua situação actual, não sei quasi nada; por consequencia ser-me-hia impossivel formar uma justa opiniaõ sobre isto. Como no vosso plano ésta he a base de todas as óperaçoens, pois he das colonias Francezas donde ha de partir a força movente, que tem de pôr em acção o povo do Continente, que lhe fica em frente, he preciso que estejamos *bem seguros* de que este dado he verdadeiro e positivo.—Parece-me taõbem que a minha partida para S. Domingos serâ o signal de rebate para as Cortes de Madrid e S. James, e que os seus effeitos se manifestarâem bem depressa em Cadiz e em Portsmouth; o que poria novos obstaculos á empreza; para a deixar, ou para a frustrar por uma falta de providencia ao principio.’ Depois de alguma correspondencia mais nesta materia; a accumulacão de negocios, juncto a éstas despersuaçoens de Miranda fizéram com que o projecto se largasse por maõ.”

“ Durante o espaço de alguns annos posteriores a ésta occurrencia; se pôz ésta materia em estado de esquecimento; no meio da violenta luta que agitou a Europa. Passados alguns mezes principiou o reinado de Robespierre; e Miranda, com tantos outros homens de merecimento, fôram sepultados nas masmorras da revolução. Posto que processado, e claramente livre pelo tribunal revolucionario, que decidio não haver contra elle nem a menor sombra de suspeita, foi com tudo detido na prisão, e escapou da guillotina por um daquelles accidentes porque mui-

tos se libertáram. Quando elle recobrou a sua liberdade, no tempo do partido que assumio o governo despois da morte de Robespierre, poderfa elle ainda vir a ser um *dos cabeças na revolução, e se lhe offereceo o commando* de um exercito. A sua resposta foi que supposto elle tivesse pelejado pela liberdade, não éra sua intenção pelear por fazer conquistas. Se a França quizesse estabelecer um Governo livre e moderado, retirar-se para dentro de seus antigos limites, e offerecer sinceramente paz a todo o Mundo, elle se porfa de sua parte, contra todos os seus inimigos. Esta notavel resposta, consta por uma igual authoridade; porque Miranda teve a fortaleza de explicar as suas ideas em um folheto, que publicou, na quella mesma occasião (1795) em Paris.”

“ Cerca deste tempo, ou pouco despois, Deputados e Commissarios do Mexico, e outras provincias da America Meredional fôram ter com Miranda a Paris; haviam elles sido mandados á Europa para o fim de concertar com Miranda medidas proprias ao estabelicimento da independencia do seu paiz. Foi por tanto decidido, que Miranda, em seu nome delles passasse á Inglaterra, e fizesse ao Governo Britanico taes offertas, que davam esperanças de obter da Inglaterra a assistencia necessaria para o grande objecto de seus desejos. O instrumento que se lavrou, e entregou a seu Representante, como documento para o Governo Britanico, e explicando as proposiçoens dos Americanos Meridionaes, he uma prova taõ notavel das vistas, e planos das Corporaçõens Americanas, que merece a este momento a mais séria attençaõ.”

I. O primeiro artigo, diz; que as Colonias Hispano-Americanas, tendo pela maior parte resolvido proclamar a sua independencia, fôram determinadas a dirigir-se ao Governo da Gram Bretanha, na confiança de que elle lhes não recusaria aquella assistencia, que a mesma Hespanha, no mcio da paz, não recusára extender ás colonias Brita-

nicas na America.—II. O segundo artigo estipula a somma de 30 milhoens esterlinos, que a America Meredional pagaría á Gran Bretanha pela requerida assistencia.—III. O terceiro artigo determina as forças Britanicas, que se suppoem necessarias.—IV. O quarto artigo he concedido assim : Uma alliança defensiva, formada entre a Inglaterra, e os Estados Unidos da America, e a America Meredional, he de tal maneira recommendada, pela natureza das cousas ; pela situaçã geographica de cada um dos tres paizes, pelas producçoens, industria, e necessidades, costumes, e character destas tres naçoens, que he impossivel que ésta alliança não seja de longa duraçã ; principalmente se houver o cuidado de as consolidar pela analogia na forma politica dos tres governos, isto he, pelo gozo de uma liberdade, civil, bem entendida. Poder-se-hia dizer confiadamente, que a unica esperança que resta á liberdade, audazmente ultrajada pelas maximas detestaveis, reconhecidas pela Republica Franceza. He o unico meio, tambem, de formar uma balança de poder, capaz de conter a ambição destructiva do systema Francez.—V. O quinto artigo diz respeito a um tractado de Commercio entre a Gran Bretanha, e a America Meridional.—VI. O sexto estipula a abertura da navegaçã entre os Oceanos Atlantico e Pacifico, pelo isthmo de Panama, assim como pelo lago de Nicaragua, e a garantia de sua liberdade á Naçã Britanica.—VII. O Septimo artigo diz respeito ao arranjamto de Commercio, entre as differentes partes da America do Sul ; propondo-se deixar todas no estado actual, até o que o ajunctamento dos Deputados das diversas provincias do Continente possam arranjar os termos de sua uniaõ.—VIII. O oitavo artigo aponta alguns projectos de connexã entre o banco de Inglaterra e os de Lima, e Mexico, para o fim de mutuo auxilio, e de dar á Inglaterra a vantagem de ter a disposiçã daquelles preciosos metaes.—IX e X. Estes dous artigos tractam do

projecto de alliança entre a America Meredional e os Estados Unidos. Os pontos principaes saõ ; ceder as Floridas aos Estados Unidos ; proponde-se o Mississipi como o mais prudente limite entre as duas naçoens, e a estipulação de uma pequena força militar dos Anglo Americanos, para ajudar o estabelicimento da independencia.— XI. O artigo undecimo he sobre as ilhas; estabelece o plano de resignar todas as que pertencem aos Hespanhoes, excepto Cuba, cuja posse se faz necessaria pela situação de Cuba, que commanda a passagem do golpho de Mexico.”

“ Este documento he datado de Paris, 22 de Dezembro, 1797. A proposição feita a Mr. Pitt, para a volta do General Miranda para este paiz, foi aceita com alacridade ; e o General teve uma conferencia com aquelle Ministro em Janeiro seguinte. Concordou isto com os planos de Mr. Pitt, naquelle tempo, e elle entrou logo na proposição da independencia da America Meredional. O plano geral dos procedimentos ficou de todo ajustado ; e adiantáram-se tanto as preparaçoens, que o General Miranda, em uma carta a Mr. Hamilton, o mui lamentado legislador dos Estados Unidos, datada de 6 de Abril, de 1798, se julgou authorizado a exprimir-se nos seguintes termos.— ‘ Esta vos será entregue meu charo e respeitavel amigo, por meu Compatriota D. * * * *, encarregado de cartas da maior importancia, para o Presidente dos Estados Unidos ; elle vos dirá confidencialmente o que desejareis saber nesta materia. Parece que se approxima o momento de nossa emancipação ; e que o estabelicimento da liberdade, principalmente no continente do novo Mundo, nos he confiado pela providencia ; o unico perigo, que prevejo, he a introducção dos principios Francezes, que envenenaraõ a liberdade, no seu berço, e acabaraõ por destruir a vossa.’ Mais ; adiantáram-se os arranjamientos por tal maneira, que, aos 19 de Outubro escreveo elle

ao mesmo sugéito, nos seguintes termos. ‘ Os vossos desejos estão já em parte satisfeitos ; pois está concordado aqui ; que, por uma parte, não se empregará nas operaçoens de terra tropas Inglezas, visto que as forças auxiliares de terra deveraõ ser unicamente Americanas ; e ao mesmo tempo, da outra parte, a marinha será puramente Ingleza. Tudo está alhanado, e espera-se unicamente o *fiat* de vosso illustre Presidente, para partir como um relampago.’ Em outra carta, da mesma data, ao General Knox, diz elle : ‘ Que prazer não recebi quando sube da vossa nomeaçãõ, meu charo General, para o exercito continental dos Estados Unidos da America ? Parece que os nossos desejos vaõ em fim a cumprir-se ; e que todas as circumstancias possiveis se reúnem, neste momento, em nosso favor. Queira a Providencia communicar-nos assas sabedoria para tirar-mos disto um partido vantajoso.’ Estas proposiçoens éram, que a America Septentrional forneceria 10.000 homens ; e o Governo Britanico concordou em dar o dinheiro, e navios. Mas o Presidente Adams, não conveio em dar uma resposta immediata ; e por consequencia deferio-se a medida para outro tempo.”

“ No principio de 1801, durante a administracção de Lord Sidmouth, se reviveo outra vez o projecto. Foram considerados e approvados os planos do Governo, que se havíam de recommendar ao povo da America Meredional ; e ate se esboçaram as operaçoens militares. Os preliminares, porém, da paz de Amiens, que fôram entaõ assignados ; deram fim á medida, prorogando-a para uma futura occasiaõ.”

“ Quando se tornou a declarar a guerra contra a França em 1803, o negocio da America Meredional formou um dos principaes designios dos Ministros Inglezes ; e se tomaram medidas para o pôr em execuçãõ, no momento em que a paz, que ainda subsistia com a Hespanha, fosse quebrada. Este acontecimento não occorreo senaõ em

1804 quando Mr. Pitt voltou para a cabeça da Administração. Então se proseguio a medida com zelo; Lord Melville, e o Cavalleiro Home Popham fôram empregados em arranjar com o General Miranda todas as particularidades do plano*; e exque se suspendeo outra vez a execuçaõ, pelos negocios da Europa, e pelas esperanças, e trabalhos da terceira coalizaõ.”

“ Fechando-se assim este prospecto, na Europa, os Americanos Meredionaes, exterminados das provincias de Caracas, e Sancta Fê, e que residiam nos Estados Unidos da America, e na ilha de Trinidad, instáram com o General Miranda, e por fim acabáram com elle, que deixasse a sua residencia em Inglaterra, e fizesse um esforço a seu favor, por meio da America somente. Ainda que naquelle momento, a politica da Gram Bretanha lhe naõ apresentou alguma apparencia de adjutorio activo, ao menos, promettia a segurança de que nenhum corpo de Francezes, ou Hespanhoes cruzaria o Atlantico, para firmar o dominio dos inimigos da Gram Bretanha. Nestas circumstancias foi elle levado a crer, que uma força naõ grande; nada mais do necessario para impor respeito ao pequeno numero de tropas das guarniçoens Hespanholas, e dar alguma apparencia de segurança ao povo, vista a conhecida disposiçaõ do espirito publico, era o que se requeria para effectuar a revoluçaõ; e ao mesmo tempo as disputas, que subsistiam entre os Estados Unidos e Hespanha, sobre a Louisiana, lhe dávam esperanças de que, naquella parte, terã todo o adjutorio, que a occasiaõ exigia. Com plena intelligencia da parte do Governo Inglez, e ainda da America; mas, á sua chegada, teve a mortificaçaõ

* Sobre este ponto pode o leitor consultar o processo do Cav. Home Popham; o testemunho, que nelle deo Lord Melville; a p. 91, 92, 95, e 100; e o Appendix nota A. Veja-se *Trial of Sir Home Popham*, printed for Richardson, 1807.

de achar, que se tinha feito uma composiçãõ sobre o negocio da Louisiana, e que se não podia obter o auxilio *publico* do Governo. Foi porém recebido com affecto e distincção pelo Presidente e Secretario; e de varias partes recebeo taes acçoens de lhe dar animo, que julgou poder, somente por si tentar a empreza, com os esforços e meios particulares que pudesse colligir, e assimbem com o auxilio da boa fortuna. Ainda que o Governo dos Estados Unidos, pelo obvio motivo de se desculpar, aos olhos da França, julgou ao despois conveniente negar o conhecimento do facto; e até ordenar que se processassem duas das pessoas, que parecãam ter sido principalmente involvidas nisto; appareceo no processo, em convicentes provas, ao Jurado, que deo por livres aos processados, que o Governo tinha informaçãõ particular dos procedimentos de Miranda, e nunca, nem em segredo, mostrou a sua desapprovaçãõ, e por tanto pareceo necessario tanto a elle como a seus agentes, favorecer a empreza, posto que julgáram impolitico o approvalla.

(*Continuar-se-ha.*)

He com prazer alem de ordinario, que tenho de annunciar ao Mundo a primeira obra impressa no Brazil, (ja no Brazil se imprime!) O author he bem conhecido na literatura Portugueza; e tanto por ter elle a reputaçãõ ja estabelecida, como pelo respeito, que a sua primeira obra me inspirou pelos seus conhecimentos juridicos; me permittirá que expondo ao publico os seus sempre uteis raciocinios, me arrisque eu a dar a minha opiniaõ ainda quando opposta á sua. O folheto, que faz o objecto desta analize, se intitula.—Observaçoens sobre o Commercio Franco no Brazil, pelo Author dos Principios do Direito Mercantil. Rio de Janeiro 1808. Na Impressãõ Regia.—He o folheto dividido em duas partes a primeira contem 21 paginas, e a segunda dahi até 89—em 2vo.

Deixando inteiramente a Dedictoria onde de ordinario, se permitem expressoens mais ellegadas do que a natureza das couzas talvez exigisse, não posso deixar de notar no Prologo este principio, que nelle se acha. “ Po-rem sendo de presumir que os actos do Governo, e com especialidade em objectos de tanto momento, procedem da mais circumspecta deliberação; e a firmeza dos Conselhos Soberanos constitua uma das mais essenciaes partes da Recta Administração e credito publico, não he do decoro civil, que encontre opposição ainda so de pareceres, sem a evidencia dos prejuizos, demonstrados por factos decisivos, e não por conceitos arbitrarios, e obstinado afferro a systemas erroneos, caducos, ou impertinentes na crise actual.” O estar eu habituado a ver em Inglaterra discutir publicamente as medidas do Governo; e conhecer os bens que dahi resultão á Nação, me faz receber de muito mau grado este principio, que aqui se insinua, de extrema submissão ás opinioens do Governo. O Author diz no paragrapho seguinte, que elle concorrêra para a resolução soberana da Carta Regia de 28 de Janeiro de 1808, datado da Bahia: e nesse caso quando nos não fosse permitido reflectir sobre a infalibilidade do Governo; não poderiamos ao menos disputar o dom de inerrancia no Conselheiro? Se se admitte o principio de que he contra o decoro civil haver opposição ainda de pareceres ás medidas do governo, qual virá a sêr o estado da nação onde o conselheiro fôr ignorante, ou malicioso? Justamente o estado de quasi todas as naçoens onde não ha a liberdade de fallar, e escrever; isto he, a nação não prospêra; porque os dons e vantagens da natureza são poucos, para reparar os erros do Governo; e porque se alguém descobre o remedio ao mal, não lhe he permitido o indicallo. Mas passemos ao corpo da obra.

Se julgo necessario atacar aquelle principio, em abstracto, me parece igualmente justo mostrar a mais deci-

dida aprovavação na primeira proposição em que julga o Author racional que, vista a invazão de Portugal, e residencia da Corte no Brazil, se puzesse fim ao systema de Governo Colonial antigo, isto he uma verdade de primeira evidencia, que o Author poderia estender a grande distancia. O Author mui judiciosamente assevéra, que ainda no caso de que o Brazil estivesse ja ellegado a um grão de civilisação e industria, tal qual a China, ainda assim, se não mostra os damnos que poderiam resultar de se admittirem embarcaçoens estrangeiras; e se explica nestes claros, e concludentes termos.

“ Sem duvida (p. 13) os estrangeiros não nos fariam nosciva concurrencia, pois, de certo, não nos trariam os generos de que não carecemos, ou em que notoriamente tivessesmos naturaes, ou adquiridas oportunidades e vantagens para a sua producção, ou manufactura; e na quantidade precisa ao consumo do paiz. Os negociantes, que por via de regra bem entendem os seus interesses, não fariam, e de longe, tão ineptas e ruinosas especulaçoens.”

Esta regra geral tem sem duvida excepçoens, que supposto o Author as não produza aqui, os seus conhecidos talentos nos fazem suppor, que lhe não esqueceriam ao tempo em que escreveria. O author descreve o estado do commercio do Brazil nestas palavras.

“ Até o presente (p. 16.) o nosso Commercio éra muito mechanico, rotureiro, e apoucado. A principal parte consistia na grosseira compra e remessa dos generos coloniaes para os dous portos do Reyno, Lisboa, e Porto. Pode-se sem exaggeração dizer, que ignorava-mos o commercio do Mundo. As nossas amizades, e correspondencias mercantis, se limitavam a poucas pessoas, a quem se dava ás vezes forçada, indiscreta, e illimitada confiança. Por isso agora nos achamos em tão grandes embarços, que só se podem remover com a franqueza do Commercio estrangeiro.”

O Author passando em silencio as causas e authores desses males, continua a mostrar que a concurrencia de estrangeiros dará aos Brazilianos a vantagem do bom preço nas suas vendas, e nas suas compras, como effeito necessario da concurrencia; e depois se explica assim.

“ Disse *bom preço*, e não *alto preço*; porque devemos estar persuadidos, que não he do bem entendido interesse nacional vender lezivamente caro aos estrangeiros, e comprar-lhes nimiamente barato; mas sim por *preços racionaveis*; isto he que façam conta a uns, e outros contractantes. O contrario he falso calculo dos usurarios, traficantes, e superficiaes economistas, como os da chamada *seita Physiocratica* da França, que tantas rhapsodias fizeram para inculcar a vantagem nacional resultante do alto preço dos productos da terra.”

O Author conclue a primeira parte da sua obra, com uma feliz citação das instrucçoens d'El Rey D. Manuel a Vasco da Gama recommendando-lhe o Commercio; principios, que naquelles tempos, para os Portuguezes de mais gloria que os presentes, eram sabidos e conhecidos pela nossa Nação; pois então ainda se não tinha introduzido, em Portugal, a ignorancia systematica, que ao depois arruinou tudo.

(Continuar-se-ha.)

MISCELLANEA.

Buletins do Exercito Austriaco.

DO Supplemento extraordinario da gazeta privilegiada de Praga. Aos 23 de Abril, ás nove da noite, chegou ao Quartel General de S. M., em Scharding, o Conde de

Aversperg, Ajudante General de S. A. o Generalissimo. Foi mandado, aos 22, do Campo de batalha. Os dous chefes, e os dous exercitos avançaram, na quelle dia para combater-se. A vantagem esteve da parte dos Austriacos. O Generalissimo fez attacar o posto de Abbach, sobre o Leber, pelo qual haviamos em vaõ contendido na noite precedente, e foi tomado agora. O terceiro corpo do exercito tomou Faitpont. Em quanto a direita do exercito Austriaco éra victoriosa, succedeo o inimigo em tomar posse de Echmuhl, mas a presença do Generalissimo restabeleceo a ordem, e assim concluiu uma batalha, que havia durado cinco dias sem interrupção. Neste e n'outros combates antecedentes tomamos grande numero de prisioneiros; entre os quaes ha um Ten. General, debaixo das ordens do Marechal Davoust. A perca de ambas as partes tem sido grande. Nós tivemos varios Generaes, e officiaes do Estado Maior feridos. O primeiro Corpo do exercito tem avançado para Hemmenau, e toca o exercito grande por Abbach.

Terceiro Buletim do exercito Austriaco. Quartel general em Vils-Biburg, 15 de Abril.

O exercito se ajunctou cerca do Vils, e a manhã passará o Iser em Landshut e Dingelfingen. O inimigo parece disposto a disputar a passagem. O exercito deseja anciosamente encontrar-se com elle, e vir ás mãos.—O Marechal de Campo Jellachich, a ésta hora, tem ja passado o Inn, em Rosenheim, e Wassenburgh, e avançou contra Munich.—Aos 9 o Marechal de Campo Chastellar, entre as alegres acclamaçoens dos fieis Tirolezes, entrou no Tirol em Lienz, por Pusterthal, e aos 12 tinha ja chegado a Branneck; O Saltzberg, Jagers, e alguns destacamentos de Infantaria, providos de ferros da neve, e de trepar, cooperáram com elle por Zirellthall. As nossas patrulhas se adiantáram até Reichenhall, Lofers, e St. Johan; a milicia de Lofers occupou a passagem de Strub, uma

das mais importantes entradas de Saltzburgo para o Junthal. Os Tyrolezes correm ás armas, de todas as partes, e expellem os Bavaros; 1500 destes se refugiaram na fortaleza de Kufstein, e estão ahí cercados pelos Tyrolezes. Um official Francez tomou, á pouco, o Commando daquella fortaleza : os Bavaros, porém, principiáram a cançar-se da superioridade dos Francezes, sentem intimamente a humilhação de sua opprimida situação. O seu desgosto, pela arrogancia dos Officiaes Francezes, tem em muitas occasioens, produzido actos de violencia.

Quarto Buletin. Quartel General de Landshut, 16 de Abril.

O exercito avançou hoje para o Iser; o quinto corpo estava na frente, e achou cortada a ponte de Landschut. Uma divisão de 6 a 8.000 Bavaros, commandados pelo General Deroy, defendia a passagem. Não havia mais do que romper a passagem por força. Por consequencia reestabeleceo-se a ponte por baixo do fogo do inimigo; o quinto corpo cruzou, e seguio-se uma acção, que terminou na retirada dos Bavaros. De ambos os lados houve alguns mortos e feridos; mas a nossa perca teria sido menor, se fosse possivel restringir o ardor das tropas.— Landschut he achave do Iser; nos estamos em posse de grande parte da Bavaria.— O General de Cavallaria, Conde de Bellegarde, partio de Bohemia aos 10, com o primeiro corpo do exercito, por Tirschenreith, e aos 12 formou uma junção, em Weremberg, com o segundo corpo do exercito, que tinha entrado no Palatinado superior, por Rushaupten. Ambos os Corpos tomáram uma posição sobre o Nab, e a sua vanguarda occupou as alturas de Hirschau, a fim de vigiar o caminho de Bayreuth para Amberg. Aqui houve uma acção dos postos avançados com a divisão de Friant, que se suppunha vir avançando, em ordem a chegar ao Danubio, com marchas rapidas, por Amberg. A consequencia desta acção foi que

ésta divisaõ foi repulsada até Newmarkt, e os nossos corpos avançados occupáram Amberg.—Os valorosos Tyrolezes matáram ja, ou tomáram prisioneiros todos os soldados Bavaros e Francezes, que estávam no seu territorio. Todos os passos no Junthall superior, como Zinlerberg, Scarnltz, Leutash, Reuti, &c. estão occupados pela milicia do paiz.—Aos 12, 160 homens do undecimo regimento de Infanteria Bavara, e 125 dragoens, com meia bateria, fôram feitos prisioneiros em Inspruch.—Aos 13, 49 Officiaes Francezes, 1677 homens, com 451 cavallos, e dous batalhoens ligeiros de Bavaros, com duas peças de artilheria, e um obuz, se rendêram, por capitulaçãõ, aos Tyrolezes em Wildau.

Quinto buletim. Quartel General, em Landschut, 17 de Abril. Segundo o que referem todos os prisioneiros, e habitantes de Landschut, o General Francez Lefebvre, ajunctou 12.000 Bavaros das vizinhanças de Munich, e Freysingen, com as vistas de impedir a passagem do exercito Austriaco por Landschut. As avenidas para a ponte éram de difficil accesso: alem disso o inimigo cortou-as, e occupou com os attiradores todas as casas na margem opposta; e so se podíam lançar fóra daqui, trazendo a artilheria no seu alcance; todas as nossas peças fôram montadas debaixo de uma chuva de metralha do inimigo. Porem a nossa artilheria, fazendo isto, mostrou a maior resoluçãõ; e em duas horas todo o lado fronteiro do lugar estáva em ruinas.—Os desgraçados habitantes, no meio de suas casas arruinadas, lamentávam a triste sorte a que esta bella cidade tinha sido exposta por seus mesmos compatriotas. Os Francezes, que com falsas representaçoens tinham feito crer que a Austria desejava apoderar-se da Bavaria, e desarmar, ignominiosamente, os valorosos soldados daquelle paiz, exigiram destas tropas o fazer uma defenza inutil. O artificio Francez conseguiu, aqui, o fazer derramar o sangue estrangeiro em seu proveito; e

voltar as armas de nossos irmão Alemaens, contra os seus libertadores. Apenas se havia formado a primeira ponte, com alguns esteios, quando a guarda avançada do quinto Corpo se accelerou a cruzar o Iser, e perseguiu o inimigo ate a noite. As tropas estãvam animadas com um excelente espirito, e entoãvam cantigas guerreiras, debaixo dos trovoens da artilheria.—Os corpos avançados do Marechal de Campo Jellachich, entrãram em Munich hontem, às 11 horas da manhaã. El Rey e Raynha tinham fugido para Augsburg debaixo da protecção dos Francezes.—O quarto corpo do exercito passou o Iser, sem opposição, em Dingelfingen.—O primeiro e segundo corpo, depois de alguns combates em que fõram bem succedidos, avancaram para Amberg, Schavandorf, e Kirn, juncto a Ratisbona. O General Bellegarde naõ pode dar louvores bastantes ao valoroso espirito, e inconquistavel resolução de suas tropas.

Carta do Imperador Francisco ao Marechal Colorado.

Amado Marechal de Campo! Em consequencia dos rapidos movimentos do exercito, e accumulacão de negocios, naõ tem apparecido, por alguns dias, relação alguma official. Eu vos envio um conciso extracto das relações que se me tem mandado, a fim de que as possais publicar.

Scharding, 22 de Abril, 1809.

FRANCISCO.

Sexto Buletim. Quartel General de Sacile 17 de Abril.

Aos 10 e 11, S. A. Imperial o Archiduque Joaõ, com o exercito debaixo de seu commando, entrou no territorio de Friule, por Ponteba, Cividale, e Gortz; e depois de alguma opposição, avançou, aos 13, para Tagliamento. O inimigo se retirou cruzando o rio, em ordem a ajunctar-se com as tropas na sua retaguarda; ésta junção, que provavelmente se effectuou em Sacile, fez o exercito inimigo forte

de cinco divissoens. Na noite de 14, S. M. Imperial passou com a guarda avançada na direcção de Pordenone; o resto do exercito seguiu a marcha ao amanhecer. A guarda avançada do inimigo estava em Pordenone; e o seu exercito estava postado entre este lugar e Sacile, juncto a Fontana. Neste lugar começou uma acção, que, depois de uma sanguinolenta contenda de dous dias, terminou inteiramente em nossa vantagem.—O Vice Rey de Italia commandava o exercito Francez. O resultado foi taõ decisivo, que o inimigo se não pode manter por de traz do Livenza, e foi obrigado a retirar-se appressadamente para Piava.—Os prisioneiros chegam ja a 6.000, entre estes se acham os Generaes Paze, e Bressau; constantemente chegam mais. A perca em mortos e feridos excede muito este numero, e temos tomado 16 peças e 3 aguias.

Relação do Tn. Coronel Taxix, a S. M. Imperial. Inspruch, 15 de Abril, de 1809.

SENHOR! Julgo ser do meu dever informar a V. M. Imperial das provas de valor e fidelidade, que os antigos yassallos de V. M. tem dado, para mostrar a sua afeicão á vossa Augusta casa.—Os valorosos Tyrolezes, levados a exasperação pela extincção de sua constituição, que havia sido conservada illesa, e inviolavel, debaixo do dominio de V. M. e do de seus augustos predecessores; tomáram armas aos 10 do corrente, attacáram as tropas Bavaras em Sterzingen, em Inspruch, em Hall, e no convento de S. Carlos; e depois de ter morto ou ferido mais de 500 do inimigo o obrigou a render-lhe a capital. Aos 12 um corpo de cerca de 300 homens, composto de tropas Bavaras e Francezas se apresentou diante de Wildau, juncto a Inspruch, e soffreo a mesma derrota do primeiro; e um reforço de Francezes, que chegou aos 13, não teve melhor sorte.—Como estão continuamente chegando prisioneiros,

ainda não pude verificar o seu numero, com precisão; mas já tem vindo, e sido mandados para Salzburg, o General Francez Bisson, varios officiaes do Estado Maior, e de 3 a 400 homens de varias descripções, artilheria, infantaria ligeira, &c., e tambem o General Bavaro Kunkel, o Coronel Ditfort, dous Tn. Coroneis, dous Majores, e cousa de 20 officiaes, e 1.200 homens de tropa Bavara.—A perda do inimigo, em artilheria, bandeiras, espingardas, e dinheiro, não se sabe ainda exactamente; porque os paizanos, no entusiasmo da victoria, ainda não trouxeram varios artigos de que tomáram posse. A cada momento chegam consideraveis numeros de prisioneiros, que fôram dispersos nos differentes ataques. Nada posso dizer do valor dos habitantes, que não seja menos da realidade; baste allegar, como prova do seu valor, intrepidez, e determinação, que elles não hesitáram em atacar, na planicie aberta, 200 Bavaros de cavallo, a quem descavalgáram, e obrigáram a render-se; em fim, acomettêram a artilheria do inimigo e fizeram-se senhores della. O signal de uniaõ éra o sagrado nome de vossa Magestade, e longe de temer o expor-se a morte, por amor de seu legitimo Soberano, consideram isso como remuneração do seu valor, e da sua devoção á causa de sua patria.—Aos 9 pelo meio dia, recebi do Tn. General Barão Jellachich ordens para avançar para o Tyrol, cruzando as montanhas do territorio Salzburg, modelando a minha marcha pelo Billerthal. O meu destacamento consistia de uma divisaõ do Regimento de Infantaria de Devaux, um batalhão de caçadores de Saltzburgo, cuja formaçaõ não está ainda completa; e da primeira divisaõ do segundo batalhão dos *Landweh* de Saltzburgh.—Ainda que faziamos todos os dias marchas dobradas, so pudemos chegar a tempo de admirar a victoria dos valentes Tyrolezes, e ver o grande numero de prisioneiros, que testemunháram a intrepidez, e decisão do ataque.—Nos fomos recebidos com entusiasmo, e a nossa marcha das fronteiras

até aqui, teve o aspecto de um triumpho. Os nossos guerreiros ficaram mui tocados com as demonstraçoens de alegria de todas as idades e sexos, que se apressávam a safr-nos ao encontro; e com os continuados gritos de “Viva o Imperador Francisco.” A nossa sensibilidade se ellevou a um grande ponto, vendo grande numero dos defensores do paiz, que se tinham armado com toda a qualidade de armas, que pudéram achar, e que se adiantáram para In-spruch, a fim de se pôr em aptidaõ de encontrar uma nova columna do inimigo, que se dizia vir aproximando-se. Os sentimentos de exultaçaõ estávam elevados ao mais alto ponto. O som dos sinos, misturado com as descargas da artilheria, e mosquetaria, e com as alegres acclamaçoens dos moços guerreiros.—Era um expectaculo, que tocava, ver á roda de nós homens de extrema idade velha, e man-cebos de 12 annos, armados com tudo que lhe tinha cahido nas mãos, e mostrando aos nossos olhos os tropheos, que havíam ganhado ao inimigo.—Elles se lisongeam (e eu só tenho de repetir as suas promessas) que seraõ capazes de apresentar a V. M. 5 ou 6.000 prisioneiros, como penhor de sua fidelidade, e affeição.—Trinta mil florins de dinheiro publico se apprehendêram; e vinham de Munich. Naõ sabemos ainda a somma de outras quantias de dinheiro publico, de que se tem tomado posse:—Como, em consequencia destas vantagens, as funcçoens das authoridades Bavaras tem cessado, eu julquei indispensavel estabelecer uma policia provisional, para manter a estabilidade da tranquillidade interna.

(Assignado)

Taxis.

Buletin. Septimo.—Relaçãõ Official.

Depois de passar o Iser, S. A. I. o Generalissimo, com o 3º., 4º., e 5º. corpo do Exercito, e o 1º. corpo de reserva, desfilou para o Danubio, na direcçaõ de Kehlheim, o

Ratisbona. Segundo as declarações dos prisioneiros de guerra, o Imperador Napoleão chegou ao exercito aos 19 avançou por Eckmuhl, Rotenburgh, e Cloisterrock. O inimigo safo-lhe ao encontro, e houve uma renhida acção. O Generalissimo louva o valor de suas tropas. A nossa perca he consideravel; varios regimentos perdêram todo o seu Estado Maior. O Tn. Marechal de Campo Lusignan, os Principes Luiz, Mauricio de Lichtenstein, estão feridos. O Generalissimo conservou o exercito em ordem de batalha no dia seguinte, para seguir os movimentos do inimigo. Não temos mais relação deste combate. — A perca, em mortos, feridos, e prisioneiros, ainda se não sabe, porque a multiplicidade de negocios não deo lugar a que S. A. Imperial fizesse relações circunstanciadas a S. M., do campo de bathalha, em Hansen. Aos 20 capitulou Ratisbona. No mesmo dia foi o 5º corpo do exercito vigorosamente atacado, juncto a Siegenburgh, sobre o Abins. O Archiduque Luiz se retirou, assim como fez o Tn. Marechal de Campo Hiller, para o Iser, em ordem a cubrir Landschut; ambos estes corpos estão unidos. Aos 21 o Marechal Davoust atacou o 4º corpo do exercito, juncto a Eckmuhl; houve uma severa acção, que durou por 12 horas. Aos 22, o segundo corpo do exercito se retirou para Ratisbona, e se combinou com o corpo principal do exercito. O Quartel do Generalissimo, o Archiduque Carlos, estava aos 21, juncto de Eglosheim.

Oitava Relação Official. Recebêram-se novidades de tranquilizar, do 5º. e 6º. corpo do exercito; e tambem do 2º. Estes 3 corpos estão unidos juncto a Oeling o velho. O desfiladeiro juncto a Landschut, onde alguns carrotoens obstruiram o caminho, em quanto se oppunha valorosamente o exercito que avançava, fez inevitavel a perca de

alguma artilheria, e carrotoens. Segundo as relações officiaes, a perca, em homens, não he consideravel ; somente uma divisaõ do regimento de infantaria de Benjaysk, que foi obrigada a passar a ponte do Iser, ja incendiada, soffreo severamente. Os tres corpos unidos seguirãõ os movimentos do exercito principal, debaixo do commando do Generalissimo. Por contas mais modernas o Quartel do Generalissimo continuava ainda em Eglosheim, aos 22 ; e o inimigo na sua posiçaõ. O 2º corpo effectuou uma junçaõ, sobre o caminho de Ratisbona, com o 3º. e 4º. corpo de reserva ; e aos 23 se resolveo fazer um ataque geral ao inimigo. Aos 22, pelo meio dia, soavam os canhoens para a quella parte, com grande estrondo ; e provavelmente, continua a sanguinaria peleja. O combate he levado adiante com extraordinario rancor. Cada individuo sente a importancia da causa porque peleja. Não temos ainda contas definitivas. A corte do Imperador está em Schaerding. Em quanto o exercito principal se avançava ao longo do Danubio, o corpo juncto a Oeling o velho estava prompto ou para operaçoens offensivas, ou para defender o rio Inn. S. M., considerando, a probabilidade de que um corpo do inimigo ameaçasse as fronteiras dos dominios hereditarios, julgou conveniente ordenar, que saísse a campo a milicia da Asturia baixa, Saltzburgo, e Austria interior. A milicia da Austria alta tem estado em armas desde que os exercitos avançaram, parte sobre o Inn, e parte para investir a fortaleza de Oberhaus.

Official.—Austria 26 de Aril. Depois de cruzar o Iser, o Archiduque desfilou, por marchas forçadas com o 3º. e 5º. corpo do exercito, e o 1º corpo de reserva, para Ratisbona, no caminho direito, que conduz a este lugar, em quanto o Archiduque Luiz, com o 5º corpo, tomou o caminho de Neustadt, sobre o Danubio. O designio destas differentes marchas forçadas parece ter sido, impedir, que

o inimigo trouxesse tódo o seu exercito sobre as alturas entre Ratisbona, e Saal; mas isto não se pode infelizmente executar, por causa da celeridade das marchas do inimigo. Este trouxe a sua força principal, que consistia das divisões de Davoust, Oudinot, Lefebvre, e outra; e como o bosque em frente inteiramente occultava toda a sua força, pôde o inimigo arranjar todas as suas operaçoens, segundo as circumstancias. Aos 19 chegou o Archiduque Carlos a Eckmuhl; e o Archiduque Luiz a Lugburgen, no Abin, e Rehu, onde foi atacado com a maior furia pelo inimigo. Ambas as partes mantivéram o conflicto com igual furor, sem perder uma polegada de terreno: o inimigo se esforçou tudo quanto pôde por embaraçar o 3º. corpo na sua marcha para Ratisbona. O Archiduque Carlos tinha o seu Quartel General em Ehlosshagen. Aos 20 capitulou Ratisbona, pelo que pôde o Archiduque Carlos ajunctar-se com o segundo corpo, que veio de Bohemia, e se postou entre Ehlosshagen, e Ratisbona. O inimigo não apreciou éstas vantagens; provavelmente na esperança de que se vingaria bem. Estando senhor das alturas, e tendo, de certo modo, separado o nosso exercito, atacou no mesmo dia o 5º. corpo, commandado pelo Archiduque Luiz, juncto a Sugsburgh; e com tudo este ataque sobre toda a linha não teria feito impressãõ, se este corpo não tomasse a infeliz resolução de retirar-se; sobre o que, sendo vigorosamente perseguido pelo inimigo foi obrigado a deixar atraz a sua artilheria; nos desfiladeiros de Landschut, por onde passa a grande estrada. A retirada do 5º corpo occasionou necessariamente a do 6º., que repentinamente se apressou em seu auxilio, de Munich, para prevenir maiores desgraças. No dia seguinte o Duque de Auerstadt (Marechal Davoust) atacou o 4º corpo, juncto a Eckmuhl, provavelmente para impedir ao Archiduque Carlos, o ir em soccorro do Archiduque Luiz, mas o Archiduque estava determinado a arriscar outro golpe.—Aos 22 tornou a começar a batalha,

com irresistivel furia, e tudo promettia um feliz exito, quando, ás 5 horas da tarde, um consideravel corpo de cavallaria, voltando de perseguir o Archiduque Luiz, attacou a ala esquerda, de maneira que o Archiduque Carlos, ao momento em que foi attacado por numero mui superior, e particularmente por tropas de refresco; e como tambem tinha contra a elle a força, que se dirigira ao 5º. e 6º. corpo, se vio obrigado a cruzar o Danubio, e effectuar a junção com o 5º. corpo. O General Hiller tem agora o Commando do 5º. e 6º. corpo, que se espera em Brannau e Scharding; falla-se de novos arranjamentos, que o General Hiller tem feito.

*França.**Buletins do exercito Francez em Alemanhá.*

Primeiro Buletim. Quartel General em Ratisbona, 24 de Abril.

O exercito Austuriaco passou o Inn aos 9 de Abril; foi este o signal para as hostilidades; e a Austria declarou implacavel guerra á França, e seus alliados, e á confederação do Rheno. As seguintes são as posiçoens do exercito Francez, e seus alliados. O corpo do Dudue d'Auerstadt, em Ratisbona. O corpo do Duque de Rívoli, em Ulm. O corpo do General Oudinot, em Augsburg. O Quartel General em Strasburgo. As tres divisõens de Bavaros, commandados pelo Duque de Dantzic, estavam nas posiçoens seguintes:—A primeira divisaõ commandada pelo Principe Real, em Munich; a segunda, pelo Gen. Deroi, em Landschut; e a terceira, pelo Gen. De Wrede, em Strasburgo. A divisaõ Wurtemberg, em Heydenheim. As tropas Saxonias se acampáram juncto aos muros de Dresden. O corpo do Ducado de Warsaw, commandado pelo Principe Poniatowsky, está nas vizinhanças de Warsaw.

Aos 10 investiram as tropas Austriacas Passau, onde cercáram um batalhaõ de Bavaros, e ao mesmo tempo investiram Kufftein, onde ha outro batalhaõ de Bavaros: estes movimentos tivéram lugar, sem que se desse um so tiro.—Os Austriacos publicáram a proclamação juncta, no Tyrol. A corte de Bavaria partio de Munich para Dellingen. A Divisaõ Bavara, que estava em Landschut, foi para Altorff, na margem esquerda do Iser. A divisaõ commandada pelo Gen. De Wrede, marchou sobre Neustadt. O Duque de Rivoli deixou Ulm para as vizinhanças de Augsburg.—De 10 até 16 do mez avancou o exercito do inimigo, do Inn para o Iser; houve varias escaramuças entre as partidas de Cavallaria, em que os Bavaros tivéram a melhor.—Aos 16, em Pfaffenhoffen, o 2º e 3º regimentos de cavallaria ligeira Bavara derrotáram completamente os hussares de Stipschitz, e dragoens de Rosenberg. Ao mesmo tempo appareceo o inimigo, em grandes corpos, para o fim de se formar em Landschut: cortou-se a ponte, e a Divisaõ Bavara commandada pelo Gen. Deroi, oppos-se vigorosamente a este movimento do inimigo, mas sendo ameaçada por columnas que tinham passado o Iser, em Moorberg e Freysing; ésta divisaõ se retirou em boa ordem, para a do Gen. Wrede, e o exercito Bavaro tomou uma posição central em Neustadt.

Partida do Imperador, de Paris, aos 13. O Imperador soube pelo telegrapho, na noite de 12, que os Austriacos tinham passado o Inn, e sahio de Paris, quasi immediatamente. Chegou, ás 3 horas da manhaã de 16, a Louisburg, e na noite do mesmo dia a Dellingen, onde vio El Rey de Bavaria, e passou meia hora com aquelle Principe; e prometteo-lhe restabelecello em 15 dias á sua capital, vingar os insultos que se tinham feito á sua casa, e fazello maior do que nenhum dos seus antepassados nunca fôra.—Aos 17, ás duas horas da manhaã, chegou S. M. a Donauworth, onde estabeleceo immediatamente o seu Quartel

General, e deo as ordens necessarias. Aos 18 se removeo o Quartel General, para Ingolstadt.

Batalha de Pfaffenhoffen, aos 19. Aos 19 deixou o Gen. Oudinot Augsburgh, e chegou, ao amanhecer, a Pfaffenhoffen onde encontrou 3 ou 4.000 Austriacos; atacou-os e fez 300 prisioneiros. O Duque de Rivoli chegou no dia seguinte a Pfaffenhoffen. No mesmo dia deixou Ratisbona o Duque de Auerstadt, e avançou para Neustadt, approximando-se a Ingolstadt. Era evidente que o plano do Imperador foi ganhar sobre o inimigo, em manobra; havendo-se este formado juncto a Landschut; e attacallo entã, quando suppunham que estavam começando o ataque, e estãvam marchando para Ratisbona.

Batalha de Tann, aos 19. Aos 19 ao amanhecer, o Duque de Auerstadt principiou a sua marcha em duas columnas. As divisoens de Morand, e Guden formãram a sua direita; as divisoens de St. Hilaire, e Friant, formãram a sua esquerda. A divisaõ St. Hilaire chegou á Aldea de Pressing, e ahi se encontrou com o inimigo, superior em numero, mas inferior em valentia; e aqui se abrio a campanha por uma batalha, que foi gloriosissima ás nossas armas. O Gen. St. Hilaire, apoiado pelo Gen. Triant, derrubou tudo quanto se lhe oppos, e tomou todas as posiçoens do inimigo, matou-lhe grande numero, e fez cousa de 600 a 700 prisioneiros.—O regimento 72 se distinguio naquelle dia; o 57 manteve a sua antiga reputaçã. Ha 16 annos obteve este regimento, em Italia, o nome de terrivel; e nesta acçaõ sustentou as suas pretencoens a este titulo; só por si atacou, e derrotou successivamente seis regimentos Austriacos.—Sobre a esquerda, ás duas horas da tarde se encontrou tambem o General Moraud com uma divssaõ Austriaca, que elle atacou em frente, em quanto o Duque de Dantzic, com um corpo de Bavaros, que tinha marchado de Abensberg, attaeou pela retaguarda, ésta divisaõ foi logo expulsada de todas as suas posi-

goens. e deixou varios centos, em mortos, e prisioneiros. Todo o regimento de Dragoens de Levenher ficou destruido, e o seu Coronel morto, pela cavallaria ligeira Bavara. Ao por do sol a divisaõ do Duque de Dantzic formou a sua junçaõ com a do Duque de Auerstadt. Em todos estes ataques os Gen. St. Hilaire e Friant, se distinguiram particularmente. As infelizes tropas Austriacas fóram levadas de Vienna com musicas, e cantigas, e na persuasã de que ja naõ havia exercito Francez na Alemanha, e que elles so o haviam com Wirtemburgezes, e Bavaros, mostráram, da maneira mais positiva, o resentimento que sentiam contra os seus chefes, pelo erro em que os tinham feito cahir; e este erro foi maior quando viram aquelles bandos antigos, que estãvam acostumados a considerar como seus senhores.—Em todas estas batalhas a nossa perca foi inconsideravel, comparada com a do inimigo, que perdeu grande numero de officiaes generaes, e outros, que fóram obrigados a pôr-se adiante para animar as suas tropas. O Principe de Dichtenstein, Gen. Lusignan, e outros ficãram feridos. A perca dos Austriacos, em Coroneis, e officiaes de menor graduaçã, foi muito consideravel.

Batalha de Abensberg, aos 20. O Imperador resolveo bater e destruir o corpo do Archiduque Luiz, e general Keller, que montava a 60.000 homens. Aos 20 se postou S. M. em Abensberg; deo ordens ao Duque de Auerstadt, que ameaçasse aos corpos de Hohenzolern, Rosemberg, e Liechtenstein, em quanto elle com as duas divisõens de Moraud, e Guden, os Bavaros, e Wirtemburgezes, atacava o exercito do Archiduque Luiz, e General Keller, em frente; e o Duque de Rivoli cortava as communicaçõens do inimigo, havendo este Duque passado por Fryberg, e marchado dahi para a retaguarda do exercito Austriaco. As divisõens de Moraud, e Guden formãram a esquerda, e manobrãram debaixo das ordens do Duque

de Montebello. O Imperador determinou pelejar naquella dia á frente dos Bavaros, e Wirtemberghezes, Ordenou elle aos officiaes destes dous exercitos, que formassem um circulo ; e em alta vóz, lhes fez um longa falla. O Principe de Bavaria traduzio para Alemaõ, o que elle disse em Francez. O Imperador lhes fez sentir a confiança que nelles tinha. Disse aos Officiaes Bavaros, que os Austriacos sempre tinham sido seus inimigos; e que agora desejávam annihilar a sua independencia. Que por mais de 200 annos, a bandeira Bavara havia tremulado contra os Austriacos. Mas que agora elle os faria taõ poderosos, que elles, sós por si, poderiam contender com a casa de Austria. Fallou aos Wirtemberghezes, das victorias, que haviam alcançado da casa de Austria, quando elles serviam no exercito Prusso; e das vantagens que recentemente obtivéram, na campanha de Silesia. Dice-lhes a todos, que éra chegado o momento de levar a guerra ao territorio Austriaco; ésta falla foi repetida ás differentes companhias, pelos capitaens, e produzio o effeito que facilmente se pode conceber. O Imperador deo entaõ o signal para a batalha, e arranjou as suas manobras, conforme o character particular de suas tropas. O Gen. Wrede, um official Bavaro de grande merecimento, estava postado em Siegenburg, e atacou a divisaõ Austriaca, que lhe ficava opposta. O General Vamdame, que commandava os Wirtemberghezes, atacou o inimigo pelo flanco direito. O Duque de Dantzic, com a divisaõ do Principe Real, e a do Gen. Deroi, marchou para a Aldea de Rouhausen, a fim de alcançar a estrada grande, que vai de Abensberg para Landschut. O Duque de Montebello com as suas duas divisoens Francezas, forçou a extremidade da esquerda do inimigo, e desbaratou tudo que se lhe oppoz, e avançou para Rohr, e Roseburgh. A nossa artilheria foi bem succedida em todos os pontos. O inimigo, desconcertado pelos nossos movimentos, naõ pele-

jou por mais de uma hora, e tocou a retirada. Oito estandartes, 12 peças de artilheria, e 18.000 prisioneiros, foi o resultado desta acção, que nos custou mui poucos homens.

Batalha de Landschut, e tomada deste lugar. A batalha de Landschut deixou aberto o flanco do exercito Austriaco, e todos os seus armazens: o Imperador, ao amanhecer do dia 21, marchou sobre Landschut. O Duque de Istria derrotou a cavallaria do inimigo, na planicie de frente daquella cidade. O General de divisisaõ Mouton fez marchar a passo de ataque, sobre a ponte, os grana-deiros do regimento 17, que formávam a frente da columna. Esta ponte que éra de madeira foi incendiada; mas isto naõ servio de obstaculo para a nossa infantaria, que forçou a sua passagem e penetrou na Cidade. O inimigo, expulsado de sua posição, foi atacado pelo Duque de Rivoli, que marchou pela margem direita. Landschut cahio em nossas mãos, e com ésta Cidade tomamos 30 peças de artilheria, 9.000 prisioneiros, 600 carrotoens de munição, 3.000 carrotoens de bagagem, e os hospitaes, e armazens, que os Austriacos começavam a formar. Alguns correios, e Ajudantes do Commandante em Chefe, Principe Carlos, e alguns comboys de doentes, que vinham de Landschut, tambem caíram em nossas mãos.

Batalha de Eckmuhl, aos 22. Ao mesmo tempo que a batalha de Abensberg, e o combate de Lanschut produziam resultados taõ importantes, o Principe Carlos se reunia com o Corpo de Bohemia, commandado pelo General Collowrath, e obtinha em Ratisbona alguma pequena vantagem. Mil homens do Regimento 65, que fôram deixados para guardar a ponte de Ratisbona, e naõ recebêram ordem de retirar-se; foram cercados pelos Austriacos, e havendo gastado todos os cartuxos, se vîram obrigados a render-se. Este acontecimento foi sensivel ao Imperador, e elle jurou, que em 24 horas faria correr o sangue Aus-

triacos em Ratisbona, para vingar o insulto, que se havia feito ás suas armas.—Durante este tempo os Duques de Auerstadt e Dantzic ameaçavam os Corpos de Rosenberg, Hohenzollern, e Lichtenstein. Não havia tempo a perder. O Imperador principiou a sua marcha de Landschut, com as duas divisoens do Duque de Montebello, o Corpo do Duque de Rivoli, os Courasseiros de Nansoutz e S. Sulpicio, e a Divisaõ Wirtemburgh. As duas horas da tarde chegaram em frente de Eckmuhl, onde os quatro Corpos do exercito Austriaco, que chegavam a 110.000 homens, tinham tomado a sua posição, debaixo do commando do Archiduque Carlos. O Duque de Montebello atacou o inimigo pela esquerda, com a divisaõ de Guden. Ao primeiro signal, as divisoens dos Duques de Auerstadt e Dantzic, e a divisaõ de Cavallaria ligeira do Gen. Montbrun, tomáram as suas posiçoens. Uma das mais bellas vistas, que a guerra pode apresentar, se vio aqui: 110.000 homens atacados em todos os pontos; voltados na sua esquerda; e succesivamente expulsados de todas as suas posiçoens. A relação circumstanciada destes acontecimentos serã demasiado longa; baste o dizer, que o inimigo foi completamente derrotado; que perdeu a maior parte da sua artilheria, e grande numero de prisioneiros; e que os Austriacos, expulsados dos bosques, que cobrem Ratisbona, fôram forçados a entrar nas planicies, e cortados pela cavallaria. A cavallaria Austriaca, forte, e numerosa tentou cubrir a retirada da sua infantaria; mas foi ella atacada pela divisaõ de S. Sulpicio, sobre a direita, e pela divisaõ de Nansoutz, sobre a esquerda, a linha do inimigo de hussares, e courasseiros foi derrotada; mais de 300 courasseiros Austriacos ficáram prisioneiros. Como entrou a noite, os nossos courasseiros continuáram a sua marcha para Ratisbona. A divisaõ de Nansoutz se encontrou com uma columna do inimigo, que se escapáva, atacou-a, e a obrigou a render-se: consistia de tres bata-

lhoens Hungaros de 1.500 homens.—A divisaõ de S. Sulpicio carregou outra divisaõ do inimigo, onde o Archiduque Carlos apenas escapou de ser tomado : deveo elle a sua segurança á velocidade de seu cavallo : ésta columna foi tambem cortada e tomada. A escuridaõ poz fim ao combate. Nesta batalha de Eckmuhl naõ entrou em acção senaõ metade das tropas Francezas. O inimigo acoçado de perto continuou a desfilir em toda a noite, por pequenas divisoens, e em grande confusaõ. Todos os seus feridos, a maior parte da sua artilheria, 15 estandar-tes, e 20.000 prisioneiros caíram em nossas mãos.

Batalha de Ratisbona, e tomada da praça. Ao amanhecer do dia 23, avançou o exercito sobre Ratisbona ; a guarda avançada composta da divisaõ de Gudin, e dos Courasseiros de Nansout e S. Sulpicio, e bem depressa se puséram á vista da cavallaria, que tentou cubrir a Cidade. Houve tres cargas successivas, e em todas tivemos a vantagem da nossa parte. O inimigo teve 8.000 homens passados á espada ; e cruzou precipitadamente o Danubio. Durante estes procedimentos, a nossa infantaria ligeira tentou apossar-se da Cidade ; por uma inexplicavel disposiçaõ de sua força, sacrificou o Gen. Austriaco seis regimentos sem razaõ alguma. A Cidade está rodeada por um insignificante muro, um mao fosso, e uma má contra escarpa. Havendo chegado a artilheria, foi a Cidade batida com algumas peças de 12. Lembrou, que havia uma parte das fortificaçoens, onde éra possivel, por meio de uma escada descer ao fosso, e passar ao outro lado por uma brecha no muro. O Duque de Montebello mandou a um batalhaõ, que passasse por ésta abertura ; ganharam o postigo e se introduziram na Cidade. Todos os que fizéram resistencia fôram passados á espada : o numero de prisioneiros excedeo 8.000. Em consequencia destas injudiciosas disposiçoens do inimigo naõ teve elle tempo de cortar a ponte, e os Francezes passáram de roldaõ com

elles para a margem esquerda. Esta desgraçada Cidade, que elles tivèram a barbaridade de defender, soffreo consideravelmente. Parte della esteve em fogo durante a noite, mas pelos esforços do General Morand, e sua divisaõ, se extinguiu o incendio. Assim na batalha de Abensberg, o Imperador venceu separadamente os dous corpos do Archiduque Luiz, e General Keller. Na batalha de Landschut, elle tomou o centro de suas communicacoes; e o deposito geral dos seus armazens, e artilheria; finalmente, na batalha de Eckmuhl, os quatro corpos de Hohenzollern, Rosemberg, Kollowrath, e Lichtenstein, fôram derrotados. O corpo do General Bellegarde chegou hoje despois da batalha, este so pôde ser testemunha da tomada de Ratisbona, e despois salvou-se na Bohemia.—Em todas estas batalhas a nossa perca chegou a 1.200 mortos e 4.000 feridos. O Gen. de divisaõ Cervoni, chefe do Estado maior do Duque de Montebello, foi ferido por uma bala e caio no campo de batalha de Eckmuhl. Era este um official de merecimento; e que se distinguio nas nossas primeiras campanhas. No combate de Peissing, o Gen. Hervo, chefe do Estado Maior do Duque de Auerstadt, foi tambem morto. O Duque de Auerstadt lamenta muito este official, cujo valor, intelligencia, e actividade, elle muito apreciava. O General de brigada clemente, commandante de uma brigada de courasseiros da divisaõ St. Sulpicio, perdeu um braço. O Gen. Schramm foi ferido. O coronel do regimento 14 de Courasseiros foi morto em um ataque. Em geral a nossa perca, em officiaes, he pouco consideravel. Os 1.000 homens do regimento 65 que fôram prisioneiros; tem sido pela maior parte retomados. He impossivel mostrar mais valor, e boa vontade, do que tem mostrado as tropas. Na batalha de Eckmuhl o Corpo do Duque de Rivoli não pode unir-se, e assim este marechal esteve constantemente juncto ao Imperador; levou ordens, e fez executar diferentes ma-

nobras. No assalto de Ratisbona o Duque de Montebello, que tinha designado o lugar de passagem, fez levar as escadas pelos seus Ajudantes de campo.—O Principe de Neufchatel, a fim de animar as tropas, e dar ao mesmo tempo provas de confiança aos aliados, marchou muitas vezes na vanguarda, com os regimentos Bavaros.—O Duque de Auerstadt, nestes diferentes ataques, deo novas provas da intrepidez que o caracteriza. O Duque de Rovigo com igual intrepidez e desembaraço atravessou muitas vezes as legioens inimigas, para dar a saber as intençoens do Imperador ás diferentes columnas. Dos 220.000 homens que compunham o exercito Austriaco, todos entráram em acção, excepto os 20.000 homens que commanda o Gen. Bellegarde. Pelo contrario, do exercito Francez quasi ametade não deo um só tiro de espingarda. O inimigo admirado com os movimentos rapidos, e alem do alcance de seus calculos, perdeu em um momento a sua louca esperança, e se transportou ao deliro da presumpção, que se aproxima á desesperação.

Proclamação do General Jellachich aos habitantes do Tyrol.

Tyrolezes! Se sois ainda o que ereis, não ha muito tempo, se vos lembraes da honra, da prosperidade, da liberdade verdadeira que gozaveis, debaixo do sceptro bem feitor da Austria; se a voz do General, que tendes reconhecido como um de vos outros, quando em 1799, elle vos salvou de um perigo imminente pela victoria de Feldkirch, que, no anno seguinte, fez impenetravel as vossas fronteiras desde Arleberg até ao vale de Karabendel, se tudo isto não está riscado da vossa memoria, ouvi o que vos venho dizer; ouvi e vos convocereis.—O vosso legitimo Soberano (deveria dizer vosso pay) vos procura. metei-vos ao abrigo de seu escudo. O seu coração estala de dor, vendo-vos debaixo de uma dominação estrangeira. Vos, seus fieis subditos, tornai a ser os filhos da Austria; e não vos esqueçais deste titulo precioso.—Exercitos Aus-

triacos, mais numerosos que nunca, mais animados e mais patrióticos, vão a entrar no vosso paiz; considerai-vos como irmãos, como filhos do mesmo pay; reunivos a elles; seguindo o exemplo de todos os povos que obedecem ao throno Austriaco. Em fim comportai-vos em tudo, como fizesteis á pouco, admirando a Europa.—Tyrolezes, Deus he com nosco. Nos não procuramos novas conquistas; mas queremos tornar a trazer ao seio de nosso pay imperial, e graciosissimo, os nossos irmãos que delle de separáram. Nada nos resiste, nada pode vencer-nos, desde que nos unimos para nossa felicidade, e para a conservação da nossa existencia. Crede-me Tyrolezes, Deus he com nosco!—Assignado—FRANCISCO, Barão de Jellachich, de Buzin, Cavalleiro da Ordem de Maria Thereza, e Tn. Marechal de Campo, Imperial e Real.

Segundo Buletin. Quartel General de Muhldorff, 27 de Abril.

Aos 22, dia seguinte ao da batalha de Landschut, deixou o Imperador esta Cidade para Ratisbona, e deo a batalha de Eckmuhl. Ao mesmo tempo enviou o Marechal Duque de Istria, com a divisaõ Bavara, commandada pelo General de Wrede, e a divisaõ Molitor, para que se lançassem sobre o Inn, e perseguissem os dous corpos do exercito Austriaco, vencidos na batalha de Abensberg, e no combate de Landschut.—O Marechal Duque de Istria, chegou successivamente a Wilsburg, e a Neumarkt, e achou aqui mais de 400 carros, caixoens, e quipagens, e fez, na sua marcha 1.500, ou 1.800 prisioneiros.—Os Corpos Austriacos acháram, alem de Neumarkt, um corpo de reserva, que chegou ao Inn, onde se formáram, e aos 25, e em Neumarkt tivéram um combate, em que os Bavarezes, a pezar de sua extrema inferioridade, conserváram as suas posiçoens.—Aos 24 tinha o Imperador dirigido o corpo do marechal Duque de Rivoli, de Ratisbona para Straubing e de la para Passau, onde chegou aos 26.

O Duque de Rivoli fez passar o Inn ao batalhão do Po, que aprisionou 300 inimigos, e levantando o bloqueio da Cidadella occupou Scharding.—Aos 25 o Marechal Duque de Montebello teve ordem de marchar com o seu corpo de Ratisbona para Muhldorff. Aos 27 passou o Inn, e avançou sobre Salza.—Hoje, 27, tem o Imperador o seu quartel general em Mulhdorff. A divisaõ Austriaca commandada pelo Gen. Jellachich, que occupava Munich, he agora perseguida pelo corpo do Duque de Dantzig. El Rey de Baviera appareceu em pessoa em Munich. Voltou ao depois para Augsburg, onde ficará alguns dias, esperando até restabelecer fixamente a sua residencia em Munich, o que fará quando o paiz estiver inteiramente livre das partidas do inimigo.—Etretanto da parte de Ratisbona o Duque de Auerstadt se determinou a perseguir o Principe Carlos, que, cortado de suas communicoens com Ian, e Vienna, não teve outro recurso senão retirar-se ás montanhas de Bohemia por Waldmunchen e Cham.—Quanto ao Imperador d’Austria, parece que estava diante de Passau, havendo-se encarregado de sitiá esta praça com tres batalhoens de Landwerth.—Toda a Baviera e o Palatinado estão livres da presença dos exercitos inimigos. Em Ratisbona passou o Imperador revista a muitos corpos, e mandou, que se lhe apresentasse o mais valoroso soldado, a que conferio distincçoens, e penssoens; e o mais valoroso official a quem deo Baronias, e terras. Testemunhou especialmente a sua satisfacção ás divisoens Saint Hilaire e Friant.—Até ésta hora tinha o Imperador feito a guerra, quasi sem equipagens e sem guarda: nota-se que, na ausencia de sua guarda, teve sempre juncto a si as tropas alliadas Bavaras, Wurtemberguezas, querendo dar-lhes, assim, uma prova particular de sua confiança. Hontem chegou a Landschut uma partida de caçadores, e granadeiros-a-cavallo das guardas; o regimento de fuzileiros, e um batalhão de caçadores de pé.

—Daqui a 8 dias chegará toda a guarda. Espalháram um rumor de que o Imperador quebrára uma perna. O facto he que uma bala morta deo no salto da bota de S. M., mas nem lhe tocou na pele. Nunca S. M. no meio de taõ grandes fadigas, gozou melhor saude.—Nota-se como um facto singular, que um dos primeiros officiaes Austriacos, que ficou prisioneiro, nesta guerra, he Ajudante de campo do principe Carlos ; enviado a M. Otto, para lhe entregar a famosa carta, em que se diz que o exercito Francez devia retirar-se.—Havendo-se os habitantes de Ratisbona comportado mui bem ; e tendo mostrado o espirito patriotico, e conferado, que tinhamos o direito de esperar delles ; mandou S. M. que as ruinas, que tinham soffrido, fossem repairadas á sua custa, particularmente a reparaçãõ das casas incendiadas, cuja despeza chegará a muitos milhoens.—Todos os soberanos, e todos os paizes da Confederaçãõ mostram o mais patriotico espirito. Quando o Ministro de Austria em Dresden, entregou a declaraçãõ da sua Corte ao Rey de Saxonia, este Principe naõ pôde reprimir a sua indignaçãõ. “ Vós quereis a guerra, lhe disse El Rey, e contra quem? Vós attacais, e invectivais aquelle que, ha tres annos, senhor da vossa sorte, vos restituiu os vossos Estados. As proposiçoens que se me fazem me affligem; os meus ajustes saõ conhecidos em toda a Europa; nenhum Principe da Confederaçãõ se arredará desses ajustes.”—O Gran Duque de Wurtzburgh, irmão do Imperador de Austria, mostrou os mesmos sentimentos; e declarou, que se os Austriacos avançassem sobre os seus Estados, elle se retiraria, sendo necessario, para alem do Rheno: tal he o modo porque saõ geralmente apreciados o espirito de vertigem, e as injurias da Corte de Vienna. Os regimentos dos pequenos Principes, e todas as tropas alliadas, pedem, ás invejas uns dos outros, que os mandem marchar contra o inimigo. Uma cousa notavel, e que a posteridade observará como

outra prova da assignalada ma fé da nação Austriaca, he que, no mesmo dia em que mandou escrever a El Rey de Baviera a carta aqui juncta, fez publicar no Tyrol a proclamação assignada pelo General Jellachich: no mesmo dia propoz a El Rey, que fosse neutral, e convidou os seus vassallos para que se rebelassem. ¿ Como se pode conciliar ésta contradicção; ou, para melhor dizer, como se pode justificar ésta infamia?

Carta do Archiduque Carlos, a El Rey de Baviéra; datada de 9 de Abril, e inserida no primeiro Buletim do exercito Austriaco.

SENHOR! Tenho a honra de informar a V. M.; que, segundo a declaração de S. M, o Imperador de Austria, ao Imperador Napoleão, recebi ordens para entrar em Baviéra com as tropas que estão debaixo do meu commando; e de tractar como inimigos, os que fizérem resistencia.—Eu desejo ardentemente, Senhor, que vos escuteis os desejos de vosso povo, que só ve em nós os seus libertadores. Tem-se dado as mais apertadas ordens, para que, até se saberem as intenções de V. M. a este respeito, se não commetam hostilidades, salvo contra o inimigo de toda a independencia politica da Europa. Ser-me-hia penoso voltar as minhas armas contra as tropas de V. M., e involver os vossos vassallos nas miserias de guerra, emprehendida a bem da liberdade geral, e cujo principio primordial exclue todo o plano de conquista; mas se a força das circumstancias induzir a V. M. a uma condescendencia incompativel com a vossa dignidade, e com a felicidade do vosso povo; rogo, não obstante isto, a V. M. que esteja convencido de que os meus soldados manteraõ em todo o caso a segurança de V. M.; e eu vos convido, Senhor, a confiar-vos na honra do meu Soberano, e na protecção de suas armas.

Proclamação.

Soldados vós tendes justificado as minhas esperanças; o vosso valor tem suprido o numero. Tendes gloriosamente mostrado a differença que ha entre os soldados de Cesar, e as cohortes armadas de Xerxes.—Em poucos dias temos triumphado em tres batalhas, de Tann, Abens-

berg, e Ratisbona. Cem peças de artilheria, 4 estandartes, e 50.000 prisioneiros, 360 carros aparelhados para bagagem, todas as caixas dos regimentos. Tal he o resultado da rapidez de vossas marchas, e vossa coragem.—O inimigo illudido por um Gabinete perjuro, parece que ja se não lembra de quem nos somos; depressa se acordáram, vos lhes apparecesteis mais terriveis que nunca. Pouco ha, que elles cruzáram o Inn, e invadíram o territorio de nossos alliados: pouco ha que se atrevêram a trazer a guerra ao coração do nosso paiz. Agora, derrotados, e desmaiados, fogem desordenadamente: ja a minha guarda avançada passou o Inn: antes de um mez estará ella em Vienna.—Dado no quartel general de Ratisbona, 24 de Abril, de 1809.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

Terceiro Buletin. Quartel General de Burghausen, Abril 30. O Imperador chegou a Muhldorff aos 27 do Corrente, pela tarde. S. M. destacou a divisaõ do General Wrede para Lauffen, sobre o Salza, a fim de alcançar os Corpos que o inimigo tinha no Tyrol, e que se retiráram com marchas forçadas. O General Wrede alcançou a retaguarda do inimigo, aos 28, juncto a Lauffen, tomou-lhe a bagagem, e fez muitos prisioneiros; mas o inimigo teve tempo de cruzar o rio, e queimar a ponte.—Aos 27 chegou o Duque de Dantzic a Wanesurg, e aos 28 a Altenmark. Aos 29 continuou o Gen. Wrede a sua marcha para Saltzburgh obra de tres legoas da Cidade; e encontrou os postos avançados do inimigo. Os Bavaros seguiam de perto, e entráram com elles na Cidade. O Gen. Wrede assegura, que a divisaõ do Gen. Jellachich está completamente derrotada. Assim foi aquelle General punido pela escandalosa proclamação, com que entregou o punhal nas mãos dos Tyrolezes. Os Bavaros fizéram 500 prisioneiros, e acháram muitos armazens em Saltzburgh. —Aos 28, ao romper do dia, chegou o Duque de Istria a

Burghausen, e as suas partidas avançadas se postáram, na margem direita do Inn. No mesmo dia chegou o Duque de Montebello a Burghausen. O Conde Bertrand se esforçou em concertar a ponte, que o inimigo queimára, aos 30 já estáva prompta ; e todo o exercito cruzou o rio. —Aos 28 um destacamento do regimento 50 de caçadores de cavallo, commandado pelo Cap. Margaron, chegou a Deumoning, onde se encontrou com um batalhaõ da famosa milicia, chamada Landwhes, que á sua chegada se retirou para um bosque vizinho. O capitaõ Margaron intimou-lhes que se rendessem ; depois de muita deliberação, 1000 homens daquella valorosa milicia, postados em um denso bosque, inteiramente inacessivel á cavallaria, se rendêram a 50 caçadores. O Imperador quillo vêr ; elles realmente excitávam compaixaõ ; estaõ mal armados, peor arreiados, e commandados por officiaes velhos de artilheria.—A cruel, e insupportavel tempera dos Austriacos se mostrou plenamente, na occasiaõ em que lhes pareceo terem ganhado vantagens, quando occuparam Munich. O Gram Bailio de Mulhdorff, chamado Starck, que obteve uma facha de distincção d'El Rey de Bavaria, pelos serviços que fez ao exercito na guerra passada, foi prezo, e mandado para Vienna para ser la processado. O Gram Bailio de Burghausen, Conde Armansperg, foi tambem mandado para Lintz, e dali para Vienna ; porque no anno de 1805 naõ cumprio com a requisiaõ, que se lhe dirigio da parte dos Austriacos. —Os Bavaros daraõ, sem duvida, miuda conta dos actos de crueldade, commettidos pelos Austriacos, neste paiz ; para que a sua memoria se conserve até a mais remota posteridade ; ainda que he extremamente provavel, que este seja o ultimo insulto, que a Austria possa fazer aos Alliados da França. Os Austriacos se tem esforçado, tanto no Tyrol como na Westfalia, em convidar os habitantes para que se rebélem contra seus Soberanos.— A Austria tem levantado numerosos exercitos, divididos em Corpos,

como o exercito Francez ; as suas tropas se movem com marchas forçadas, para imitar as tropas Francezas ; os seus Generaes estaõ publicando buletins, proclamaçoens, ordens geraes ; tudo em imitação dos Francezes. Mas o asno naõ adquire a nobreza do leaõ ; por se cubrir com a pele de leaõ ; as orelhas grandes daõ a conhecer a besta.—O Imperador de Austria deixou Vienna, e na sua partida publicou uma proclamação, escripta por Gentz, no estylo e espirito das mais ridiculas obras deste genero. Foi elle para Scharding ; uma posição extremamente accomodada para um Soberano, que nem deseja estar na sua Capital, para governar os seus dõminios, nem no campo, onde elle sabe que so serve de pezo. Quando elle soube do resultado da batalha de Eckmulh, julgou prudente deixar as margens do Inn, e retirar-se para o interior de seus dõminios.—A cidade de Scharding, que está agora occupada pelo Duque de Rivoli, tem soffrido muito. Os Austriacos, na sua retirada, puzeram fogo aos armazens, e queimaram meia cidade, que lhes pretencia. Tinham elles sem duvida um presentimento de sua futura sorte ; o que agora pertence á Austria daqui em diante lhe naõ pertencerá.



Quarto Buletin. Quartel General de Brannau, 1 de Mayo.

Ao cruzar a ponte de Landschut, deo o Brigadeiro General Lacour provas de valor, e sangue frio. O Coronel Lauriston assestou vantajosamente a artilheria ; e contribuiu muito para o feliz exito desta esplendida acção.—O Bispo, e os principaes funcionarios publicos, fõram para Burghausen, implorar á clemencia do Imperador para a sua patria. S. M. os assegurou, que elles jamais voltariam á dominação da casa de Austria. Elles se obrigaram a tomar medidas para fazer recolher os quatro batalhoens de milicias, que o circulo tinha fornecido, parte dos quaes

tinha fugido, e estáva dispersa.—O Quartel general deve mudar-se hoje para Ried.—Em Brannau se acháram armazens com 200.000 raçoens de biscoito e 6.000 sacos de aveia. O Circulo de Ried tem fornecido tres batalhoens para a milicia, mas a maior parte delles, vaõ voltando para as suas habitaçoens.—O Imperador de Austria esteve tres dias em Brannau; e achava-se em Scharding quando soube da derrota do seu exercito. Os habitantes o considéram como causa principal da guerra.—Os famosos voluntarios de Vienna passáram por este lugar, despois da sua derrota, em Landschut, largando as armas, e levando com sigo, a toda a pressa, o terror a Vienna.—Aos 21 de Abril se publicou um decreto Imperial, na Capital, declarando os portos outravez abertos aos Inglezes, renovados os tractados com este antigo alliado, e principiadas as hostilidades contra o inimigo commum.—O Gen. Oudinot fez prisioneiro um batalhaõ de 1.000 homens, entre Altham e Ried. Este batalhaõ estava sem cavallaria, e sem artilheria. Quando as nossas tropas se approximáram, quizeram os inimigos fazer fogo com armas pequenas, mas cercando-os a cavallaria por todas as partes depuzéram as armas.—S. M. passou revista a varias brigadas de cavallaria, em Burghausen, e entre outras a de Hesse Darmstadt; a quem foi servido mostrar a sua approvaçãõ. O General Malulaz, que commanda este corpo, apresentou alguns individuos a quem S. M. foi servido conferir decoçoens da Legiaõ de Honra.—O General Wrede interceptou um Correio, em quem se acharam algumas cartas em pedaços, d'onde se pode conhecer o estado de confusaõ em que está o Reyno.



*Hespanha.**Resumo da conta official, que deo o General Cuesta da batalha de Medellin.*

Depois do movimento retrogrado do meu exercito, cubri a junção da divisaõ de Andaluzia, commandada pelo Duque de Albuquerque; e recebi noticia de que o inimigo havia destacado parte de suas tropas de Miadajac para Merida, e Medellin; logo que isto sube resolvi immediatamente offerecer-lhe batalha, no primeiro lugar conveniente em que o encontrasse. Em consequencia marchei, a 27 do passado; e tendo sabido, na manhaã de 28, que o inimigo concentrara as suas forças em Medellin, marchei para ali com as divisoes do meu exercito, e tendo-as formado em columnas, approximando-me ao lugar, arrangei o plano do ataque na forma seguinte.

A minha vanguarda, e a primeira divisaõ formávam o primeiro corpo da esquerda da linha de batalha; commandada por D. Joaõ de Henostrosa, e Duque del Parque: a segunda divisaõ, commandada pelo Gen. Frias, occupava o centro: a terceira divisaõ, commandada pelo Marquez de Portasgo com a divisaõ de Andalusia do Duque de Albuquerque formávam o corpo da esquerda: toda encarregada ao cuidado do meu segundo o Ten. Gen. D. Francisco de Eguia; eu governava a esquerda por ser o lugar mais ellevado. Situei a cavallaria no flanco esquerdo, por ser o lugar mais forte do inimigo. A artilheria das divisoes estava collocada a frente dellas, e seguia o movimento das columnas.—O inimigo, em numero de 2.600, a 3.000 cavallos, e 18 a 20.000 infantes apoiava a sua retaguarda em Medellin; e ordenou a infantaria em tres columnas cerradas, cuberta pela cavallaria em batalha, nos flancos; a sua artilheria se adiantava em 6 batterias de 4 peças. Nesta ordem começou um fogo vivissimo de ambas as partes. Ja a esquerda chegava a meio tiro de pistola da primeira batteria inimiga, e avança a tomalla á bayoneta, conseguindo que a abandonassem os inimigos que a defendiam, quando uma forte divisaõ de Cavallaria inimiga, protegida por outra de infantaria carregou para a recobrar. A nossa infantaria naõ se deteve, mas os regimentos de Cavallaria de Almansa, do Infante, e dous Esquadroens de caçadores fraquearam, retiraram-se a galope, e deixaram o inimigo em liberdade de atacar a nossa infantaria em todas as direçoens. Os officiaes que mandei para conter a cavallaria foram de roldaõ com ella, eu mesmo, tentando fazellos parar, fui derribado do meu cavallo e me vi entre os inimigos, que na sua carga passáram do ponto onde

me achava, deixando-me ferido em um pe; tomei outro cavallo, e com grande custo me salváram alguns officiaes de que ficasse prisioneiro. Dispersa assim a esquerda, continuava o ataque do centro, e da direita; o centro fez retirar os Francezes para Medellin, e flanqueou-lhe o costado esquerdo. Mas despois que o inimigo conseguiu a sobre-dicta vantagem na minha esquerda, fôram rotos alguns batalhoens pela cavallaria inimiga; e foi preciso que a nossa cavallaria se entrasse a unir para salvar a infantaria. A nossa perda foi grande; o numero de Chefes, e Officiaes mortos, feridos, e prisioneiros chega a 160 de Infantaria, e 10 de Cavallaria; a da tropa não se pode saber, por causa da dispersão; porém he muito consideravel.—A' excepção dos regimentos acima mencionados, cuja ma conducta occasionou a nossa perca, não vi em occasião alguma uma bizarrria igual, a que mostraram todas as tropas, de maneira, que sobrepujou muito as minhas esperanças; e mereciam melhor sorte.—Quartel General de Monasterio, 7 de Abril, de 1809.

Sevilha, 1 de Abril. A batalha de Medellin, posto que mal succedida, foi tão gloriosa ás nossas armas, que nos dá as maiores esperanças de que com valor, e constancia, poderemos formar uma infantaria capaz de defender a independencia nacional. A Juncta Suprema publicou, por ésta occasião, o seguinte decreto.

“ A Juncta Suprema Governativa do Reyno, em nome d’El Rey nosso Senhor Fernando VII. deseñando dar as tropas da Estremadura uma prova da accitação que mereceram ao Estado o arrojo e gentileza, que manifestáram na batalha de Medellin, a fim de que sirva de exemplo, e estímulo aos outros exercitos Hespanhoes; decretou:—I. Que o General do Exercito da Estremadura, e os corpos, que se tem sustentado contra o inimigo, na batalha de Medellin, fôram benemeritos da Patria. II. Que por este e outros eminentes serviços que o Tn. Gen. D. Gregorio da Cuesta tem feito ao Estado, seja promovido ao grão de Cap. General. III. Que todos os officiaes do exercito, que segundo o informe do General se tiverem distinguido

na acção, se lhes conceda um posto de accesso : IV. Que todos os corpos do exercito, que segundo o informe do mesmo General, se tenham sustentado contra o inimigo, sejam condecorados com um escudo de distincção: V. Que aos mesmos se conceda paga dobrada por um mez, contado desde o dia da batalha.—Tendeo assim entendido, e disporeis o necessario, para seu cumprimento.—Ao Marquez de Astorga Vice Presidente—Real Alcacer de Sevilla, 1 de Abril, de 1809.—D. MARTIN DE GARAY.—”

Decreto da Juncta de Sevilha.

As desgraças succedidas aos nossos exercitos nos ultimos dias do mez pasado, occupáram taõ poderosamente a attenção da suprema Juncta central, que para occorrer ao seu prompto remedio, e á defensa do Estado, perdeo de vista, e por assim o dizer, desprezou a sua propria segurança. Porem, depois de ter providenciado ao reforço e armamento dos exercitos, e a todos os soccorros, que em tal situação reclamavam a defensa dos quatro Reynos de Anduluzia, e desta mui nobre e leal Cidade, voltando sobre si a consideração, reconheceo mais tranquilamente, que a sua segurança éra inseparavel da do Estado; que a conservação do deposito da Soberania, posto nas suas mãos, he a primeira de suas obrigaçoens, e que não pode expollo outra vez ao perigo de ser occupado, ou destruido, sem offender a nação, que lho ha confiado. A precipitação com que o Tyranno da Europa caõ sobre a capital da Hespanha, e adiantou suas tropas, até as vizinhanças de Aranjuez, nos fins de Novembro do anno anterior, quando a dispersão dos nossos exercitos tinha abertas a Mancha, a Estremadura, e a Andaluzia, a uma rápida e facil invazaõ, fez patente que entre as perfidas vistas da sua feroz politica a mais principal éra dar um golpe mortal na cabeça do governo; e, apoderando-se do Corpo que o rege, cortar todos os vinculos da associação politica, a sepultar a nação na ultima confusaõ, e desamparo. Que

estas sejam ainda as suas vistas, se infere da direcção, que continúa a dar a seus exercitos, pois confiando mais da astucia que da força, o vemos espreitar, e perseguir o Governo, na sua residencia, sem duvida para se apoderar delle, e abusar descaradamente desta vantagem, envilecendo-o aos olhos da nação, á força de proposições, e tentativas infames, renovando as scenas, escandalosas de Bayonna, forçando-o a authorizar sua usurpação, ou sacrificando-o cruelmente á sua furia, em caso de resistencia ; para obrigar depois as provincias a transacções tão injustas como analogas, aos designios que concebe no meio da insolencia, e fortuna do seu despotismo. Para evitar pois e prevenir estes males, a Juncta Suprema e Central Governativa do Reyno decretou: I. Que logo que vir ameaçado o lugar da sua residencia, ou quando o persuadir outra razão de utilidade, fará sua translação para outra parte ; onde, seguro o Augusto deposito da Soberania, possa attender tranquilamente á defensa da nação, e ao seu bem, e prosperidade: II. Que, no tempo que verificar ésta translação, o anunciará ao publico, declarando o lugar, que eleger para a sua residencia. III. Que a eleição deste lugar será sempre determinada pela maior proporção, que offereça, para attender á defensa, conservação, e bom governo do Estado. IV. Que quaesquer que sejam os accidentes da guerra, a Juncta Suprema nunca abandonará o Continente da Hespanha, em quanto achar nelle um lugar, em que possa estabelecer-se, para o defender contra a força, e perseguição do seu perfido inimigo, como solememente o tem jurado. V. Que este decreto se communique a todas as Junctas Provinciaes, e Authoridades Civis, e militares do Reyno para sua noticia. Tendeo assim entendido, &c. Sevilha, 18 de Abril, de 1809. Assignado; D. MARTIN DE GARAY.

*Portugal.**Relação da tomada da Cidade do Porto pelos Francezes.*

O Ministerio tinha dado todas as ordens para naquella Cidade se ajunctar uma quantidade de tropas, sufficiente para a sua guarnição. Ao tempo em que o General do Minho estava a dar as suas ordens para marcharem as tropas, foi assassinado, e ficou o exercito em anarchia, e tudo em desordem. O Official que marchava do Porto para o Gen. Silveira foi tambem assassinado em Valongo, demaneira que os unicos soccorros, que recebeo aquella infeliz Cidade, fôram os dous batalhoens de 900 homens do N.º. 6, e 18, que o brigadeiro Victoria lhe levou de Amarante em um dia; hum batalhaõ do Regimento N.º. 21, commandado por Champalemont, e depois parte da legião Luzitana, commandada pelo Baraõ Eben, éstas forças, com as que havia na Cidade pertencentes aos dous regimentos de sua guarnição, montavam a 3.000 homens de tropa de linha: havã mais 2.000 de milicias.—A fortificação do Porto constava de 32 baterias, que abraçavam uma extensão de mais de legoa e meia, para cuja guarnição se precisava, ao menos, 25.000 homens. Contava-se erradamente com as ordenanças, mas éstas so faziam a desordem.—Os Francezes tinham emissarios, que astutamente fizêram com que o Povo desconfiasse dos que os commandavam, de maneira que os tres brigadeiros, que ali se achãvam, e que tanto tinham trabalhado para a defeza, expondo-se a todos os perigos, estiveram para ser assassinados, por muitas vezes, ainda mesmo no dia 29.—No dia 26 se nomearam os commandantes: Lima para o lado esquerdo, e Victoria para o lado direito; este arranjou metade da linha, desde o Senhor do Bomfim até o Douro, no dia 27: nessa mesma tarde foi attacado o lado esquerdo da linha do Victoria, e fôram os inimigos repulsados com grande perca; nessa noite se repetio o ataque, e teve o

mesmo feliz exito. —A 28 em todo o dia se repetiram os ataques em varios pontos, mas com maior vigor no sitio da Prelada, e monte Pedral; e fôram os inimigos rechaçados com grande perda, deixando prisioneiro o General Le Foy, o seu Ajudante de ordens, e mais alguns; e se tomáram algumas armas, e cavallo, em todos estes ataques.—Na noite de 28 forçou o inimigo a batteria da Prelada; ás 6 horas da manhã seguinte, a de S. Antonio, e Pedral, e depois a da Agoa ardente; entrando logo pelas ruas da Cidade, e atacando as batterias pela retaguarda. —A ordenança logo desamparou, fugindo com precipitação para a ponte, onde houve immensa desordem e desgraças. O pequeno corpo de reserva, que havia, a demorou alguma cousa nas ruas. O Brigadeiro Victoria destacou para o exterior a Legião e duas partidas com 50 homens; tendo chegado o inimigo até a batteria do Moinho de vento. Na esquerda, ao Sñr do Bom fim, o mesmo Brigadeiro com o seu Ajudante e Tn. Coronel Champalemont, e o Ajudante de Valença Antonio de Azevedo, animáram algum tanto o povo que ali se achava, correo o Brigadeiro a linha do Sñr do Bomfim, e ahi fez arrecuar o inimigo, susteve o povo, e dahi com as duas batterias da direita do Bom fim, fez com que o inimigo não passasse a rua, e não pudesse atacar as mais batterias, até Campanham; e protegeo desta forma a retirada de mais de 6.000 pessoas, que por aquelle lado se retiravam da Cidade.—Ali por varias vezes quiz ajunctar algumas ordenanças porque tinha só 20 soldados, e alguns officiaes do Estado Maior. Neste lugar por duas vezes o quizéram obrigar a retirar-se; mas, em lugar de o fazer, mandou tocar a chamada por tres vezes, e debaixo do fogo da musqueteria, que estava a cuberto de um muro no outeiro do Bom fim, fez continuar o fogo das suas batterias, cujos artilheiros, e mais pessoas merecem todo o elogio.—A cavallaria inimiga tinha penetrado até o Prado do Bispo, mesmo na re-

taguarda do ponto occupado por aquelle Brigadeiro, mas elle lhe tinha cortado os caminhos por tal maneira, que bem longe de poder entrar soffreo grande perda. O Brigadeiro continuou a sustentar este ponto unico, até muito depois de estarem todos abandonados, tanto da direita como da esquerda, por mais de duas horas; de sorte que ás oito horas e meia da manhã entráram os inimigos a Cidade; e elle vendo o commandante da artilheria ferido, e totalmente desemparado das milicias, ordenanças, e tropa, acompanhando-o sómente alguns poucos de officiaes; e não havendo, para lhe defender a retirada, mais que um simples muro, ás onze horas foi obrigado a retirar-se por debaixo do fogo, e não o podendo fazer por Campanham, por estar ja ali o inimigo passou o Douro em Avintes com os dictos officiaes.



Outra conta da tomada do Porto, remettida ao Edictor do Correio Braziliense, por uma testemunha ocular.

Tendo-se formado a linha da defeza da Cidade do Porto do Castello do Queijo, juncto ao mar, até o lugar do Freixo, juncto ao Douro, cuja distancia éra de legoa e meia, se formáram por toda ésta extensaõ 35 batterias, onde se assestáram 200 peças de calibre 12 a 3; e alguns obuzes de 18 a 9. Julgava-se que se poderia resistir a 30.000 homens inimigos, no caso de haver na cidade 15.000 homens de tropa paga; a qual foi repetidas vezes pedida á Regencia, pelo Bispo do Porto, pela Camara, e pelo Juiz do Povo; a resposta foi sempre que la iría ter, para auxiliar a Cidade, o General Miranda, o Exercito Inglez, que tinha desembarcado; e o exercito, que se achava na Cidade da Guarda: e de todas estas promessas, nem um só homem appareceo naquella infeliz Cidade.—A guarniçaõ da linha de defeza, que fica descripta, constava de 2.000 homens de tropa de linha, sendo um batalhaõ do regimento N. 6., outro do N. 18., alguns soldados do regimento de Vianna e Valença, e o resto da Legião Luzitana: 3.000 milicianos, metade com armas, e os mais sem ellas: e todos menos exercitados do que as ordenanças, as quaes subiam a 15.000 homens, dos quaes so 7.000 tinham armas de todas as qualidadés, os

mais delles estavam armados de piques, e nenhum servio. Parte desta gente não estava na Cidade, havendo-se empregado em guarnecer a linha da outra parte do Douro, a qual tinha meia legoa de distancia. No dia 19 de Março tomou esta gente toda os seus postos na extensaõ da linha, e assim estiveram abarracados debaixo do Commaudo dos seus Chefes, sem que houvesse o menor signal de desobediencia; fazendo-se a disciplina, que se observava por todos, mais digna de admiração entre povo. No dia 27 appareceu o inimigo, que abarracou a uma legoa de distancia das batterias, na campina de S. Mamede; e a sua guarda avançada se adiantou, ás duas da tarde, até a distancia de um quarto de legoa das batterias, em numero de 150 homens; sahio a rechaçallos uma companhia de caçadores, dos voluntarios da Cidade, alguns soldados da Legião, e os resolutos paizanos, que se offereceram para este serviço, montando todos ao mesmo numero do inimigo; o qual perdeu o posto deixando 89 mortos; e da nossa parte houveram oito feridos.—No dia 28 pelas dez horas da manhã viéram dous parlamentarios á Cidade propor, que nos rendesse-mos, ao que se lhe respondeo em negativa; e ainda os parlamentarios se não tinham recolhido quando o inimigo começou o seu fogo que continuou até as 11 horas, em toda a linha, atacando sempre com attiradores, e nunca em columna fechada; em toda a extençaõ da linha fôram rechaçados; e estando pelas 4 horas da tarde a batteria de S. Antonio, na direcção da estrada de Braga, em grande perigo, foi soccorrida pela sobredicta companhia de caçadores, que éram da Brigada de Gonçallo Christovaõ, com alguns milicianos; durou a acção até depois de ser noite, sendo o inimigo obrigado a retirar-se com perca de quasi 1.000 homens; dos nossos, entre mortos e feridos, fôram 50.—As 11 e meia da noite renovou o inimigo o ataque, tendo assestado toda a sua artilheria de 12 a 3, em um pinheiral, em um carvalhal; e por de traz de uma casa; e protegendo assim com a artilheria o fogo vivissimo da musqueteria, que faziam por toda a linha, e continuou até as oito horas da manhã seguinte, não obstante a chuva, e mau tempo, que fazia. Aos 29 forçou o inimigo a batteria da Agoardente, S. Antonio, S. Francisco; passou depois á de S. Barnabe, na esquerda da linha, por onde entrou a sua cavallaria em grande numero, a dous de fundo. O povo, e depois a tropa, começou a retirada, passando para a outra parte do Douro; e continuando o fogo no centro da Cidade, onde o inimigo perdeu muita gente, resistindo-se-lhe na direita da linha até as 10 horas, por haver daquella parte alguma tropa de linha, e serem as batterias melhores. O inimigo

traiza muitos espias; pois logo se dirigiram a apoderar-se das ellevaçoens da Cidade, principalmente as que dominavam o Douro; com tudo na rua cham perdeo o inimigo muita gente, pelo fogo de duas peças, que manejavam os clerigos, contra uma columna que se dirigia ao Paço do Bispo, esperando encontrallo, mas elle se havia ja retirado com a caixa militar. A immensa quantidade de gente que correo á ponte para salvar-se da outra parte do rio causou immensa confusão; e mortandade, suffocando-se com o aperto, e tambem por haver quebrado uma das vergas na entrada da ponte; a cavallaria Franceza acabou o resto passando á outra banda do rio. A nossa perca, com tudo, chegaria a 4.000 pessoas, de todas as qualidades; a perca do inimigo se avalua a 3.000 mortos e 2.600 feridos. O exercito inimigo tinha 25.000 homens, mas so entráram no Porto 18.000 commandados por Sault, De labord, Loison, Quesner, Margarou. No mesmo dia déram saque á Cidade, e logo impuzéram uma contribuição á Cidade de 16.000 cruzados por dia, que ainda se estaõ pagando. Os commandantes da nossa linha de defeza éram, na esquerda o Brigadeiro Lima, no centro o Brigadeiro Parreiras, na direita o Brigadeiro Victória, os quaes todos recebiam as ordens do Bispo. As ordenanças tinham por seus chefes os Brigadeiros (titulares) Gonçallo Christovão, Capitaõ de Cavallaria; Bernabe de Oliveira Maia, Negociante, e Coronel de Milicias; Sebastião Leme, voluntario Real e camarista; Luiz de Mello, Alferes da Policia; e os officiaes subalternos éram pela maior parte negociantes, e mechanicos.—Agora resta sabermos porque nem a Regencia, nem o General Beresford nos mandáram os soccorros, que com tanta instancia se lhe pedio sempre, principalmente desde que os Francezes attaccáram Caninha, que foi aos 4 de Fevereiro, e de entaõ ate 29 de Março, certamente havia muito tempo, para chegar ao Porto algum soccorro de tropa; pois a cidade mandou offerecer-se á Regencia para pagar toda a tropa que lhe mandassem; tendo ja grandes quantias junctas nos cofres da Companhia, como consta dos officios registados na Camara do Porto, e no tribunal do Juiz do Povo. O Juiz de Fôra do Porto, o Dr. Barboza, veio como correio á Regencia pedir tropas, a resposta foi que éra tarde; quando só dahi a 8 dias he que os Francezes entráram no Porto. Agora argue-se a Cidade do Porto de falta de o ediencia o que tal não houve. E se alguns dias antes do ataque o povo tomou injustamente sobre si o matar algumas pessoas, geralmente tidas por partidistas Francezes, esse insulto não aconteceria se tivessem mandado para o Porto a tropa necessaria; a qual imporia respeito ao povo; Accusam mais a Cidade do Porto de não querer receber as tropas In-

glezas; o que he falso; pois a unica disputa que houve, sobre os Inglezes, se originou de que, havendo o General Bernardino Freire ajustado com o Brigadeiro Inglez, que commandava 3.000 de sua gente, misturar nas guardas e patrulhas tropas de ambas as naçoens, quando os Inglezes fôram render as guardas naõ lhas quizéram entregar os officiaes Portuguezes por naõ terem ordem de seu chefe; e o povo conjecturou aqui, que os Inglezes se queriam apoderar forçosamente da Cidade; sendo a cauza de tudo a omisaõ do Gen. Portuguez, em naõ dar as devidas ordens, nem explicar despois a sua conducta ao publico, de maneira que o capacitasse, que a culpa naõ era dos Inglezes. Despois de tudo isto, que he a pura verdade, julgo que fica mui claro, que houve muita falta de governo, mas naõ falta de subordinaçaõ.

Resumo de um Officio do Coronel Baraõ Eben datado do Porto 26 de Março de 1809.

Havendo recebido ordem do General Bernardino Freire para me retirar a Braga, cheguei a esta Cidade aos 17 do corrente, e achei tudo na maior confusaõ; as casas fechadas, o povo a correr pelas ruas armado de piques, e espingardas; e logo que me conhecêram, me saudáram com muitos vivas; naõ podia eu saber a razaõ disto, mas ohegando á praça fui detido pela multidaõ da populaça, que pegou nas redeas do meu cavallo, exclamando em altas vozes que estávam promptos para fazer tudo que fosse necessario para defender a Cidade, pedindo-me que os ajudasse, e fallando do seu General nos termos mais ignominiosos. Eu prometti-lhe fazer tudo o que estivesse no meu poder para ajudar o seu zelo patriotico; mas disse, que primeiro devia fallar ao General, a isto permittiram-me o ir adiante acompanhado por 100 ordenanças; pouco tinha andado quando encontrei o General a pe, seguido de grande multidaõ armada; e naõ deixávam passar ninguém, e querendo eu fazello ameaçáram, que me faríam fogo: fui por tanto obrigado a voltar o meu cavallo, o que o povo muito applaudio, dous homens segurávam o General pelos braços, tinham-lhe tirado a espada, &c.—Fui

para a casa que tinha mandado preparar para minha residencia, e para ahi leváram o General, a quem eu saudei com acatamento, o que desgostou muito o povo; fallando eu ao General, não me dava outra resposta se não; salvai-me; e a multidão tudo era gritar matallo! matallo! Eu peguei delle, e quiz á força mettello para casa, quando um homem o ferio levemente, com a ponta da espada, por baixo do meu braço. Aqui se recobrou elle, rompeo por entre o tumulto, e escondeo-se detraz da porta. O povo cercou-nos, forçou-nos a sahir da porta. Eu para lhe fazer uma diversaõ mandei tocar a rebate; e formei as ordenanças em linha; mas o povo continuou a fazer fogo sobre a minha casa onde estava o General. Ultimamente, para o salvar, propuz que fosse conduzido á prisãõ, em ordem a ser legalmente processado. Concordou-se nisto, e foi posto na prisãõ. Julguei que o tinha assim salvado, e o povo pedia que o levassem contra o inimigo, que a este momento se avançava rapidamente em numero de 2.000. Com effeito formei a gente, e avancei com ella, mas pouco depois ouvindo, outra vez tiros fui informado, de que haviam morto o General com chuços, e tiros. Fui agora de novo aclamado general, e dous homens me apresentáram as dragonas, e papeis do General, que eu, por consequencia, não aceitei, fazendo sellar os papeis, e ordenando aos homens que os levassem ao Porto, e fizessem uma relação verbal, do que havia passado, ao Bispo.

O General defunto tinha ja dado ordem a todos os postos avançados, que se retirassem para Braga. Eu communiquei instantaneamente, ao official que commandava em Carvalhos, e aos Commandantes da Ponte do Porto, e Falperra, a minha resolução de defender os seus respectivos postos e dar-lhe todo o soccorro possivel. Como os sinos tocavam a rebate, o numero das ordenanças se augmentava a todos os momentos. Havendo fugido o Corregidor, eu nomeei dous sujeitos habeis para supprir o seu lugar, e

lhe encarreguei particularmente o providenciar mantimento para multidão. Quando eu commandava em S. João do Campo, o General Bernardino mandou em meu auxilio 800 ordenanças, porém elles chegaram sem mantimentos, e na quelle lugar não se podiam obter. Eu lembrei isto ao General, e disse-lhe, que o bem do serviço requeria que, para o futuro, cada homem estivesse provido de tres dias de mantimento, pelo menos, porém desattendendo-se minha queixa, achei a maior difficuldade em obter provimentos. Mandei que se me desse um mappa do que continha o Arsenal; Havia nelle bastante polvora, mas não havia cartuxos de bala para as ordenanças, porque o calibre de suas armas he menor que o dos musquetes. Deo-se-me parte de que o inimigo avançava por Ponte do Porto. Mandei ali um reforço, que o fez retirar. As 3 horas descubrio o povo Custodio Gomes Villasboas (do Estado Maior do defunto General) que se havia escondido em minha casa; e sem attender a sua situação, lhe fizéram fogo, e depois o attaccáram á espada e chuços, e o matáram. Ajunctáram-se mais de 6 000 pessoas fazendo uma bulha e confusão, que se não pode descrever; mas sempre me tratáram com respeito. O inimigo atacou o posto do Carvalho e foi repulsado.*** Os seus movimentos indicavam que elle esperava pouca resistencia; mas o povo estava com muito espirito, e inclinado a fazer uma forte resistencia. Toda a força que eu agora commandava éra de 12 a 1.400 homens; conservando eu sempre em Braga, centro das minhas operaçoens, uma boa reserva. Mandei buscar a Legião a Salamonda, e chegou ás 11 horas da noite parte della, com duas companhias do Regimento de Vianna, que tinham duas peças. A gente vinha extremamente cansada, e sem comer; mas em consequencia dos esforços do novo Corregedor, se lhes suprio pão e vinho ao amanhecer. Eu assestei duas peças da legião no caminho que vai para Ponte do Porto; e eregi

uma bateria para 3 peças, duas das quaes somente fôram cavalgadas. Dividi a Legião pelos differentes postos de tal maneira que mostrasse ao inimigo que eu tinha tropas regulares. Aos 18 atacou o inimigo os Carvalhos; mas soffreo grande perda, e se retirou. No decurso da manhaã chegou o resto da Legião, com 150 homens do Regimento de Vianna, trazendo com sigo duas peças de 3. Chegaram tambem mais 6.000 ordenanças. Percebendo que o inimigo me queria voltar o flanco esquerdo reforcei este lado; e nessa noite todos os meus postos avançados fôram atacados. Havia a maior difficuldade em ter bala para as ordenanças; mas achando um molde para as fazer no arsenal, tirou-se chumbo das igrejas, e naquella noite se fundiram muitas ballas. Os Francezes me mandáram um trombeta intimar-me que me rendesse, porem desapparecendo o official, que o acompanhava, o conservei prisioneiro; e ordenei aos meus postos avançados, que não admittissem parlamentarios. Deste e outros prisioneiros sube que o inimigo trazia 8.000 homens, incluindo 4 regimentos de Cavallaria, e 4 peças de artilheria de cavallo; e esperávam mais reforços. Na manhaã de 19 foram os meus postos avançados de novo atacados; e ás 4 horas da tarde appareceo o inimigo com maior força do que nunca, principalmente juncto aos Carvalhos. Forçáram o posto da Pedralva, e ali perdi duas peças de 3. A noite me habilitou a enganar o inimigo mandando 50 homens da Legião, e 30 do Regimento de Vianna, que se estenderam em uma linha, movendo-se por cima dos outeiros o que mostrava ao inimigo grande face; e assim os contive toda a noite. Aos 20 pela manhaã todos os postos tivéram rebate, avançou o inimigo rapidamente em tres columnas, uma para Guimaraens, outra (a mais forte) para Carvalhos, e a terceira para Ponte do Porto. Fez-se geral o ataque, e as 10 horas estava tudo desbaratado, A maior parte das ordenanças entráram em combate so com tres

cargas para as espingardas, e parte da artilheria não tinha mais que isto; os fugitivos entraram na cidade, seguidos de perto pela cavallaria inimiga, e eu peguei n'um estandarte, o que tambem fizeram os meus Ajudantes Linstou, e Mendez; tentamos tornar a formallos e deffender a Cidade mas tudo foi em vão; porque o povo vendo, taõ perto, a cavallaria inimiga, perdeu a confiança; e a todas as minhas persuaçoens, para que se parassem me respondiaõ, “ não temos muniçãõ: não ha muniçãõ,” O meu estado maior, e eu mesmo, fomos perseguidos taõ de perto por 60 hussares, que apenas pudemos salvar as 3 bandeiras, com a caixa militar, tendo comigo 20 Dragoens. Nestes termos mandei dar fogo a 15 barris de polvora que não podia salvar, e sinto dizer, que oito homens da valente Legiaõ perecêram na execuçaõ deste serviço. Quando os Frãncezes entrãram na Cidade, os habitantes dêram a morte aos presos que eu desejava salvar, e mandar para o Porto; tambem fôram mortos o Corregedor, e outro homem de consequencia. Intentei primeiro defender nas ruas a entrada da Cidade, mas não havendo para onde o Povo se retirasse, vi que sacrificava á minha honra demaziado, tentando defender uma Cidade, que só resistiria mais um dia. Toda a força que eu commandava he a seguinte. Regulares: 120 granadeiros do Reg. de Vianna: 150 da guarniçaõ de Salamonde: 1000 da milicia de Braga; 700 da Legiaõ, e 25 dragoens: total 1095. Irregulares: 5.000 mal armados com espingardas: 11.000 com piques: total 23.000.

Parte do dia 19, de Março de 1809, a noite.

Estado da artilheria na Cidade de Braga.

A artilheria se acha no estado seguinte. Falta bala e metralha para as peças de 12; as de 6 não tem se não polvora; as de 3 tem muito pouca bala e metralha: não ha espoletas; nem velas de mixto, nem pederneiras; ha bastante polvora; mas não ha cartuxos de clavina, nem de pistola, que são os que servem nas espingardas das ordenanças—assignado. Diogo Thomas de Ruxleben. 2º. Tn. de Artilheria.—

*Resumo de uma carta de um official Inglez; datada de
Coimbra, 2 de Abril de 1809.*

Neste momento chego aqui e recebo a carta de V. Exa. datada de Lisboa 30 de Março. Eu julgo-me feliz em saber que vós approvais a minha conducta. Na minha ultima vez ençaõ a V. Exa. de que nas circumstancias actuaes, no attaque da Cidade do Porto naõ quiz eu aceitar o commando da ala esquerda das batterias; mas propuz-me a commandar a Legião, e 4 peças de artilheria ligeira, que deviam servir como corpo movel. O Bispo conceio neste meu plano mas o General Parreiras nunca o executou. Aos 27 pela manhã, tirou elle 30 dos meus artilheiros, e poz nas batterias o official que commandava a artilheria da Legião. Eu propuz ao General estabelecer postos avançados pelas estradas; mas isto naõ se fez. No dia 27 quiz elle um destacamento de 1000 homens da Legião, e eu lhos dei; e fõram empregados como attiradores, contra os corpos avançados do inimigo, e se comportáram extremamente bem; eu tive um official e 4 soldados mortos, e varios feridos. Aos 28 appareceu o inimigo mais forte, e o resto da Legião obrou dividida. Eu, e todos os officiaes Inglezes, estavamos com o Exmo. Bispo na batteria de S. Francisco, animando o povo. Elle vio agora o que tantas vezes eu lhe lembrei e ao General; isto he, que as batterias, sem parapetos, saõ obras mui fracas. Os artilheiros perdêram a confiança, quando viram chegar os attiradores Francezes taõ perto que os feriam nas pernas. Havia em frente destas batterias muitas casas, e arvores, a distancia de 3000 varas; eu propuz que se derrubassem; o que se naõ fez, e agora serviam de abrigar o inimigo, que fazia dali fogo ás batterias. O Exmo. Bispo dice-me, que os Francezes lhe haviam mandado um parlamentario propondo-lhe capitulaçãõ o que, elle naõ aceitou. A meia noite visitei as batterias com o Major C—, e achei grande confusaõ. Eu vi o General Parreiras, que havia removido o seu quartel general para uma barraca á entrada da Cidade; e no decurso da conversaçãõ me disse elle, que o inimigo havia rompido a linha juncto á Prelada; e observou mais, que os Francezes estavam taõ perto das fortificaçõens, que depressa seriam Senhores dellas. Eu li a intimaçãõ que o Duque de Dalmatia mandou ao General, éra escripta na forma do costume, com offercimentos e ameaças; dice-me mais, que lhe haviam mandado tres parlamentarios no decurso do dia, e que elle lhe havia mandar a resposta antes das 5 horas da manhã, mas naõ me communicou ésta resposta. Eu lhe offereci toda a assistencia, que eu, e os mais

officiaes Inglezes lhe pudesse-mos prestar, o que elle agradeceo mas não accitou. A's tres horas da manhã de 29 tocou o sino a rebate; e entre as 5 e 6 attacou o inimigo com a artilheria; assestando algumas peças contra S. Francisco, mattando algumas pessoas na casa da guarda; mais para a esquerda attiráram os Francezes com algumas granadas á linha, e isto poz as ordenanças em confusãõ, e estas espalháram o terror por toda a linha. Entre as 7 e as 8, era geral a retirada, e os fugitivos se recolhiam á cidade seguidos mui de perto pelos Francezes. Não vi mais o General Parreiras; e sube ao depois, que ás 7 horas passára a ponte, e fôra com o Exmo Bispo. Não se fazendo resistencia alguma na cidade; nem havendo preparativos para defensa, uma partida da Legião, que vinha das batterias, e alguns soldados Inglezes, capitaneados pelo Major Domingos Bernardino, se portáram com grandissima valentia; este official ficou levemente feridos, e teve o seu cavallo morto debaixo de si.—O General deo ordem para que fosse cortada a ponte, que conduz a Villa nova; mas isto so se executou em parte; e ao depois, quando começou a retirada, e o povo queria todo passar pela ponte, se tornaram a por os pontoens se que haviam tirado. Mal poderia exprimir a desordem e horridas scenas, que vi, e posso dizer que centos destes desgraçados foram mortos no aperto, principalmente mulheres e crianças, e pessoas de inferior condiçaõ. Parece-me que os Francezes tinham bons guias, e escolheram posiçoens donde faziam fogo aos botes, que atravessavam o rio com gente. Avançáram á rua das Flores, e rua Nova, onde uma partida da Legião se lhe oppoz por algum tempo, e fez grande execuçaõ principalmente entre a cavallaria, mas soffreo muito, e se vio obrigada a guarnecer o posto do mercado do peixe, e por fim cedeo á multidaõ do inimigo. Tomaram os Francezes posse da ponte, e havia nesse lugar duas peças debaixo do arco, os artilheiros fizéram fogo duas vezes; eu e o Major C—, persuadidos de que tinhamos cumprido com o nosso dever, cruzamos o rio n'um pequeno bote, por baixo de um pezado fogo do inimigo; deixamos os nossos cavallos. Indo para o Monte da Serra achei uma peça de seis, que atirava sem fazer bem algum, os que a manobrávam não quizéram attender ás nossas representaçoens, e matáram mais Portuguezes do que Francezes. Tratei agora de retirar-me, estando certo de que os Francezes ali chegariam em breve tempo. Eu e o Major marchamos a pé 3 legoas, no caminho de Ovar, onde me embarquei, e gastei 24 horas até Aveiro. Sou obrigado a dizer a V. Exa. que o povo, nesta infeliz retirada, me mostrou o maior respeito e attençãõ. Cheguei a

Coimbra no 1.º de Abril, havendo perdido toda a minha bagagem
E aqui se me tem reunido muitos da Legião, que se pudéram retirar.

—◆—

Proclamação da Regencia na Perca do Porto.

PORTUGUEZES! Desgraçadamente se acabam de experimentar na Cidade do Porto os terriveis effeitos da turbulencia, e insubordinação. Huma Cidade populosa, defendida por 200 canhoens, 24.000 homens armados, succumbio aos ataques de um pequeno exercito; a sua numerosa artilheria, e milhares de armas, e munições, são preza do inimigo: o conquistador tem saciado a sua raiva, sobre os seus miseraveis habitantes; e ésta cidade, que podia ser um dos baluartes da independencia portugueza, he um novo ponto de apoio aos projectos do Tyranno. Taes são as consequencias de uma orgulhosa anarchia!— E por ventura conseguiriam os Francezes a conquista do Porto, se, entre os seus habitantes, se conservasse a devida obediencia ás authoridades civis, e militares? Que terrivel exemplo offerece um povo, quando as paixoes e as intrigas fazem callar a justiça, quando o crime se arroga o poder da ley; e quando as ordens do Governo são substituidas pela caprichosa impulsão, do orgulho, e do destino.—Os revoltosos calcando temerariamente aos pés a sanctidade das leis e os direitos da Soberania, dilacéram a Patria, que se figuram defender contra os inimigos nacionaes: a feia palavra de traição, tanto mais temivel, quanto he mais puro o coração da Cidadao virtuoso: faz transtornar as operações dos Chéfes, faz suspender o exercicio das authoridades, e faz suffocar a energia dos que devem obrar em serviço da Patria:* os timidos estreme-

* Mutato nomine de té narratur fabula. Vide os decretos pelos quaes a Regencia admitte delações occultas, e prende sem fazer processos: até valendo-se da Inquisição.

em: os resolutos são atrozmente insultados, e o Patriotismo he confundido com o crime, e com a revolta.—So he patriotismo aquella heroica paixão, que tende ao bem e á gloria da Patria.

Quem offende as leis, quem desobedece aos Chefes e aos Magistrados, e quem se constitue arbitro do poder Supremo, he um inimigo do seu Principe, e da sua Patria. Esse he o verdadeiro traidor; porque expoem a Monarchia á sua ruina e perlição. Os habitantes do Porto obedientes e unidos, serfiam um antemural impenetravel aos ataques dos Francezes: insubordinados, e divididos entre si, fôram uma desgraçada victima do seu erro. Os nossos antepassados sô pela heroica obediencia aos seus chefes conserváram a independencia de Portugal; atravessáram desconhecidos mares, amedrontáram as costas da Africa, e fizéram estremecer o Oriente. Aos que celebráram a gloria Lusitana, não esqueceo como um dos maiores motivos do nosso louvor, a prompta obediencia dos nossos Maiores no meio dos perigos, dos horrores a das privações. Assim he que immortalizamos o nome Portuguez, em todas as partes do Mundo.—E offuscaremos hoje a brilhante gloria de tantos seculos, fabricando nos mesmos os ferros de uma vergonhosa escravidão? Pela vossa insubordinação, quando intentais repellir os insultos dos Francezes, entregais os vossos bens, os vossos filhos, as vossas mulheres, e a vossa amada Patria, a esses usurpadores da Europa. Sim os primeiros passos que déram os Revolutionarios da França, para desorganizar o seu Governo foi desacreditar o seu Soberano, os seus Generaes, e os seus Magistrados. Despedaçado o vinculo social, que liga o Povo com o Governo, fica transtornada a ordem social. Estas são as infernaes maquinações, que precedem os seus exercitos; assim elles preparam a invasão de todos os Estados, e desta maneira pretendem abusar do vosso Patriotismo.—Acautelai-vos não vos deixeis cabir no laço,

que vos armam os inimigos, e fechai os vossos ouvidos ás insinuaçoens dos seus perfidos emissarios. O Governo vigia incessantemente sobre a conservação da Patria; a sua defeza esta confiada a Generaes de credito; executai confiadamente as suas ordens; descançai sobre a honra, e fidelidade, e vós mostrareis aos inimigos, que se elles alguma vez podem conseguir vantagens sobre um povo allucinado, nada podem conseguir do vosso valor, quando he dirigido pelos principios da honra, e da subordinação.— Os Governadores do Reyno, satisfazendo ao dever sagrado de defender a Monarchia, vos expõem as fataes consequencias da desobediencia, e da desconfiança; tambem vos advertem, que não ficaraõ impunes taõ horrendos crimes. Ao mesmo tempo que tem dado providentes medidas, para com o auxilio das valorosas tropas Britanicas, confundir o orgulho de nossos inimigos, e lavar em seu sangue tantas injurias, por elles commettidas contra a Sanctidade dos altares, contra o sagrado do throno, e contra a vossa honra, e propriedades; castigaraõ os perversos, que entre vos maquina a ruina do Estado.—O maior de todos os delictos he o que attaca a independencia, e segurança nacional. Tem-se feito advertencias; tem-se publicado decretos; e elles não seraõ illusorios. Não confundaes os Cidadãos fieis com os malvados, que a lei manda punir. Vos vedes os castigos que se impoem aos inimigos do Estado, sejam só elles os reos contra quem se vibre a espada da justiça. Se algum ha entre vós, que seja suspeito ou infiel delataio, e será punido com a severidade que merecer. Palacio do Governo em 7 de Abril, de 1809.

JOAÕ ANTONIO SALTER DE MENDONÇA.

*Noticias do Exercito do Minho.**Extracto de uma carta do Brigadeiro Silveira, ao Secretario de Guerra D. Miguel Pereira Forjaz.*

No dia 9 cheguei a esta terra, a tempo que o inimigo nos fazia um reconhecimento em força; mas retirou-se apenas avistou as nossas avançadas, e incendiou todos os povos, que ha daqui ate Penafiel. Hontem fiz um reconhecimento, e postei uma avançada nas alturas de Villa Meã, legoa e meia de Penafiel, e o resto da gente que commando, em Manhufe, duas legoas da mesma Cidade. Hoje se tem avistado as avançadas, mas não tem havido fogo até agora. Quartel General de Amarante 11 de Abril de 1809.—Francisco da Silveira Pinto da Fouceca.

Outro extracto do mesmo datado de Amarante 21 de Abril.

Em todos os dias antecedentes houve combates nas guarilas avançadas. Tive porém noticia que um corpo consideravel de cavallaria inimiga se encaminhava dando volta por Guimaraens, a tomar a ponte de Amarante, e cortar-me assim a retirada; tive ainda tempo de ganhar a dicta ponte, e estreicheirar-me da outra banda do Tamega, frustrando deste modo os seus designios. Ahi tenho sido atacado nos dias 17, 18, 19 e 20, e ainda no 21, com grande força; sempre porem ostendo rechaçado com bastante perda, e conservo as minhas posiçoens, &c.

Lisboa, 2 de Maya. O Principe Regente N. S. foi servido por carta Regia expedida, na data de 29 de Abril do presente anno, ao Tn. General Arthur Wellesley, Cavalleiro da Ordem do Banho, e commandante em Chefe do exercito de S. M. Britanica nestes Reynos, conferir ao dicto Tn. Gen. a graduação e honras de Marechal General dos seus exercitos, para nesta qualidade dirigir as operaçoens dos mesmos exercitos, quando houverem de combinar-se com as de S. M. Britanica; querendo S. A. R. por este modo dar um testemunho publico da consideração e confiança, que lhe merecem os efficazes socorros, com que o seu bom amigo e alliado El Rey da Gran Bretanha tem auxiliado estes Reynos, na justissima cauza da sua independencia, e igualmente do apreço que faz das eminentes qualidades do referido Tn. General. O Commando porem dos exercitos Portuguezes ficará pertencendo ao Marechal Guilherme Carr Borsford, a quem S. A. o havia confiado.

Carta do Marechal Beresford ao Juiz do Povo de Coimbra,

Senhor Juiz do Povo! Foi com a maior admiração, que sube pela carta do Coronel Trant, Commandante de Coimbra, que V. m. se atreue a illo procurar da parte do povo, querendo-se intrometter no que diz respeito ao movimento das tropas, debaixo das suas ordens, fazendo-lhe representaçoens, e pedindo scr informado sobre este objecto, como se V. m. ou o povo de Coimbra, pudessem ter alguma influencia, no modo de defeza, que se deve adoptar, ou que se tem adoptado para este Reyno. Este foi o procedimento dos habitantes do Porto, e a causa da ruina daquella rica Cidade, e da morte de tantos habitantes; julgaria eu este exemplo teria mostrado bastantemente a necessidade absoluta de obedecer ás leis, e ás authoridades constituídas em uma Cidade, que lhe fica taõ proxima como Coimbra. Mas sinto infinitamente achar, que os emissarios do inimigo tem partidos nessa Cidade, para incitar a insubordinação; e espalhar a desordem e a confusão, pelas quaes so nos pode arruinar. Ainda que por muitas razoes teria grande pena de impor um castigo na Cidade de Coimbra, a qual antes quereria favorecer; pelo obzequio e attenção, que nella pessoalmente tenho recebido; naõ obstante, se o povo se atreve a desprezar as leis, e a resistir á authoridade legal, ou de alguma forma a incitar a insubordinação das tropas naquellas visinhanças, e se naõ prestar, como deve, aos chefes militares aquella obediencia, que a lei determina, sêjam as suas ordens quâes forem, tenho tropas bastantes fieis ao seu Principe, e a sua Patria para os castigar, e naõ demorarei um instante mandallas marchar para esse fim. A sugeição que os Magistrados tem para a vontade do povo he uma das causas da insubordinação, que reyna actualmente neste Reyno, e á qual he preciso pôr um termo. V. m. explicará éstas intençoens, e estes sentimentos aos habitantes de Coimbra, que espero conbeceraõ, tanto pelo proprio

interesse, como pelo da Patria que ésta conducta he incitada pelos emissarios Francezes, e que adoptem daqui em diante um procedimento mais louvavel. Ordeno que V. m. immediatamente venha a este Quartel General, informar-me do estado das cousas em Coimbra, para que eu possa por ella governar os meus movimentos, e para que V. m. responda do seu procedimento, em se ter atrevido em dictar aos Officiaes militares sobre o que diz respeito ao serviço. Quartel General de Thomar, 9 de Abril, de 1809.
(Assignado) W. C. BERESFORD.

*Observaçoens sobre as noticias deste mez.**Alemanha, e França.*

Estes dous paizes desembainharam a espada, como se vé das noticias que dou, nos artigos correspondentes; infelizmente, não viêram completos os Buletims Austriacos, ao mesmo tempo que nos chegarã sem interrupção as relaçoens Francezas; mas não obstante ésta vantagem, a favor das noticias que daõ os Francezes, ainda assim se conhece, o despejo de suas exaggeraçoens. O Relatorio de Champagny vinha acompanhado de muitos documentos, mutilados a seu modo, que não coube no tempo inserir neste numero; entã se verá o flagrante acto de iniquidade do governo Francez, em publicar correspondencias authenticas de ministros acreditados, sem as dar completas; e isto para fazer cahir sobre a Austria o odio de ter começado a guerra. A falla do Senado, ja não admira, he um tecido de expressoens de baixaza, com que os escravos de Paris adulam a seu Senhor, para ver se adquirem una fita vermelha. Da

Hespanha.

Poucas noticias tivemos este mez, mas he mui interessante o decreto da Juncta em Sevilha, porque elle mostra a disposiçã do Governo taõ necessario a saber, como o estado das tropas.

O mais importante factõ he a proposiçã, que fez José Buonaparte á Juncta Suprema para tractar com ella, e entrar em termos de Capitulaçã; he mais que provavel, que as intençoens de Buonaparte fossem adormecer a Juncta em quanto se acha empregado no Norte da Europa; mas a vileza dos meios he notavel, querer tractar com aquelles mesmos que está chamando rebeldes.

Portugal.

He agora o mais importante objecto das operaçoens do dia; e ás noticias, e documentos, que deixo referido, naõ posso deixar de addir algumas observaçoens. A nomeaçãõ do Gen. Arthur Wellesley para Commandante em Chefe de todos os exercitos em Portugal deve dar um grande prazer a todo o Portuguez, pelas optimas consequencias, que daqui devem resultar; mui principalmente havendo seu irmaõ sido nomeado para Embaixador em Hespanha, de que se deve esperar uma uniaõ de sentimentos, e de operaçoens por extremo favoravel á causa da Peninsula. Isto porém naõ deixa de ter seus espinhos; e pelo theor da maior parte das cartas de meus correspondentes em Portugal conheço que lá se pensa a este respeito; mas eu conjuro aos Portuguezes a reflectir, que naõ havia outro meio de salvar a naçaõ; e que seja qual for a humiliaçaõ que soffra por agora o orgulho nacional, atrevo-me a provar-lhe, que da qui lhe resultará fazerem-lhe os Inglezes muito mais bem do que intentam fazer-lhe. O comportamento do Governo Portuguez, desde que riscou da representaçaõ nacional a classe popular, tem sido tal, que perdendo gradualmente a confiança do povo, só era obedecido á força. Os nobres, que n'um governo Monarchio he preciso, que possuam o respeito da naçaõ, estavam em Portugal desacreditassimos; os homens de talentos achavam-se mettidos na escuridaõ; estudando mui cuidadosamente occultar, que liam algum livro bom, a que em Portugal se lhe da o nome de leitura prohibida; porque saber-se que um homem em Portugal lia alguma cousa alem do flos sanctorum, e ter o billigim Manique a perseguillo, eram cousas consecutivas; desta maneira, naõ se podendo conhecer os homens de merecimento, por via de regra, só os intrigantes, aduladores, cortezaõs astutos eram os empregados, os exemplos em contrario eram partos do accaso, naõ consequencias de systema. E se naõ vejã os creditos e graduaçãõ, que obtiveram na Corte, D. Lourenço de Lima, o Inquisidor mor, o Manique, e outros malvados desta casta. Em tal estado das cousas como será possivel descubrir homens, em Portugal, para o Governo, que sejam de conhecida capacidade, e gozem da confiança da Naçaõ? O mal vem de traz, e he uma gangrena, que só se remedea com a amputaçãõ. Dirãõ que he uma humiliaçaõ ver-se a naçaõ capitaneada, dirigida, e governada por estrangeiros. Sim senhor, concedo: mas peor mal he naõ reconhecer a necessidade disto, e deitar-se a naçaõ a perder pela obstinaçaõ de naõ confessar o deploravel estado em que se acha. O povo tem, por uma taõ longa serie de annos, sido maltratado pelo

homens publicos, que apenas se nomeia alguém de novo, para o governo, já o povo o suspeita de máo; ao menos estou seguro, que nem um só homem em Portugal terá a menor desconfiança de que Sir Arthuro Weslesley seja traidor; e direi eu o mesmo dos empregados nacionaes, ou dos que se poderiam empregar? Não.

Os Inglezes são povo livre; e ainda que os militares, que forem governar Portugal, sejam por inclinação, por habito, ou por officio, inclinados ao despotismo, que sua profissão inspira, haõ de por força introduzir entre os Portuguezes as suas ideas, de liberdade Inglezá, ainda sem o quererem fazer: o que será de um beneficio incalculavel na triste situação a que a nação está reduzida. Por exemplo, o Marechal Beresford fez imprimir em Coimbra uma proclamação mui util, sem licença do Governo; nenhum official Portuguez habituado á escravidão, em que a imprensa se acha em Portugal, se atreveria a tal fazer; mas agora com este exemplo, Silveira fará o mesmo, quando vir que isso convem ao bem publico; o patriota escreverá um folheto, e assim pouco e pouco se destruirá o perniciosissimo costume de não imprimir cousa alguma sem licença previa.

Mas ja que fallei na proclamação do Gen. Beresford, me permitirá este Gen. que eu lhe note, quam pouco racional me parece, que elle se unisse á Regencia em gritar, que a insubordinação dos Portuguezes he a cauza dos males do Reyno, e motivo primario da perca da Cidade do Porto; porque quanto a mim tal não ha; e se o Marechal esta convencido do que diz, como julgo, deve estar mui mal informado. Primeiramente, fallando da nação Portugueza em geral chamar-lhe insubordinada, he accusação para que não vejo o menor fundamento: e se não digam-me. Um general estrangeiro, Dalrymple, depois de fazer uma capitulação com o inimigo, tal que na sua nação quasi o apedrejaram por ella, atreve-se a dictar aos Portuguezes o Governo, que deviam têr, e escolhe uma Regencia, que encontrou a desapprovação geral; e não obstante isto submeteram-se os Portuguezes, e obedeceram a este governo: que outra nação soffreria tal? E ainda assim lhe chamam insubordinados. A mesma carta, que o General Beresford escreveo ao Juiz do Povo de Coimbra, he uma prova da humildade dos Portuguezes; e senão que venha elle ca para Inglaterra escrever uma que tal ao Juiz do povo de Londres, e veremos o que lhe surde. Advirta-se, que eu não escuso o Juiz do povo de Coimbra, se elle, de facto, se quiz intrometter nas operaçoens militares, e devêra ser por isso castigado, ou ao menos reprehendido mui severamente; mas este castigo não é da competencia do General.

Mas a principal prova de insubordinação, que allegam, he a perca do Porto: eu li com bastante attenção as relações, que recebi d'quelle acontecimento; e publico aqui algumas, que não obstante variarem alguma couza entre si, merecem-me muito credito; pois conheço individualmente as pessoas de quem as obtive; e certamente não vejo nessas contas o menor symptoma de que a Cidade do Porto se perdesse pela insubordinação do Povo.

Antes da chegada dos Francezes matou a população alguns presos, que suppunha serem partidistas do inimigo; foi isso muito mal feito, he um crime; e oxala que se descubrissem os seus authores e fossem enforcados, para exemplo: mas que tem isso com a falta de Generaes que havia no Porto, que tem isso com o não haver la tropa de linha sufficiente; nem engenheiros capazes de arranjar as defensas; nem cartuxos e bala em Braga, na acção de 20 de Março, nem mantimentos para as ordenanças, que se ajunctáram aos 1095 soldados que ali havia &c. &c. a éstas faltas he que eu attribuo a queda, tão apressada, do Porto, e isto são sem duvida faltas de quem governava, e não do povo que éra governado. Tudo quanto o Bispo do Porto fez he digno de mil louvores; mas so um mentecapto quereria exigir deste patriótico Prelado, que elle tivesse conhecimentos militares, capazes de oppor aos do Marechal Soult, que por mais endiabrado assassino, que seja, he um General experimentado. Em uma palavra não metter na importante Cidade do Porto soccorros alguns, e gritar agora que o povo a perdeo por insubordinação, parece-me muito má desculpa.

Em uma palavra toda a energia da Regencia se tem mostrado, em fazer prizoens, e admittir denuncias occultas; e perpetuar assim as rixas dos Portuguezes uns contra os outros, em vez de os fazer briggar contra o inimigo. Eu julgo, que as pessoas prezas agora em Lisboa, o são por crimes, que se dizem ser commettidos depois da expulsão dos Francezes; porque a suppor eu que éra por cousas antigas, então lhe faria o commentario, referindo aqui os decretos, e ordens que os mesmos Regentes passaram, em obediencia a Junot; e veriamos se são elles os que podem attirar a primeira pedra. Mas ainda suppoudo que os presos o são por crimes modernos; o modo de proceder he tal que, se o practicassem aqui em Inglaterra, produziria um abismo. Quando não fosse, o mal de admittir delações anonymas, medida horrorosa, bastava a impolitica de mandar prender a gente na Inquisição: prissoens odiosas ao povo por sua origem: e agora abominaveis, pelas addições, se uso que dellas fez o sanguinario Lagarde. Quanto a mim, se os Regentes quizessem de proposito fa-

zer-se odiados da nação não podiam seguir melhor plano. E ainda se queixam de insubordinação no povo.

Um acto de insubordinação formal foi o assassinio do General Freire, (em Braga, não no Porto.) Eu não quero desculpar, nem paliar de forma alguma este crime, que o povo commetteo; foi um acto horroroso em todos os sentidos, merece a minha execração. Mas tambem não posso escusar a conducta do General morto, que o provocou, com sua indolencia, ou ignorancia (se teve peiores motivos não tenho a menor razão para o conjecturar.) Por exemplo, quando o povo gritou que o levassem a combater o inimigo elle não quiz; pelo contrario mandou retirar todos os postos avançados que tinha, sem brigar. Não he isto motivo bastante para inflamar um povo que se deseja defender. Diraõ que o Gen. sabia que não tinha munições, e o povo ignorava isso. Mas nesse caso porque as não procurou antes. O Barão Eben tomou o commando depois da morte de Freire, e não obstante as tristissimas circumstancias em que se achava, contramandou as Ordens de Freire; e com um valor que o cobre de gloria, ordenou aos postos avançados, todos que se defendessem, e demorasem o inimigo, em quanto elle preparava as ordenanças em Braga, e nessa noite mandou tirar o chumbo das Igrejas; e fundio bala; em um so molde que achou; isto he o que eu chamo actividade, mas de que podiam servir as preparaçoens de uma noite, e no meio da confusão em que a Cidade de Braga se achava? Os Francezes vencêram, mas o Barão mostrou o de que éra capaz, em melhores circumstancias. Assim tambem o povo poz nelle mais confiança do que jamais poz no Freire; ésta ha a consequencia de obrar bem, ainda quando se he mal succedido.

Mas em fim deixemos pecados velhos, Sir Arthuro Wellesley metterá as cousas a caminho; eu estou certo que elle porá em boa ordem o que diz respeito ao militar; e teuo a desejar, que elle se lembre de conservar a energia dos Portuguezes, introduzindo entre elles alguns da quelles estabelecimentos, que tem feito a prosperidade, e felicidade da patria do General Wellesley; mas se elle for tão egoista, que não queira communicar aos Portuguezes os bens de que os seus compatriotas gozam, ainda assim, a grande influencia que os Inglezes devem ter agora em Portugal os communicará, posto que entãõ mais tardiamente; mas haõ de communicar-se; que o exemplo no mundo moral, he tão irrecsistivel, como o contagio no mundo phisico.

POST-SCRIPTUM.

Quando este Numero fa para a imprensa tivemos o grande prazer de receber as noticias da tomada do Porto pelo Gen. Wellesley ; e derrota do exercito Francez ; naõ he, por ésta razão, possivel dar aqui a relação da acção, que se resumio na seguinte carta official.

Londres, Downing Street, 24 de May de 1809.

MY LORD! Tenho a satisfacção de informar a V. S. que o Honrado Cap. Stanhope chegou ésta tarde, com cartas do Tn. Gen. o Muito Honrado Sir Arthuro Wellesley, em que da conta de haver derrotado o Marechal Soult em tres acçoens, aos 12 do corrente. Na ultima acção, passou o Tn. Gen. o Douro com a sua columna do centro, em frente do exercito Francez. O Reg. Buff, commando pelo Tn. Gen. Paget, foi o primeiro que cruzou o rio, mantendo uma posição, com o maior valor, contra os repetidos ataques do inimigo, até que fôram auxiliados por outros regimentos. Logo que as outras duas columnas passáram, uma no Porto, e a outra em Avintes, o Marechal Soult se retirou em grande confusão, com grande perca de homens e de artilheria.

Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) CASTLEREAGH.

Ao muito Honrado Lord Maior.